

ISSN 2675 - 956X

# Revista Canudos

Vol. 12, 2022



**UNEB**  
UNIVERSIDADE DO  
ESTADO DA BAHIA



**CEEC**  
Centro de Estudos  
Euclides da Cunha

ISSN 2675-956X

# Revista Canudos

Salvador, v. 12, p. 1-134, 2022



**CEEC**  
Centro de Estudos  
Euclides da Cunha

Publicação anual temática do Centro de Estudos Euclides da Cunha que analisa e discute assuntos relacionados ao Semiárido dos Estado da Bahia, aberta a contribuições externas, desde que estejam de acordo com a linha editorial adotada. Os artigos são de inteira responsabilidade de seus autores. É permitida a reprodução parcial ou total, respeitada a obrigatoriedade da citação da fonte.



## **UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

ADRIANA DOS SANTOS MARMORI LIMA

Reitora

DAYSE LAGO DE MIRANDA

Vice-Reitora

TÂNIA MARIA HETKOWSKI

Pró-Reitoria de Pesquisa e Ensino de Pós-graduação

## **CENTRO DE ESTUDOS EUCLYDES DA CUNHA**

MANOEL ANTONIO DOS SANTOS NETO

Coordenador

### **CONSELHO EDITORIAL**

Prof. Dr. Charles D'Almeida Santana  
UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>a</sup> Marilécia Oliveira Santos  
UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

Prof.ms Eric Maheu  
UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

Prof. Dr. Raimundo Nonato Pereira Moreira  
UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

Prof. Dr. Jairo Carvalho do Nascimento  
UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

Prof. Dr. Sérgio Guerra  
UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>a</sup> Lutigarde Oliveira Cavalcante Barros  
ANTROPÓLOGA E ESCRITORA

Prof. Dr. Thiago Machado de Lima  
UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>a</sup> Léa Costa Santana Dias  
UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

Prof<sup>ª</sup> Udineia Braga  
SEC (Bahia)

Prof. Dr. Marielson de Carvalho Bispo da Silva  
UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

Revista  
*Canudos*



**EDITOR CHEFE**

MANOEL ANTONIO DOS SANTOS NETO

**EDITORA CIENTÍFICA**

MARTA MARIA LEONE LIMA

**COMISSÃO EDITORIAL**

MARTA MARIA LEONE LIMA

LUCAS SOUZA VIANA

LUCIJANE DE SOUZA LIMA

**CRIAÇÃO DE CAPA E**

**EDITORAÇÃO ELETRÔNICA**

LUCAS SOUZA VIANA

**FICHA CATALOGRÁFICA – SISTEMA DE BIBLIOTECA DA UNEB**

**Revista Canudos / Universidade do Estado da Bahia, Centro de Estudos Euclides da Cunha – v. 12, p. 1-134 – Salvador. UNEB, 2022.**

**ISSN 1413-9421**

**1. Canudos (BA) – História. 2. Brasil – História – Guerra de Canudos, 1897.**

**CDD: 981.05**

**CDU: 981”1897”**

A *Revista Canudos* publicou 9 volumes entre 1996 e 2014. A partir de 2020, passou a ser publicada exclusivamente no formato digital e online.

Disponível em: [www.revistas.uneb.br/index.php/canudos](http://www.revistas.uneb.br/index.php/canudos)

A correspondência relativa à colaboração, solicitações de exemplares e pedidos de permuta devem ser enviados para o e-mail [revistaceec@gmail.com](mailto:revistaceec@gmail.com) e/ou para o Centro de Estudos Euclides da Cunha – CEEC, Rua do Cabeça, nº10, Edifício Marquês de Abrantes, Sala 812, CEP 40.060-230, Salvador-BA, Brasil.

## AGRADECIMENTOS

*Agradecemos imensamente a João Batista Lima, João Carlos Alcântara de Oliveira, João Ferreira Damião, José Alex da Silva Oliveira, José Carlos da Costa Pinheiro, Josefa Cardoso dos Santos, Júlia Maria dos Santos, Tainã Moura Alcântara e Trípoli F. B. Gaudenzi que se propuseram a contribuir com o presente volume da Revista Canudos de forma tão generosa.*

# SUMÁRIO

**8 EDITORIAL**

**10 APRESENTAÇÃO**

## HOMENAGENS E ARTIGOS

**14 *João de Régis – A Ressignificação do Resgate da Memória de Canudos***

*Por João Ferreira Damião*

**26 *João de Régis***

*Por Júlia Maria dos Santos (Duru)*

**27 *João Guerra de Canudos: Um Breve Memorial a Meu Pai***

*Por João Carlos Alcântara de Oliveira  
e Tainã Moura Alcântara*

**31 *Paulo Monteiro: Um Nômade Cheio de Causos***

*Por Moisés Rabelo Varjão*

**36 *Memórias de Dona Santinha, Ops. de Dona Alzira***

*Por Josefa Cardoso dos Santos*

**41 *Renato Ferraz: Amigo e Parceiro***

*Por Trípoli F. B. Gaudenzi*

**44 *A Guerra de Canudos: Quem Não Ficou Calado, Botou Fogo!***

*Por José Carlos da Costa Pinheiro*

**61 *Memórias Não Ditas: Do Terço ao Giz, da Devoção à Educação***

*Por Carlos Carneiro de Jesus*

**79 *No Arrimo do Cajado, nos Rastros das Alpercatas: As Pegadas do  
Conselheiro nas Cercanias do Pedrão***

*Por Miguel Angelo Almeida Teles*

**92 *Canudos: A Guerra e suas Disposições Espaciais***

*Por Leandro Oliveira Juncken  
e Leandro Surya*

**120** *Gaúchos em Canudos: Isidoro Virgínio e a Vida Mal Vivida*

*Por Carlos Perrone Jobim Junior*

## EDITORIAL

Anos passados todo aquele professor, estudioso e pesquisador que pretendia ou já averiguava os fatos históricos, tinha que considerar obrigatoriamente o paradigma obrigatório, segundo o qual “história se faz com documentos”, o que não deixa de ser verdade e requisito indispensável para os que propõem a produzir trabalhos acadêmicos no campo historiográfico. Ocorre, todavia, que a concepção positivista predominante não só no ensino da matéria escolar, como também, na produção de textos científicos, determinava que como documentos, eram apenas toleráveis e aceitas a documentação manuscrita, papéis oficiais, registros legais, enfim, para os defensores da teoria desenvolvida por Augusto Comte e veementemente defendida por seus pares e discípulos. Tão férrea era essa regra e imposição erudita da sua obediência, que muito tempo se passou até que outras fontes documentais produzidas pelo engenho humano pudessem ser aceitas como mostras fidedignas de um acontecimento relativo a trajetória política e social de indivíduos e das coletividades sociais. Evidentemente que o aprimoramento do saber humano, trazendo para o cotidiano não só do trabalho, mas das artes e lazer, novas formas de documentar a vida, com o uso de imagens, de gravações da fala, ou seja, incorporando a criatividade dos homens e mulheres que por razões diversas, buscavam legar para os pósteros o mundo que os seus sentidos perceberam. Assim é que a fotografia, o cinema, mesmo as obras de arte, os escritos literários, em decorrência da lucidez e coragem de mestres e professores, cientistas vinculados as ciências humanas, após enfrentarem não pouco resistência, lograram romper o conservadorismo positivista e fazer valer para a narrativa histórica estes avanços da técnica e a evolução do pensamento científico, especialmente no que respeita a ciência histórica, ombreando-as em veracidade com a documentação escrita, que jamais pode ser prescindida em qualquer labor científico e acadêmico.

Nas décadas de 1980/1990 ao dar largada as suas atividades em Canudos, o Centro de Estudos Euclides da Cunha – CEEC, além das pesquisas em arquivos públicos, religiosos e militares, prospectando documentos escritos, impressos e manuscritos, iniciou igualmente a audição de velhos moradores da cidade, artistas, jovens estudantes, descendentes de conselheiristas, colhendo junto a eles suas memórias e informações a cerca do lugar onde viveram seus antepassados e onde eles

permaneciam vivendo, trabalhando, gerando novas vidas, plantando, colhendo, cuidando das suas criações: mourejando de sol a sol para botar o pão na mesa. Também falavam dos seus festejos, dos santos homenageados, das danças e cantos, quer dizer, nos traziam nas asas da memória o legado de seus pais e avós. Era o acolhimento da história oral como instrumento de como ferramenta teórica, à época ainda explorando possibilidades e experimentando na prática as novas teorias.

A Revista Canudos foi criada no CEEC, como uma proposta para edições impressas, à época não havia a possibilidade da publicação eletrônica, e ao longo de sua trajetória sempre assegurou espaços para as inovações textuais, abordagens inovadoras e, obviamente, o uso criterioso dos depoimentos orais e da instrumentação audiovisual. Ao publicarmos agora mais um número do nosso periódico, o fazemos de uma maneira especial, reconhecendo e homenageando velhos mestres canudenses, memorialistas excepcionais, honrosos guardiães da história do seu povo e de sua terra, dos seus ancestrais, eles que partiram décadas passadas, dois deles há 20 anos, Paulo Monteiro e João de Régis e João Guerra completando 30 anos do seu desaparecimento. As academias e os acadêmicos muito devem a generosidade destes homens, que compartilharam com todos que os procuravam o seu imenso saber. Contavam o que ouviram dos seus, puros na sua essência como mel das abelhas no favo intocado. Incluímos entre os varões, a figura notável de dona Alzira, presente num poético texto de sua filha, desejosa de louvar sua mãe, também porta-voz de sua gente.

O professor Renato Ferraz, nos deixou em 2002. Partiu, mas nunca em verdade, deixou Canudos ou nos deixou. Intelectual dotado de poderosa oratória e prodigiosa capacidade memorialística deixou marcas inapagáveis, para quantos puderam escuta-lo e com ele conviver, fruto da sua presença constante na cidade e do seu trabalho persistente em prol da preservação e, sobretudo, da divulgação da história canudense. Ele se vivo fosse, temos certeza, se sentiria a vontade ao lado de Paulo, dos dois Jãos e dona Alzira, pois enquanto vida teve ouvi-os com respeito e sincera afetividade.

Finalizando, manifestamos nosso orgulho, sem soberba, de publicarmos pela primeira vez numa revista do gênero, textos produzidos por descendentes diretos desses canudenses ilustres, aqui lembrados singelamente, mas com sincera gratidão, cientes que eles foram além do tempo que viveram. Eles foram grandes e se fizeram eternos!

**Prof. Manoel Neto**

*Coordenador do CEEC - UNEB*

# APRESENTAÇÃO

Estimados leitoras e leitores da Revista Canudos, lançamos mais um número da nossa revista tendo como tema central “Memorialistas: Homenagem aos Nossos Mestres”. Apresentamos relatos de descendentes de conselheiristas que através de suas lembranças testemunham passagens da vida de seus antepassados e rememoram a guerra de Canudos. Memória vivida, memória sentida, memória lembrada. A história tem se debruçado nas seguintes questões: o que é memória? Qual a sua importância para a construção da História? O que deve ser selecionado para contar a história que definimos como oficial? Quem deve lembrar e contar os fatos acontecidos na vida de um grupo, de uma comunidade, de uma cidade? Temos muito debatido no campo das Ciências Sociais: quais seriam os fatos que podem ser selecionados para a história oficial.

O Filme “Narradores de Javé” conta a história de uma cidade que vai ser invadida por águas de um açude e a população conclui que o único modo para salva-la seria escrevendo um livro que contasse como a cidade era importante e que poderia ser considerado Patrimônio e desse modo ser salva. O filme nos coloca diante de uma situação inusitada: como os fatos podem ser selecionados para contar a história de um lugar e quem é autorizado para contar essa história. No decorrer do filme, nos vemos diante de versões muitas vezes conflitantes e até divergentes. Nos é apresentado então um grande dilema: o que deve ser selecionado para representar a história daquele lugar? Javé pode ser Canudos e os seus moradores podem representar muitos de nós, diante do grande palco que é a vida e que será em breve a memória de uma pessoa ou de um lugar e é isso que podemos chamar de História.

Esse número tem o intuito de homenagear os contadores e preservadores da história de Canudos, os descendentes diretos do conflito armado e a história quase impossível dos meses em que pessoas do povo enfrentaram o Exército Brasileiro numa história que parece mais a história da *guerra do fim do mundo*. E o incrível é que ela existiu e muitos de seus descendentes deixaram relatos que são os verdadeiros Patrimônios para o povo de Canudos e por que não dizer para os baianos e brasileiros.

Desse modo, damos voz e ao mesmo tempo homenageamos quatro figuras que se encarregaram em vida, a não deixar a história de Canudos morrer. São eles: Seu João

de Regis, seu João Guerra, seu Paulo Monteiro e Renato Ferraz. Os três primeiros, descendentes de conselheiristas, e o último, historiador, intelectual e divulgador do tema Canudos, todos tem em comum o amor e a luta pela preservação da história da Guerra de Canudos. Para esse fim, convidamos filhos, netos, amigos e admiradores para escrever um texto que contassem a história desses filhos que relataram e preservaram a história dessa guerra. Temos também nesse mesmo número quatro artigos selecionados pelo Edital de 2022 para o volume 12 da Revista Canudos que são esses apresentados a seguir.

O primeiro artigo de autoria de Carlos Carneiro intitulado “Memórias Não Ditas: do Terço ao Giz, da Devoção à Educação”, relata a festa dedicada a São José na comunidade da Barriguda em Canudos. O autor, a partir do uso da História Oral conta a trajetória da Festa do padroeiro, nessa comunidade e junto a isso revela a trajetória educacional (de professora leiga para pedagoga) de uma descendente de conselheirista e responsável pela capela e pela preservação da festa em homenagem ao padroeiro. O artigo é uma importante contribuição para a história da educação em Canudos.

O segundo artigo, intitulado “No Arrimo do Cajado, nos Rastros das Alpercatas: As pegadas de conselheiro nas Cercanias de Pedrão” de autoria do historiador Miguel Angelo Almeida Teles, apresenta andanças de Antônio Conselheiro por Pedrão (Bahia) a partir de uma carta enviada por um padre da freguesia de Pedrão ao Arcebispo da Bahia. A andança de Conselheiro pelo sertão da Bahia é descrita no artigo de Teles e apresenta com rica documentação os meandros das relações políticas e religiosas no fim do século XIX no interior da Bahia.

O artigo do arqueólogo Leandro Oliveira Juncker, intitulado “Canudos: A Guerra e suas Disposições Espaciais” discute a importância da utilização das Novas Tecnologias da Informação e das ferramentas como o SIG (Sistema de Informações Geográficas) para compreensão do espaço em que ocorreu a Guerra de Canudos. Utilizando-se das fontes disponíveis, como o livro “Os Sertões” de Euclides da Cunha, as fotografias de Flávio de Barros e os dados arqueológicos levantados pelo CEEC/UNEB o autor faz uma cartografia da Guerra, mapeando pontos estratégicos como os rios, os montes e as construções das igrejas de Canudos, trazendo informações sobre esse conflito que podem ser acessado em qualquer ponto do planeta.

O quarto artigo de autoria de Carlos Perrone Jobim Junior intitulado “Gaúchos em Canudos: Isidoro Virginio e a Vida Mal Vivida” apresenta a atuação de tropas gaúchas na Guerra de Canudos, indaga sobre as motivações de Julio de Castilho em

atacar Belo Monte e busca nos cadernos escritos pelo soldado Isidoro Virginio que serviu no 12º Batalhão de Infantaria de Rio Grande, os relatos sobre a Guerra de Canudos ao tempo em que relaciona dois eventos históricos distintos a Revolução Federalista de 1893 e a Guerra de Canudos

Agradeço aos nossos pareceristas que com pontualidade e competência ajudaram a elaborar a nossa revista, aos descendentes de conselheiristas que trouxeram suas lembranças para homenagear os memorialistas e aos nossos autores, pelos artigos. Desejo uma boa leitura!

**Prof. Dra. Marta Leone**

*Editora Científica*

**HOMENAGENS E  
ARTIGOS**

# JOÃO DE RÉGIS – A RESSIGNIFICAÇÃO DO RESGASTE DA MEMÓRIA DE CANUDOS

*João Ferreira Damião*

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo fazer uma homenagem a João Reginaldo de Matos - seu João de Régis, um dos grandes intelectuais na preservação da memória daqueles que, no passado, lutaram por uma sociedade mais fraterna, livre da opressão, onde milhares de sertanejos defenderam a cidade de Belo Monte – fundada por Antônio Conselheiro. João Régis é um verdadeiro mestre na desconstrução de narrativas de cunho ideológico, algo muito comum no Brasil, onde sempre se prevalece um discurso aos olhares da elite. E que não foi diferente em relação à Guerra de Canudos, perdurando – por quase meio século uma camuflagem imposta pela classe dominante, cuja intenção era cair no esquecimento o heroísmo dos belomontenses através de um controle da memória. No entanto, a ressignificação traz a luz através de nossos antepassados, como seu João de Régis, cuja honestidade e o cuidado em proferir as palavras era uma das suas marcas predominantes, sempre preocupado em manter viva à memória da verdadeira história de nossos descendentes.

**PALAVRAS-CHAVES:** João de Régis; Guerra de Canudos; Memória; Ressignificação.

**ABSTRACT:** This article aims to pay tribute to João Reginaldo de Matos - Seu João de Régis, one of the great intellectuals in preserving the memory of those who, in the past, fought for a more fraternal society, free of the oppression, where thousands of people Sertanejos defended the city of Belo Monte – founded by Antônio Conselheiro. João Régis is a true master in the deconstruction of narratives of an ideological nature, something very common in Brazil, where a discourse always prevails in the eyes of the elite. And that wasn't different in relation to the Canudos War, lasting for almost half a century a camouflage imposed by the ruling class, whose intention was to forget the heroism of the of the people of Belo Monte through a control of memory. Nonetheless, the resignification brings the light through our ancestors, like João de Régis, whose honesty and care in uttering words was one of his predominant marks, always concerned with keeping alive the memory of the true history of our descendants.

**KEYWORDS:** João de Régis; War of Straws; Memory; Resignification.

*Agradeço a Deus pela sabedoria. Ao mestre e professor Manoel Neto, fonte de inspiração para todos que dedicam a causa de Canudos e de Antônio Conselheiro, e me estimulou bastante na produção desse artigo. Ao canudense João Batista, um intelectual dedicado a causa Canudos e à memória. A professora Janice Dalva, que com sua paciência, fez as devidas correções e sugestões neste trabalho. E a todos os mestres da tradução oral.*

João Reginaldo de Matos, conhecido como seu João de Régis, nasceu no dia 12 de junho de 1907, cujos pais eram José Reginaldo de Matos e Joana Batista de Jesus, era morador nas Umburanas. E como a maioria do sertanejo, sua profissão era trabalhar na roça, onde plantava milho, feijão, a chamada agricultura de subsistência, já que essa produção só ocorre durante os períodos de chuvas no sertão. Sendo também um criador de caprinos, porcos e galinhas, que complementava o sustento de sua família. Vale salientar também que praticamente todo sertanejo tinha um ou uma tropinha de jegue, um verdadeiro auxiliar nos afazeres da família sertaneja, e com seu João de Régis, não seria diferente, ele faz questão em um dos seus depoimentos relatar o fato “tinha uma tropinha de jegue, apanhava, plantava alho, cebola, ia vender em Ribeiro do Pombal, que lá dava muito dinheiro e ainda carregava de milho, feijão, farinha vinha vender aqui, era isso”. (UNEB/CEEC, 2002 p.139)

A história de seus familiares merece destaque, pois seus pais foram separados pela guerra, e, portanto, escaparam da barbárie do crime da degola. Na sua fase final, as tropas do exército fizeram um cerco lentamente a Canudos, onde só ficou aberta a estrada que dava acesso a Uauá, e como a fome e a sede se tornaram insuportáveis, muitos dos seguidores de Antônio Conselheiro resolveram fugir por esta estrada. Diante da situação precária em que se encontrava a cidadela, praticamente destruída, seu pai juntamente com seu avô resolveu sair em busca de alimentos, como retrata seu João de Régis nesse depoimento a Jornalista Sandra:

O Conselheiro morreu no dia 22 de setembro. Aqueles que sabiam que ele tinha morrido, saíram. Tinha só a estrada do Uauá aberta. Agora, os que não sabiam, como meus pais e os meus avós, ficaram. Um dia meu pai e meu avô se viram pra morrer de fome. Aí deixaram o arraial para procurar o que comer. Saíram à noite. Quando voltaram, os soldados estavam dormindo na entrada da estrada de Uauá – tinham fechado Canudos. Escaparam da degola. Se eles não saem para procurar o que comer, tinham sido degolados como os que ficaram dentro. (FERNANDES, 2002 p. 486)

Logo após a destruição total de Canudos no dia 05 de outubro de 1897, milhares de sertanejos foram jogados a própria sorte, onde crianças foram estupradas, colocadas em prostíbulos, vendidas para serem escravas, enfim, foi uma verdadeira barbárie do

Exército brasileiro, que veio com a intenção de matar, e ainda não se satisfazendo a sua insanidade mortífera, resolveu se praticar contra os prisioneiros o crime da Gravata Vermelha, denominado de degola, e que a intelectualidade brasileira se cala, inclusive “Euclides da Cunha também se calou no tempo da guerra.” (OTTEN, 1990 – p. 43)

Nesse contexto, podemos destacar a coragem de Lelis Piedade – Secretário do Comitê Patriótico da Bahia, que se dedicou no período da guerra de Canudos a resgatar crianças e tirar mulheres dos prostíbulos, fazendo sérias denúncias do comércio de órfãos “Pode se afirmar que muitas pessoas procuravam adquiri-las para negócio, tendo se dado até o caso do tráfico vergonhoso da orfandade desvalida” (Lélis Piedade – 2002 p. 212).

Dirigiu com muita coragem o Comitê, entregando muitas crianças, mulheres aos seus familiares com um salvo conduto assinado por ele, como se fosse uma “carta de alforria”, para que ninguém viesse a persegui-los, e a família de seu João de Régis foi outorgada por Lélis Piedade com este documento no dia 12 de janeiro de 1898.

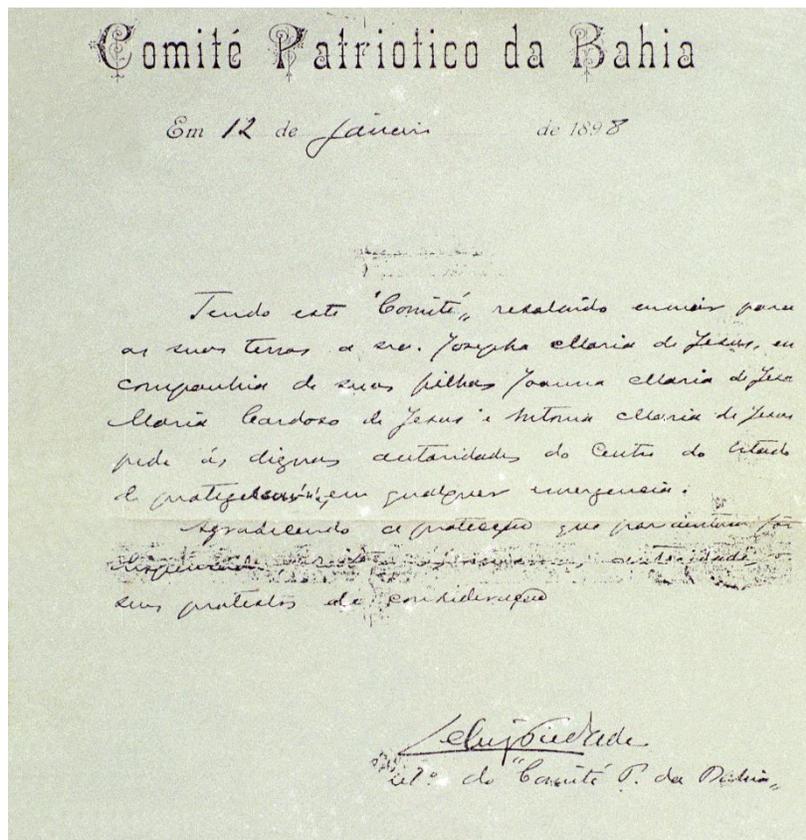


FIGURA 1 - Acervo familiar – Júlia Maria dos Santos – Dona Duru.

E corrobora com o relato de seu João, quando diz

“-Sr. Lelis Piedade, deu um salvo conduto, pois, minha família, ficou seis meses em Alagoinhas, depois ele melhorou, ela voltou, ela sabendo que os maridos, porque os que estavam dentro tinham morrido todos, elas chegaram aqui e se encontraram, eles retornaram com seis meses depois da Guerra. E vieram morar na Umburanas, quando eles chegaram, já não tinha mais ossos”. (UNEB/CEEC, 2002 p.139)

João Reginaldo de Matos, seu João de Régis, nos ensinou com a sua humildade, simplicidade e um talento pedagógico exemplar da maneira de atender a todos que o procuravam na sua casinha, que poderia chamar de estação umburanas, que não podia ficar no silêncio sobre Canudos, Antônio Conselheiro e sua gente, apesar de todo o medo imposto pelos coronéis da região. Falar de Canudos dava medo, como ele relata nesse depoimento, demonstrando a perseguição que os poderosos impunham, “Porque tinham medo do Coronel José Américo. Ele perseguia muito o povo que gostava do Conselheiro. Era ele e Cícero Dantas, o Barão de Jeremoabo. Muita gente se escondia com medo porque eles perseguiram” [...] (FERNANDES – 2002 p. 488).

É importante salientar que o passado não pode ser modificado, mas através de uma ressignificação ele é redefinido, ou seja, dá um novo significado através da memória, cuja imagem ficou registrada nos descendentes da Guerra de Canudos com a intenção de resgatar a história autêntica dos vencidos. E parafraseando seu João de Régis, que a Guerra de Canudos foi um acontecimento mal resolvido “por falta de uma conversa”, agora, ele é um dos grandes responsáveis em dar a voz aos excluídos e marginalizados no que se refere a sua memória, que muitas vezes, é excluída pela historiografia oficial e tradicional. Essas vozes são indispensáveis para que gerações futuras não venham cair no esquecimento através de uma manipulação da memória.

Vale salientar que a história oficial e a própria literatura produziram uma verdadeira imagem bastante pejorativa e muitas vezes preconceituosa sobre a comunidade de Belo Monte. Isso fica evidente o quanto a narrativa euclidiana, na famosa obra Os Sertões, contribuiu para a construção da figura de Antônio Conselheiro como “um falso apóstolo”, “gnóstico bronco”, “misticismo feroz e extravagante” “documento raro de atavismo”, “anacoreta sombrio”, “face escaveirada”, “louco”, “era um grande

homem pelo avesso”. (CUNHA, 1995). Também ela caracteriza os sertanejos de “rudes patricios”, “retrógrado”. “Patricios retardatários”. “É desgracioso, desengonçado, torto. Hércules-Quasímodo”. “Tabaréu canhestro”. (CUNHA, 1995)

É nesse contexto que a guerra de Canudos durante mais de meio século foi contada sob uma visão totalmente conservadora, onde a voz ora retratada nos clássicos literários, históricos e jornalísticos era a dos vencedores, até mesmo por que os vencidos eram considerados jagunços, loucos, fanáticos, enfim, havia um sem fim de elementos negativos para descrever o movimento Canudos.

E para a desconstrução dos discursos da historiografia tradicional e conservadora com relação a guerra de Canudos vão surgir personagens importantes, como seu João de Régis, um verdadeiro intelectual na construção de um discurso cuja ressignificação é dar uma nova identidade ao povo que compunha a comunidade de Belo Monte e, a partir, desses depoimentos, podemos reinterpretar o papel daquela cidadela fundada por Antônio Conselheiro, onde os negros, as mulheres, as crianças, os índios tiveram o seu direito de voz garantido.

O discurso de seu João de Régis retrata que rememorar o passado não pode ser interpretado como um ato saudosista ou ufanista, mais simplesmente uma forma de desconstruir discursos, muitas vezes com um viés ideológicos. Os seus depoimentos vão apagando da história oficial, dando um “sabor diferente”, ou seja, reconstruindo assim, a verdadeira identidade daquela gente que simplesmente só queria viver de forma pacífica, livre das humilhações impostas pelos poderosos coronéis que dominavam o sertão, e muitas vezes, os pequenos proprietários de suas terras eram expulsos, sendo até mortos a mando dos latifundiários quando os seus interesses estavam sendo atrapalhados.

A narrativa de seu João de Régis é um resgate à memória dos “vencidos”, um verdadeiro antídoto para que o silenciamento construído pela intelectualidade oficial não venha a contaminar a sociedade oprimida através de uma censura, cuja intenção é de estancar o movimento social e histórico no que se refere aos seus processos de identificação e pertencimento, e, Eni Pulcinelli, define que:

A censura é um processo que não trabalha apenas a divisão entre dizer e não-dizer, mas aquela que impede o sujeito de trabalhar o movimento e sua identidade e colaborar a sua história de sentidos; a censura é então

entendida como o processo pelo qual se procura não deixar o sentido ser elaborado historicamente para ele não adquirir força identitária, realidade social. (Pulcinelli, 2007 – p. 169)

Daí, podemos perceber que o intelectual João Reginaldo de Matos de forma engajada, contribui de maneira consistente no que se refere a tentativa de querer apagar a verdadeira memória de uma população que foi dizimada pela guerra. A sua fala é um “combustível” contra o assalto que a história oficial quer dá em relação à memória dos belomontenses. Ele promove uma verdadeira retratação da identidade de uma sociedade que de forma coletiva, solidária e democrática predominou em Canudos, desconstruindo através de uma ressignificação a ideia de um povo ignorante, violento e movido por um fanatismo exacerbado, pois, Belo Monte não foi uma construção solitária de Antônio Conselheiro, mas, de muitas pessoas, onde se predominou a construção coletiva, isto é, o sonho era coletivo, e com isso, a prática da justiça social era um dos pilares daquela comunidade, sendo livre dos arroubos autoritários.

E ainda percebemos o seu discurso em relação ao líder Antônio Conselheiro, a construção da imagem de uma liderança que não aceitava algo de errado entre seus seguidores, e não era aquela figura matricida, mentecapta, ou até de um psicopata como as correntes da época tentaram descrevê-lo. Quando foi perguntado quem era mais importante, Lampião ou Antônio Conselheiro, seu João de Régis foi enfático:

Conselheiro. Porque era assim: se eles tivessem carregando pedras e se encontrassem no meio do caminho uma madeira para fazer uma casa e um quisesse levar, o Conselheiro dizia: “Não apanhe esses paus. Quem cortou e deixou aí é porque tem precisão”. Se por acaso um apanhasse, ele dizia que não queria. Ele não queria que o freguês roubasse. Se um fizesse qualquer coisa errada, ele pegava e mandava levar pro Monte Santo, disciplina era lá. [...] (Fernandes, 2002 – p.490)

Em outro depoimento dado ao Mestre Manoel Neto, quando perguntado o motivo desse “ povo vinha para aqui para quê”? Ou seja, acompanhar o Conselheiro e vir morar em Belo Monte, seu João de Régis denuncia a perversidade dos fazendeiros em relação ao povo humilde e oprimido, onde eram explorados e escravizados pelos coronéis. Por isso que os sertanejos resolveram seguir o beato de Quixeramobim na esperança de uma sociedade livre das injustiças:

Este povo vinha para aqui, porque você sabe, os fazendeiros naquele tempo eram muito perversos, eles nem pagavam bem e nem tratavam bem dos trabalhadores, só queriam que os trabalhadores ficassem na roça. Aqueles fazendeiros, aqueles capitães, mas o povo vinha para aqui, sempre eles tinham aquele apoio, o Conselheiro mandava aqueles pobres que chegavam, ele ajudava a fazer as casas. Meu pai mesmo era carpinteiro, a vida dele no Canudos era trabalhar, fazer casa, aquelas casinhas. (NETO, 2020 p. 107).

Esses depoimentos demonstram o quanto Antônio Conselheiro defendia uma sociedade baseada nos princípios éticos e pacíficos, havia uma obediência bem definida a seus seguidores, e por isso que o povo humilde liderado por ele começa a acreditar numa quebra de paradigmas contra os coronéis e o latifúndio, colocando um fim na era do medo e da opressão, pois seus exemplos e ensinamentos estavam causando efeitos devastadores sobre as bases das estruturas de poder e propriedades vigentes, em toda a região de influência conselheiristas, gerando assim um esvaziamento do latifúndio e do mandonismo local. Isso demonstra que a tática usada pela classe dominante para desmoralizar Conselheiro é desmascarada a partir de depoimentos como o de seu João de Régis, onde se percebe a reconstrução de uma figura carismática, um homem simples, um verdadeiro “advogado dos pobres”.

A ressignificação da oralidade presente na fala dos sertanejos, e em especial, a de seu João de Régis, foi de suma importância para a preservação sociocultural da comunidade sertaneja e belomontense, traduzindo uma “verdade verdadeira”, como bem sugere Paul Thompson quando diz que: “A evidência oral, transformando os ‘objetos’ de estudo em ‘sujeitos’, contribui para uma história que não é só mais rica, mais viva e mais comovente, mas também verdadeira” (In: Jairo Carvalho, 2008 p. 112).

Através de seus depoimentos, há uma reconstrução da História de Canudos e do mundo sertanejo, desmistificando toda uma construção com um olhar da classe dominante, retratando que lá não era um lugar de fanáticos, bandidos, preguiçosos e muitos menos de vagabundos que a classe elitizada, com seu ranço, tentou impor. Muito pelo contrário, era uma comunidade exemplarmente ordeira de acordo aos princípios democráticos, não se tinha o aparelho opressor do estado, os famosos “soldados amarelos”, personagem típico do Romance Vidas Secas de Graciliano Ramos, que simbolicamente tão bem representa o estado autoritário.

Isso só demonstra o quanto Belo Monte foi uma cidade onde todos eram felizes, era uma comunidade que estava além de seu tempo, assim como o seu líder – Antônio Conselheiro –, pois, em Canudos predominou a experiência de uma comunidade autossustentável, e, portanto, eles tomaram nas suas mãos o seu destino na defesa da liberdade de pensar, da sua própria vida e de sobrevivência. E graças, a memória dos nossos antepassados, como o mestre João Reginaldo de Matos, que nos brindou com vários depoimentos cuja intenção era manter viva uma história de luta, bem como ajudar na reconstrução, afirmação e desconstrução de representações de identidades culturais, sociais, linguísticas, e por que não dizer de resistência às diversas formas opressoras, cujo intuito é impor o apagamento da memória nessa relação de homem e o seu meio sociocultural, até mesmo porque a história não é um repertório de informações abstratas. Vale salientar que a memória tem um papel imensurável para que possamos dar continuidade a um discurso verdadeiro sobre os nossos antepassados, que lutaram contra o latifúndio, a opressão, a miséria e a escravidão.

Nos idos de 1996 tive a oportunidade de uma conversa informal com seu João Régis, ele era muito preocupado com a destruição da nossa caatinga, e relatava até de uma forma saudosista a existência de diversas árvores consideradas madeiras de lei da nossa caatinga como angicos, aroeiras, caraibeiras, etc., que muitas delas foram destruídas pelas grandes enchentes dos riachos, como o Umburanas, ou até mesmo pela ação do homem, que muitas vezes eram produzidas tábuas, portas, postes, etc., sendo assim, o sustento de algumas famílias. Diante de tanta destruição da vegetação nativa, o surgimento de longas estiagens estava se tornando algo muito grave e preocupante para os sertanejos, e nas palavras de seu João de Régis, numa entrevista concedida ao Jornalista Antenor Júnior percebe essa preocupação,

“São oito anos de seca. Pra não dizer que eu estou mentindo, nesse período deu umas duas chuvinhas de molhação e não resolveu nada”. “Esta seca superou a de 1932 e passa a ser a seca do século. O açude de Cocorobó é a nossa salvação. Se ele secar, tudo vai se acabar. O único verde aqui é do capim que estamos plantando na margem do açude para alimentar a criação”. (Jornal A Tarde, 1996)

Nesse período, João Reginaldo de Matos estava com seus 89 anos de idade, e

como sempre, tinha uma memória muita precisa, demonstrando uma ampla diversificação de conhecimento em vários temas. Percebe-se a preocupação dele com a situação em que se encontrava o açude de Cocorobó nesse período, deixando claro o quanto esse intelectual tinha uma visão futurista dentro de todo um contexto social e econômico não só para a comunidade canudense, mas também para toda a região circunvizinha. Ainda faz uma comparação com a seca 1932, esta, que ficou marcada pelo surgimento da experiência dos campos de concentração no estado do Ceará, cujo pretexto da classe política era oferecer socorro às vítimas que fugiam do interior para Fortaleza.

Ele ainda relata os milhares de mortos que estão sobre as águas do açude de Cocorobó, *“Debaixo dessa terra e sob as águas do açude só tem ossada de mortos. [...] Aqui morreu gente como imbu, ninguém aguentava o mau cheiro”*. (BENTES; TEIXERA, 1997, p. 50).

O mestre seu João de Régis faz uma denúncia gravíssima, entre tantas, do desrespeito e descaso que os coronéis do Exército Brasileiro fizeram para com os milhares de mortos no final da refrega de Canudos, deixando-os insepultos, e ao mesmo tempo, ele traz a luz da história uma personagem importante na historiografia canudense e que ficou no esquecimento, o coronel Ângelo dos Reis, dono da fazenda Formosa que fica próximo a Canudos, cuja ação de caridade e execução em enterrar os milhares de mortos da guerra de canudos merece uma referência especial, e seu João de Régis faz isso com muita sabedoria, dando uma riqueza de detalhes sobre a atuação dessa personalidade, que merece uma bela homenagem aos olhos da intelectualidade oficial brasileira,

Quem veio enterrar esse povo foi Ângelo dos Reis, um grande fazendeiro aqui de Várzea da Ema, entonce ele matou uma vaca e retalhou, comprou oitenta litros, uma carga de cachaça de oitenta litros, que naquele tempo cachaça era em barril, um barril era quarenta litros de cachaça, aí veio de lá com carga de farinha e tudo, entrou aí uma caravana de gente, aí eles faziam aquelas valetas, dizia Zé Ciriaco, Mané Ciriaco e os outros, faziam aquelas valetonas e ajuntavam as pessoas. Aquela cachaça era para eles beberem “mode” a fedentina. (Neto. CEEC/UNEB, 2020 p.118)

O Professor Calasans dizia que:

Confesso que a história contada pelos sertanejos era mais convincente, tinha outro sabor e era totalmente diversa.... Logicamente respeito muito a obra de Euclides da Cunha, mas, acredito fielmente que paralelamente precisamos de outras alternativas... minha empreitada então passou a ser esta... (In: Jairo Carvalho, 2008 p. 97)

Corroborando com o mestre Calasans, as vozes dos milhares de sertanejos tiveram um “sabor” de traduzir cada palavra ou gesto sobre a Guerra de Canudos numa reconstituição de uma história recontada com ampla riqueza de detalhes, muitas vezes denunciando as atrocidades cometidas pelo Exército brasileiro, e o Senhor João de Régis que tinha uma eloquência no trato com as palavras, faz parte deste seletto grupo de sertanejos que resolveram sair do anonimato para desfazer os diversos mal-entendidos, os boatos, as notícias distorcidas, que nessa contemporaneidade denominaríamos de verdadeiras “fake News”, procurando ainda retratar a coragem e astúcias dos sertanejos na defesa do arraial de Belo Monte.

Portanto, esses testemunhos, mostram o quão foram resistentes em suas convicções em relação ao Conselheiro e seus seguidores numa constante preservação da memória, como diz Jacques Le Goff “*A memória, onde cresce a história, que por sua a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a escravidão dos homens*”. (Le Goff, 1992, p.478).

Até mesmo porque ao longo da historiografia brasileira a classe dominante sempre buscou o poder de silenciar as vozes dos oprimidos, já que não são privilegiados com algo registrado, a não ser através da oralidade de seu povo, contribuindo assim, para a preservação da sua memória e resistindo a chamada língua de espuma, como diz Eni Pulcinelli

Na língua-de-espuma os sentidos se calam. Eles são absorvidos e não produzem repercussões. Se, de um lado, não se comprometem com nenhuma “realidade”, de outro, impedem que vários sentidos se coloquem para essa mesma “realidade”. Historicamente, a língua-de-espuma é aquela falada, por exemplo, pelos militares no período que começa em 1964 com a ditadura militar no Brasil. Mas, pelas suas características, podemos alargar essa noção abrangendo toda expressão totalitária nas sociedades ditas democráticas. A língua-de-espuma trabalha o poder de silenciar. (Pulcinelli, 2007 – p. 99)

A história contada por João Reginaldo de Matos, seu João de Régis, é de fundamental importância para a formação de uma consciência histórica, produzindo uma ressignificação através da composição rica de vários argumentos que envolveram a guerra de Canudos e outros assuntos que são de suma importância no mundo sertanejo, mantendo vivo à memória de Belo Monte e do Conselheiro. Canudos resistiu as forças bélicas das tropas federais enviadas pela República, no entanto, ela continua sendo uma referência na luta contra as desigualdades sociais, resistindo até hoje em cada movimento social, em cada protesto e em cada desejo de mudança por todos aqueles que sonham por um Brasil com justiça social, pois a grande lição de Canudos é de que o sonho de liberdade, de solidariedade, e de democracia é possível. Antônio Conselheiro ressurgiu revivificado para despertar a resistência armada de esperança, e as vozes dos descendentes e remanescentes devem ser preservadas e compartilhadas com aqueles que lutam por amenizar as desigualdades sociais.

João Reginaldo de Matos - seu João de Régis - nos deixou em 18 de novembro de 2002, e por ironia do destino no ano das comemorações do centenário da publicação de um dos maiores clássicos da literatura brasileira - a obra Os Sertões de Euclides da Cunha. Ele nos presenteou com tantas contribuições sobre a História de Canudos com seus depoimentos, dando um ressignificado as diversas teorias conservadoras que estavam presentes no magnífico livro euclidiano. Era um homem de conhecimento plural, ou seja, além de um profundo conhecedor da história de Canudos, mas também retratava sobre o Cangaço, as grandes secas do sertão, etc., foram verdadeiros ensinamentos, assim como sua simplicidade no trato para com as pessoas que o procuravam, era algo encantador, e como diz João Guimarães Rosa no seu discurso de posse na ABL em 1967, “As pessoas não morrem, ficam encantadas...”.

## **REFERÊNCIAS:**

CUNHA, Euclides da. Os Sertões: campanha de Canudos – 36a edição. – Rio de Janeiro: Francisco Alves: Brasília: 1995. Disponível em:  
<https://www.academia.org.br/academicos/joao-guimaraes-rosa/discurso-de-posse>.  
Acesso em 09 de julho de 2022.

FERNANDES, Rinaldo de (org.). O clarim e a oração, cem anos de Os Sertões. São Paulo: Geração Editorial, 2002.

Jornal A Tarde. Edição de 04.12.1996

LE GOFF, Jacques. História e memória. Tradução de Bernardo Leitão [et al.]. Campinas. SP: UNICAMP, 1992.

NASCIMENTO, Jairo Carvalho do. José Calasans e Canudos: a história reconstruída – Salvador: EDUFBA, 2008. 202 p.

ORLANDI, E. As formas do silêncio: no movimento dos sentidos. 6a edição - Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

OTTEN, Alexandre. H. Só Deus é Grande: a mensagem religiosa de Antônio Conselheiro. Ed. Loyola. São Paulo. 1990.

PIEIDADE, Lélis. Histórico e Relatório do Comitê Patriótico da Bahia (1897-1901). Antônio OLAVO (org.) – 2a edição Salvador: Portfolium, 2002. 2a ed.

RAMOS, Graciliano. Vidas secas: posfácio de Hermenegildo Bastos. Rio de Janeiro: Record, 2016.

Revista Canudos - Educação no Campo. Vol. 10 No 1. Julh/Dez/2020.

TEIXEIRA, Evandro; BENTES, Ivana. Canudos 100 anos. 2. ed. Rio de Janeiro: Textual, 1997. 152 p.

Universidade do Estado da Bahia. Centro de Estudos Euclides da Cunha. Arqueologia e reconstituição do Parque Estadual de Canudos/UNEB.CEEC. – Salvador: UNEB, 2002. 106 p.

## JOÃO DE REGIS

Na fazenda Umburana, município de Canudos, no dia 12 de junho de 1907, nasceu meu pai, João Reginaldo de Matos. Faleceu no dia 18 de novembro de 2002 com 95 anos de idade, filho de José Reginaldo de Matos e Joana Batista de Jesus. Eles eram conselheiristas, participaram da guerra, eles tinham muito conhecimento, mas tinham medo de falar e de se expressar sobre o passado, pois naquela época havia muitos coroneis e fazendeiros que eram contra o conselheiro e proibia que eles falassem a favor do conselheiro, e se eles continuassem falando do passado poderia vir outra Guerra, por isso meu pai não tinha mais conhecimento por conta disso. Quando a história veio a tona, ele sempre dizia que deveria ter aprendido mais. Ele sempre dizia que a Guerra só aconteceu por falta de uma conversa mas agora é tarde. Meu pai era muito alegre e comunicativo, ficava satisfeito quando procuravam ele para terem informações da guerra. Vinham gente de muitos lugares, também de outros países. Uma vez me chamou atenção, foi a visita de Dom Esmeraldo, o bispo diocesano de Paulo Afonso. Veio com um seminarista de Paraíba a fazerem perguntas, todos se sentaram no chão, porque não tinha cadeiras para todos e ficaram todos bem acomodados, ouvindo ele falar, respondendo as perguntas que eles faziam. Ele tinha muita atenção aos visitantes, estudiosos sobre a história de Canudos, colaborando no resgate, contando o que sabia. Convivia bem com o professor Calasans, Manoel Neto, Dionísio Nóbrega, professor Luiz Paulo, Oleone, Evandro Texeira e tantos outros que procuravam por ele. Meu pai foi um grande exemplo para seus 5 filhos, 3 homens, 1 já falecido, e 2 mulheres, nós tivemos uma convivência muito boa, ele era um homem trabalhador, ajudou seus filhos e netos. Era uma pessoa muito alegre, gostava de conversar e dar risadas e ajudar as pessoas necessitadas.

*Julia Maria dos Santos (Duru)*

# JOÃO GUERRA DE CANUDOS: UM BREVE MEMORIAL

## A MEU PAI

*João Carlos Alcântara de Oliveira<sup>1</sup>*  
*Tainã Moura Alcântara<sup>2</sup>*

Biografias, autobiografias, biografias de entes próximos, todos esses gêneros exigem um cuidado extra na hora da escrita, A memória pessoal, segundo Fernando Catroga (2001)<sup>3</sup> é um recurso humano formado pela coexistência de várias memórias: pessoais, familiares, grupais, regionais, nacionais, etc. e está em constante mudança graças a esses encontros de memórias, nem sempre sem conflitos. Assim, o texto que, prazerosamente, agora se apresenta é sobre João de Oliveira Dias, meu pai (e avô) e sobre as memórias que pudemos construir sobre ele na nossa convivência, através das histórias e do imaginário coletivo que ainda hoje se destaca na cidade de Canudos.

João Oliveira Dias, filho de Joaquim Valério de Oliveira e Maria da Conceição. Teve uma vida longa e estável, nascido em Canudos em 12 de Outubro de 1907, dez anos após a Guerra de Canudos, e falecido em 4 fevereiro de 1992 (quando eu, sua neta, tinha apenas três anos, mas lembro vividamente da figura e da tranquilidade de meu avô, bem como das tarde ao seu lado na cadeira de balanço ouvindo histórias da Canudos velha e do tempo do Conselheiro)..

Toda Canudos e região o conhecia como João Guerra. Este sobrenome informal fora herdado de sua mãe, conhecida como Maria Guerra, que por sua vez, tinha este apelido em função de ter participado ainda adolescente e sobrevivido da Guerra de Canudos (1896-1897), do lado de Antônio Conselheiro. Quando a guerra encerrou, ela e sua mãe foram para Salvador/BA, presas pela luta na guerra, após serem liberadas retornaram para Canudos, apoiadas por entidades humanitárias. Existe uma outra versão para seu apelido embora nunca tenha ouvido até escrever esse texto, outras histórias na

---

<sup>1</sup> Técnico em Agropecuária, Licenciado em Matemática, Bacharel em Engenharia Civil e filho de João Oliveira Dias e Eulina Alcântara de Oliveira.

<sup>2</sup> Arqueóloga, Mestre em Arqueologia, Doutoranda em História das Ciências e Neta de João Oliveira Dias e Eulina Alcântara de Oliveira.

<sup>3</sup> CATROGA, Fernando. Memória, história e historiografia. Coimbra: Quarteto, 2001

família dizem que seu “sobrenome” deriva na verdade de que seu irmão havia participado da Guerra do Paraguai e toda a família ficou conhecida como Guerra.

Casou-se com Eulina Rabelo de Alcântara, e teve com ela oito filhos, quatro homens e quatro mulheres: José Oliveira (Zelito), Joselha, Joselina, José Alcântara de Oliveira (Gilberto), Jailda, João Bosco, João Carlos (eu) e Sandra. Construiu com minha mãe um lar de harmonia, dividindo os afazeres da casa. Era o encarregado de fazer a feira toda semana, onde aproveitava para conversar, principalmente se o assunto fosse sobre Canudos. Gostava de um terno branco para as festas, participava da banda de pífanos de Canudos tocando caixa, durante muito tempo matou caprinos e ovinos nos finais de semana para completar o salário. Gostava de dançar e dançava bem, especialmente o forró, e adorava jogar baralho a noite com os amigos. Acompanhava minha mãe nas atividades da igreja católica, respeitando a liderança religiosa dela. Bem querido pelos familiares, era uma liderança respeitada pela comunidade.

Quando me entendi como gente, era período da Ditadura, senti toda a apreensão das autoridades da República no tocante a guerra de Canudos. Este era um assunto proibido. A narrativa oficial era a de que Antônio Conselheiro não passava de um louco, que levou os canudenses a uma guerra sem sentido e que o melhor para Canudos era esquecer o assunto (talvez por isso essa outra história da Guerra do Paraguai tenha sido contada). Para ratificar construíram a barragem de Cocorobó, que inundou intencionalmente a Canudos da Guerra, como uma medida física que favoreceu o esquecimento. Além disso o Exército Brasileiro treinava anualmente em Canudos, impondo sua presença física e, assim, impunha também o controle ideológico aos canudenses.

Contudo alguns poucos que não comungavam e enfrentavam a ideia do esquecimento, e um deles era meu pai, João Guerra. Em várias ocasiões, sempre que ele podia e/ou conseguia, era possível assistir ele expondo com convicção o ponto de vista de Canudos, divulgando essa outra narrativa então proibida para as pessoas do seu tempo. João Guerra discutia sobre a guerra, elogiando Antônio Conselheiro exaltando sua iniciativa de criar uma sociedade onde ninguém podia mais que o semelhante, justamente o oposto da narrativa oficial das escolas e das ruas o que acabava me deixando confuso. Aliás as ideias políticas de meu pai sempre foram uma constante, além de ficar

literalmente ao lado dos mais fracos e derrotados, enfrentando os poderosos da época, inclusive policiamento, votando e fazendo campanha o que o fez ser perseguido.

Trabalhou a vida toda na Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas (IFOCS), órgão criado em 1909, que em 1945 passou a chamar-se Departamento Nacional de Obras contra as Secas (DNOCS), pelo qual se aposentou. O cargo exercido no DNOCS era o de feitor que tinha a função de coordenar as equipes de campo, o que sempre fazia com muito respeito a seus encarregados que o homenageavam sempre que podiam. Por exemplo, trabalhou na estrada de Canudos para Juazeiro, na qual nomearam uma barragem de Joao Guerra, a qual conheci ainda na infância e fiquei bastante orgulhoso. Era um auxiliar direto do Engenheiro Civil, cumpria as ordens sem reclamar, de sol a sol, ajudando a melhorar o nosso sertão.

Como resultado de seus enfrentamentos políticos foi transferido para a cidade de Adestina que na época, graças às dificuldades de locomoção, era longe e contramão para Canudos e como ganhava pouco como funcionário do DNOCS, teve que deixar a família em Canudos, o que para ele e para nós foi um grande castigo. Conseguiu posteriormente sua transferência para Pinhões, mais perto, o que permitiu nos levar junto e mais tarde conseguiu voltar para casa, para sua amada Canudos.

Na barragem de Cororobó trabalhou em várias etapas, antes e depois de sua transferência, até a finalização da barragem, com afinco e dedicação e conseguindo ver, em parte, o resultado. O que foi uma maravilha no tocante a trazer água para nossa cidade, em que pese o apagamento da história de Canudos, a água sempre foi a principal falta no sertão e esta barragem permitiu aplacar um pouco desta ausência (embora pudesse ser construída em outro lugar). Durante todo tempo no DNOCS, onde se aposentou por tempo de serviço, coordenava grupos de trabalhadores e, não tivemos notícias de desentendimento com os colegas, demonstrando assim que sabia usar o bom senso. Fazia valer um de seus ensinamentos que repetia para todos *“sabendo compreender a vida, esta ensina muito mais que os conhecimentos científicos”*.

Após a aposentadoria, meu pai tomou conta da hospedaria do DNOCS em Canudos onde se relacionava com todos os tipos de pessoas, inclusive pessoas de nível superior, o que o fazia valorizar o conhecimento acadêmico e também o conhecimento que se adquire na vida. O atendimento na hospedaria era tão satisfatório que em

determinado momento resolveu construir o próprio hotel, onde não faltava hospede até sua morte. Um dos hospedes que recebeu foi o historiador e ex-presidente do Peru, Mario Vargas Llosa, do qual foi um cooperador e narrou os conhecimentos sobre a guerra de Canudos. Vargas Llosa escreveu o livro ‘Guerra do Fim do Mundo’ sobre a disputa. Além de Vargas Llosa, meu pai nunca se furtou a colaborar com nenhum pesquisador que se interessasse por Canudos, seu objetivo sempre foi o de não deixar tal massacre ser esquecido.

Acabei saindo cedo de Canudos, isso porque meus pais me incentivaram a estudar e adquirir os tais conhecimentos acadêmicos. Entretanto Canudos nunca saiu de mim, e muito disso é pelo orgulho que meus pais sentiam em descender dos jagunços canudenses, seguidores de Antônio Conselheiro, que acreditavam que o mundo poderia ser mais justo e deram as suas vidas por isso, na guerra ou mantendo a memória dela viva.

Sempre gostava do bode que é a maior iguaria do sertão.

## PAULO MONTEIRO: UM NÔMADE CHEIO DE CAUSOS

Moisés Rabelo Varjão<sup>1</sup>

Nascido a margem esquerda do Rio Vaza Barris, na localidade denominada Caipã, veio ao mundo Paulo Monteiro Varjão no dia 26 de janeiro de 1903. Paulo Monteiro será muitos anos depois alvo de questionamentos sobre a epopeia da guerra de Canudos, que até hoje não se chegou a um consenso. Seus ascendentes por parte da mãe tiveram participação efetiva na vida do Conselheiro, enquanto existiu a cidadela. Eram sua mãe e avó figuras carimbadas no cotidiano do Bom Jesus Conselheiro, ainda que dissesse Paulo Monteiro, que sua genitora contasse causos inusitados sobre os costumes do líder canudense, há de se colocar em voga o momento da principal refeição do peregrino, quando este usava 12 pires, símbolo maior do seu sincretismo religioso, os pires eram uma alusão aos 12 apóstolos. Ainda sobre seus antepassados quero dizer que meu pai era Monteiro duas vezes, a mãe era sobrinha e nora de Joaquim Lourenço Monteiro o celebre Quinquim do Coiqui citado pelo grande e mortal Euclides da Cunha no livro os Sertões, obra literária de grande prestígio nacional.

Os primeiros anos de vida de Paulo Monteiro foi de alguma forma meio nômade, saindo do Caipã sua terra natal, foi para o Rio do Soturno, onde de lá partiu para Formosa, não foi tão garboso assim. Chegou na Fazenda São Francisco que pertencia a um genro de Ângelo dos Reis, de nome Pedro Alves da Silva e Souza, montesantense. Em 1906 meus avós já tinham filhos: Antônio Monteiro (1901), Paulo Monteiro (1903), Joana Monteiro (1905). A prole aumentou lá na Fazenda São Francisco, nascendo depois Cirilo Monteiro (1907), Absalão Monteiro (1909), Norberto Monteiro (1912) e por fim Maria Monteiro (1915). Anos mais tarde vem o primeiro revés, falece aos 47 anos o pai, de morte súbita; decorria 18 dias do mês de outubro de 1922. Apesar de ser mais novo que Antônio seu irmão, Paulo é quem assume os destinos da Fazenda e ali faz a vez de arrimo de família. O segundo momento muito difícil para os monteiro, foi a passagem

---

<sup>1</sup> Moisés Rabelo Varjão nascido em 21 de dezembro de 1962 é filho de Paulo Monteiro. Graduado em História pelo Centro de Ensino Superior do Vale do São Francisco – CESVASF em 2006.

dos revoltosos, em Abril de 1926, liderada pelo porto-alegrense Luís Carlos Prestes, quando passaram na casa de minha vó não tinha ninguém, pois haviam fugido para o mato com medo de sofrerem represálias, arrombaram a casa e queimaram livros e documentos. Um adendo, os revoltosos tratavam os sertanejos de *Vaqueano*, isso dito por meu Paulo Monteiro.

Dois anos depois da passagem da Coluna Prestes, começa o tão badalado e comentado bando de Virgulino Ferreira o “Lampião”, que chega em 21 de agosto de 1928 na Várzea da Ema, na casa de César e Donana. O grupo de bandoleiros cometeu muitas atrocidades nas adjacências de Formosa e região, permaneceram por lá até 1932. Um episódio que merece destaque foi na taipa da casa de Ana Félix, esposa de Justiniano, primo carnal de Pedro Monteiro e Maria Monteiro. Um irmão de Paulo Monteiro de nome Cirilo, cidadão destemido se prontificou em tocar uma harmônica na noite, após a construção da residência, não tocou por falta do instrumento, um irmão mais moço fugiu para o mato com medo, era Absalão, chegando ao local onde se encontrou com Lampião, Cirilo se justifica e passa o resto da noite tomando conhaque, ao amanhecer o Rei do cangaço o convidou para acompanhá-lo, no que ouviu um sonoro “não”, o capitão comentou que meu tio era um homem disposto e muito corajoso .

Seu enlace matrimonial com Silviana na cidade de Monte Santo realizou-se em 28 de julho 1931. Conviveram mais de 62 anos, eram parentes e não sabiam, haja vista que minha mãe era bisneta de José Rabelo de Moraes, primeiro presidente da Câmara de Vereadores de Jeremoabo o que dava-lhe a condição de atuar como prefeito, e Maria Francisca Varjão, portanto uma Varjão de quatro costados. Da união deste casal nasceram 16 filhos, apenas 13 se criaram. São eles: Antônio (1932), Manoel (1934), José (1937), Maria (1939), Laudice (1941), João (1943); Raimunda In Memoriam (1944), Rosália (1945), Erotildes (1947), Rosalice (1948), Albino In Memoriam (1952), e por fim Moisés (1962).

Aqui está o cerne da questão, em 1932 já na era Vargas, tínhamos como governador Juracy Montenegro Magalhães, que diga-se de passagem meu pai tinha verdadeira ojeriza. Um dos comandantes de volantes era o famigerado Douradinho, que em 19 março de 1932 Paulo Monteiro é intimado a comparecer na sede do povoado Formosa e lá estavam os militares. Na lista de procurados estava um filho de Pedro

Monteiro que seria Cirilo e não meu pai. Que no lugar deste foi torturado da Formosa até Várzea da Ema. Quando chegaram na Várzea da Ema pararam em uma casa, seu Paulo pediu água, quando bebeu escureceu a vista e caiu, um daqueles infelizes disse se cair eu atiro, quando se restabeleceu estavam colocando água na cabeça dele, na janela daquele lar tinha uma mulher chorando, e um deles perguntou: é seu parente? No que a mesma disse que sim, foi liberado pelos militares. Dias depois minha mãe tratava varejeiras nas costas dele. Em relação a ausência de Cirilo deve-se a sua fuga para Riachuelo – SE, juntamente com o irmão Norberto.

Veio embora da Formosa, trabalhou como vaqueiro na Fazenda Juncos, nas proximidades da segunda Canudos, de Isaias Ferreira Canário. Em 1937 é convidado por Pedro (chato) Malaquias para mudar-se para Fazenda Saco Comprido, que pertencia ao Juiz Paulo Martins Fontes, esposo de Elvira Dantas de Carvalho Fontes, irmã da proprietária da Fazenda Canudos, Mariana Dantas de Carvalho.

Paulo Monteiro costumava dizer que o Saco Comprido foi um presente de aniversário, dado por Deus em 26 de janeiro de 1937. Ali permaneceu por 15 anos, despediu-se da fazenda em 24 de outubro de 1952 indo para Serra Vermelha, esta fazenda pertencia ao Apromiano Alves Campos, pai do ex-prefeito de Euclides da Cunha, Renato Abreu Campos. Nesta propriedade teve uma passagem efêmera, apenas dois anos. A penúltima parada de meu pai, foi na localidade denominada Baixa da Toca, que ficava a 3 Km da sede do município de Canudos BR 235. Com a inauguração do Açude Público do Cocorobó, em abril de 1968, teve seu Paulo que deixar tudo para trás, pois o governo federal estava instalando o Perímetro Irrigado Vaza Barris e os lotes passariam em seu roçado. Todos os moradores ribeirinhos do Vaza Barris tiveram que deixar suas propriedades para dar lugar ao projeto de irrigação. O valor pago aos donos de terra foi irrisório, quantia esta que não deu nem sequer para comprar um pedaço de terra em outro lugar, ou mesmo uma casa digna de se morar. À época vivíamos num regime militar, jamais alguém se atreveria protestar.

A última estação de Paulo Monteiro foi na Fazenda Caldeirão, chegando por lá em 18 de março de 1972, tempos bons, outros nem tanto, pois convivíamos com os ciclos de estiagem prolongados, alguns anos que marcaram muito esta situação, isso já lá no

Caldeirão em 1976, e 1983, praticamente toda década de 1990, ano este em que conheceu a antropóloga Luitgarde Cavalcanti Barros.

Por uma felicidade do acaso, conheci em Canudos seu Paulo Monteiro, rígido e lúcido sertanejo de noventa anos de idade, outro descendente dos antigos troncos familiares da região, ou, como expressa ele mesmo, “dos antigos daqui mesmo, dos torrão de Canudos”.

Através desse informante, Quinquim de Coiqui, segundo Euclides da Cunha “um crente abnegado que alcançara a primeira vitória sobre a tropa legal”, é historicizado como Joaquim Lourenço Monteiro, pai de Pedro Monteiro seu avô. (BARROS, p.83 1995)

A conversa de estendeu e foi parar no famoso Jesuíno Correa Lima, esse imortalizado na obra de *Paulo Dantas no livro Capitão Jagunço*, desse encontro muita prosa e revelações, inclusive sobre os irmãos Vilanova, Antônio e Honório.

Seu Paulo Monteiro se refere aos Vilanova como ambiciosos, valentões, encenqueiros e assassinos. Afirma que, segundo sua mãe, eles apanharam uns cavalos de seu avô Quinquim e nunca devolveram.

(...)

Salustiana e o segundo marido, Berto, deram fuga a Jesuíno, disfarçado de mulher, porque também não gostavam dos Vilanova e não aceitam a injustiça e violência que acabavam o sonho deles de viverem em paz. (BARROS, p.90 1995)

Muitas foram os causos que meu pai contou a antropóloga e pesquisadora Luitgarde, que desde então se tornou amiga da família e até hoje mantemos contato.

Meu pai nunca perdeu o foco, mesmo com a idade já bem avançada jamais pensou em parar, sempre obstinado na criação de animais, de contar histórias e cabras ia vivendo, herdou da mãe o dom de contar histórias e estórias. Em 2002 com 99 anos já transparecia que seus dias estavam chegando ao fim, em 09 de maio de 2002 meu pai se encantou. Era um cidadão de conduta ilibada, uma memória privilegiada e que recebia com prazer e satisfação a todos que o procurava para dar informações sobre assuntos diversos, seja sobre o cangaço ou até mesmo Canudos e Antônio Conselheiro.

## REFERÊNCIAS:

BARROS, Luitgarde O. Cavalcanti. **Crença e parentesco na Guerra de Canudos**. IN. E. Diatary B. de Menezes João Arruda. Canudos: as falas e olhares... Edições UFC. Fortaleza 1995.

CUNHA, Euclides. **Os Sertões**. Edição Especial, Crítica por Walnice Nogueira Galvão. São Paulo: Editora Ática, 1998.

# MEMÓRIAS DE DONA SANTINHA, OPS. DE DONA ALZIRA

*Josefa Cardoso dos Santos<sup>1</sup>*

## INTRODUÇÃO

Neste artigo reconstituo parte importante da história de vida de minha mãe, dona Alzira ou dona Santinha, como é mais conhecida por todos os conterrâneos canudenses. São fatos contados por ela própria, ou seja, suas memórias pessoais, mas que estão diretamente ligadas a história da cidade de Canudos e de toda a região. Em verdade constituem a memória coletiva e social do lugar.

Durante a leitura do texto é possível perceber que a vida de minha avó permite que os leitores relembrem datas históricas importantes, como a chegada do ex-Presidente Getúlio Vargas, além de trazer como se iniciou a genealogia de sua família (desde a terceira geração), enfatizando as dificuldades que esta enfrentou ao longo de sua existência, como dificuldades para garantir a sua própria subsistência, como também momentos felizes, como o nascimento dos seus filhos, a morte trágica de uma de suas rebentas, o seu ato generoso de perdoar o suposto assassino. Poderá ser contemplado aqui mesmo neste texto um episódio histórico, o encontro de parte de sua família com o temido cangaceiro Lampião, fato que fez com que se mudassem de localidade; a sua dura vida como trabalhadora de roça e costureira.

A partir deste breve panorama do que será exposto neste artigo, consegue se inferir que a leitura do mesmo é interessante não apenas para quem conhece ou convive com a família de Josefa Cardoso, porque a vida desta senhora faz com que os leitores deste texto recordem sobre o passado do atual município de Canudos, como também ainda entenda como era o cotidiano da mulher sertaneja no semiárido baiano ontem e até os dias de hoje. Assim esta produção textual construída a partir do depoimento da própria Dona Alzira faz com que os historiadores e outros pesquisadores de áreas afins percebam

---

<sup>1</sup> Graduada em História pela UNEB, pesquisadora e filha de Dona Alzira. Atualmente reside em Canudos, no estado da Bahia.

que a história desta mulher se encontra entrelaçada com a do seu lugar de sua origem, e que esta foi participante ativa da maioria dos acontecimentos, porque não deixou esta herança histórica transmitida por seus avós e bisavós ser esquecida, já que guardou com carinho em sua mente a maioria dos relatos que seus antepassados lhe transmitiram. Portanto mais do que uma mulher de hábitos simples, esta demonstra que valoriza e se orgulha de toda a sua história, constituindo-se e demonstrando que “as pessoas podem ser por si próprias fontes vivas da história”, que muitas vezes não estão registradas em documentos, nem gravadas ou registradas em utensílios, em fotografias etc., mas que a História reconhece como valiosa e enriquecedora como fonte de pesquisa e que reforça a ideia de que a história se constrói todos os dias, por cada um de nós em diferentes espaços, em diversas interações continuamente ao longo da existência de cada um de nós, independentemente de nosso sexo, idade, cor, religião, origem, trabalho, condição social e escolaridade.

## **MEMÓRIAS VIVAS DE UMA SERTANEJA DO SEMIÁRIDO BAIANO**

No dia 08 de maio de 1925, nasce Alzira Cardoso do Vale, (vindo a trocar o sobrenome do “Vale”, por “Santos”, após o seu matrimônio depois de muitos anos), na Fazenda Carvalho, na casa da avó materna, próximo a Fazenda Garajau deste município de Canudos-BA, filha de Mamédia Cardoso do Vale e Eduardo Ferreira Campos, apelidado por Dovige. Ela só veio a saber o nome verdadeiro do pai no dia do seu casamento, quanto o padre mencionou o nome dele.

Quanto a sua árvore genealógica, era bisneta de Joaquim Macambira e neta de João Macambira que na ocasião da guerra era noivo de sua avó, Maria Virgília. Seu avô, João Macambira contava que saiu da guerra ele, o irmão Manoel Macambira e Zé Pretinho, que dizia que foram levados para Salvador, Maria Francisca, Valeriana e Paulo, sendo que mais tarde ele foi buscar os irmãos e só encontrou Maria Francisca e a notícia que teve foi que levaram Valeriana e Paulo para Belém do Pará. Ainda relatava que seus pais perderam a vida na Guerra de Canudos. Faleceram também outros irmãos.

Não nasceu nem Santinha e nem Alzira, pois ficou por mais de um ano sem nome, foi nesse meio tempo que sua irmã mais velha Maria a apelidou de Santinha e assim ficou

sendo chamada e conhecida. Passados 96 anos resolveu anunciar para todo mundo seu nome de batismo, nome dado por seus padrinhos, D. Josefa e Seu Manoel Dionísio. Ela disse que ficou a pensar: Quando eu morrer, vão rezar pra Santinha e eu não vou receber (rs), pois meu nome é Alzira (rs). Assim ela não quer mais ser chamada pelo apelido.

Foi uma criança feliz, enquanto tinha a família toda reunida, ela , o pai , a mãe e as três irmãs.

Em 1932, na Fazenda Garajau, onde residia com seus pais, receberam uma visita muito inusitada, Lampião e seu bando! Ela conta que estava brincando com sua irmã Francisca, mais nova do que ela 2 anos, de fazer mingau de terra, pois não tinham brinquedos, quando se aproximou dois cabras de Lampião e um perguntou: “\_ Meninas cadê seu pai?” Ela respondeu: “\_ Tá na tota, ele retrucou: \_ Onde?” Aí Francisca que era mais esperta respondeu: “\_ Tá na roça”. Este então questiona: “E onde é essa roça?”. Ela conta que de tanto medo que sentiu, não conseguia mudar as passadas, foi aí que se aproximou um vizinho e foi com Francisca chamar o pai dela. Os dois cabras de Lampião pegaram uma banda e um quarto de bode e levaram para assar debaixo do pé de mulungu. Lampião despejou um alforge de farinha e outro de açúcar, misturou e comeram com a carne assada, nisso chegou o pai dela. Lampião perguntou quanto foi a carne e ele respondeu: “\_ Num foi nada não”, mas mesmo assim Lampião deu um dinheiro a ele. Ela não sabe quanto e Coristo botou uma moeda na mão dela e outra na de Francisca.

Lampião falou que tinha acabado de botar fogo na Fazenda de Petrus e mandou meu pai ir aproveitar alguma criação, mas meu pai não foi. O motivo da ira de Lampião dizem ter sido porque Lampião deixou um dinheiro para Petrus comprar uma Fazenda pros dois e o infeliz botou só no nome dele. Depois dessa visita, eles mudaram de lá com medo de Lampião.

Seu pai se locomovia de moleta, devido alguns problemas de saúde, mas mesmo assim trabalhava na roça , limpava e plantava.

Em 1933 ainda com apenas oito anos de idade perdeu o pai e então sua mãe, Mamédia, viúva (com quatro filhas) com apenas nove meses de viuvez é pedida em casamento por Manoel Jerônimo do Vale (também com quatro filhos). A princípio esta não aceita o pedido, mas depois volta atrás quando o viúvo diz estar sozinho a cerca de dez anos. Desta união nasceram mais quatro filhos.

No entanto, mesmo casada, o seu novo marido só assume a filha mais nova da sua mulher, pois esta antes do casamento, já tinha entregue suas três filhas a outras parentes para criar, por falta de condições financeiras, e por isso começou o sofrimento de Alzira, vindo a morar de casa em casa. Depois de grandinha começou a trabalhar em casas de família só para ter o sustento. Usava roupa de chita, tinha deles de ter mais remendos do que o próprio tecido.

Algum tempo depois, foi com a mãe doente, com problemas mentais e com seu avô, Joaquim Macambira até o Buquim (local onde o mesmo já residia), no estado de Sergipe a pé, andaram em torno de sessenta léguas e levaram quase um mês para chegar ao destino.

Aos 15 anos presenciou a visita do Presidente da República Getúlio Dornelles Vargas em outubro de 1940, já moradora da segunda Canudos, trabalhava como costureira e foi levada por seu tio-soldado Filirmino Modesto para trabalhar no mesmo ofício de costureira no Espírito Santo, ficando por lá por três anos, onde teve seu primeiro problema de saúde mental, sendo que foi neste local que noivou com o filho do seu padraсто que também estava por lá para trabalhar no cafezal. Ela e o noivo Evaristo Manoel dos Santos retornaram para Canudos e casaram-se aqui mesmo em outubro de 1953. Seu sogro (filho de Jeromão) que também era conselheirista morou com eles por algum tempo, sendo que na época da Guerra de Canudos tinha 15 anos e foi atingido por uma bala dentro de casa que entrou no ombro e saiu pelo braço. Ela ouvia do sogro que Urbano, irmão de Jeromão subia na serra do Cocorobó para escutar o zumbido do clavinote de Jeromão para saber se este ainda estava vivo e falava que bala não pegava nele, porque este fazia uma oração que o livrava das balas. Desta união de Alzira e Evaristo nasceram dez filhos, sendo que oito estão vivos.

Quanto a perdas, perdeu a sua filha em fevereiro de 1985, de morte trágica e perdoou o suposto assassino no mesmo dia. A família dela cresceu ainda mais, pois geraram vinte cinco netos, quarenta bisnetos e quatro tataranetos.

Já na década de sessenta, com a construção do açude, teve que sair de Canudos e vir morar em Cocorobó e neste local teve apenas uma filha. Em 1982 ficou viúva e durante sua vida foi internada diversas vezes em sanatórios, lhe causando muito sofrimento, mas na sua última internação que durou oito meses e aconteceu no fim dos

anos noventa, no estado de São Paulo fez um tratamento que devolveu a mesma a sua saúde mental.

Desde a segunda Canudos se percebia que esta é uma pessoa bastante religiosa, de bom coração que teria herdado esta qualidade de Joaquim Macambira que diziam ter coração mole. Nota-se até hoje e não apenas no passado, que esta possui um modo de viver simples, sem vaidades, já que nunca fez uso de maquiagem nenhuma e continua como membro do Apostolado da Oração. Nunca estudou em escola, porque era difícil ingressar na mesma e a mãe achava que aprender a ler facilitava as moças a mandarem bilhetes para os namorados. Agora em 2022, aos 97 anos, vê-se que felizmente encontra-se totalmente lúcida, curada pela graça divina e passa seus dias fazendo belas colchas de crochê.

## RENATO FERRAZ: AMIGO E PARCEIRO

Conheci Renato José Marques Ferraz no Colégio Nossa Senhora da Vitória, dos Irmãos Maristas, onde fazia meu Curso Secundário, embora não tivéssemos um relacionamento direto, visto frequentar ele um curso mais adiantado, àquela época.

Com minha inclinação natural para assuntos históricos, no decorrer das leituras instigadas pelo Professor de Língua e Literatura, deparei-me com *Os Sertões* de Euclides da Cunha, leitura que muito me impressionou e que, tempos depois, resultou na decisão de uma releitura e na tentativa de ilustrar todo aquele drama, visando facilitar, através de uma figuração narrativa, a melhor compreensão sobre aquela importante página da sua própria História.

Assim, nos anos de 1990, iniciei os primeiros estudos e levantamento de dados que me levariam à elaboração do que chamei de *Projeto Canudos*: conjunto de informações de variadas fontes ligadas a historiadores nacionais e estrangeiros. que se interessaram por esse evento, até então tão pouco contemplado pela historiografia oficial brasileira. Alguns meses depois, na fase final do trabalho, com o atelier em natural desordem, uma pilha de desenhos ocupava a mesa central e telas de diversos tamanhos se apoiavam pelas paredes. O que fazer com esses trabalhos? Sugeriram-me procurar o Professor José Calasans Brandão da Silva, o Historiador de Canudos, no seu Núcleo Sertão - de saudosa memória - na Universidade Federal da Bahia e, na Universidade do Estado da Bahia, o Centro de Estudos Euclides da Cunha (CEEC), o que fiz.

Qual não foi a minha surpresa ao encontrar no CEEC o Professor Renato Ferraz, ao lado de um grupo de pioneiros nesses estudos euclidianos, com o objetivo central de promover estudos sistemáticos e aprofundados sobre a Epopeia de *Os Sertões* no seu cenário natural, transformado num *campus* avançado da UNEB, na cidade de Canudos.

O Professor Renato Ferraz muito se interessou quando lhe falei do meu projeto e aquiesceu ao meu convite de visitar os trabalhos no atelier, o que aconteceu poucos dias depois. Acredito que tenha ficado bem impressionado por que exclamou, ao final da visita: “É Canudos rediviva!”

Estava, assim, denominada a futura coleção de imagens que seria montada para exposições que vieram a percorrer inúmeras instituições no Brasil e museus no

exterior. Para isso, convidei o Professor Renato para ser o Curador dessas obras, pois ninguém melhor do que ele poderia fazê-lo: era Antropólogo, Historiador, conhecedor de Arte (fora Diretor do Museu de Arte Moderna da Bahia) e Especialista no tema de Canudos, além de conhecedor de todo o cenário onde o drama se desenvolveu.

A época era propícia a manifestações culturais e o apoio da Secretaria de Cultura e Turismo do Estado da Bahia/Bahiatursa, graças à ativa participação de Renato Ferraz nas negociações com outras Secretarias de Estado, instituições culturais do Brasil e do exterior; sua atuação foi fundamental para a montagem e para o sucesso das exposições que se seguiram ao longo dos anos 90, tendo o experiente Professor José Calasans sempre presente quando consultado sobre dúvidas ou incertezas a respeito dos convites recebidos ou mesmo das exposições sugeridas aqui ou acolá. Renato Ferraz tinha uma qualidade natural para fazer contatos, negociar a partilha dos custos da produção: telefonava para agências transportadoras, providenciava a embalagem e a guarda das obras, os contatos de recepção e de expedição, os roteiros a serem seguidos, os protocolos a serem cumpridos etc., sobretudo quando se tratava de mostras no exterior. Tomou um grande susto quando houve um atraso na chegada das obras no Aeroporto José Martí, em Havana; outro susto maior - que, aliás, também não pude evitar de ter - quando, em Paris, o Órgão Governamental de recepção de obras de arte chegadas do exterior, situado no Petit Palais, atrasou na liberação, ocasionando grande atraso no levantamento da exposição; providenciou a ida da exposição de Colônia para Berlim por terra, cancelando a via aérea bastante mais cara; em São Paulo, ao lado do Museu da Imagem e do Som, achou ótima a ideia e reforçou com os responsáveis uma apresentação do cantor Jereba, o que deu grande animação ao evento; ainda quando da exposição no Palácio do Catete, no Rio de Janeiro (aquele mesmo de onde o então Presidente Prudente de Moraes ordenara a destruição final de Canudos), providenciou queijos de cabra do Semiárido de Canudos para serem degustados nos jardins do palácio, acompanhados de vinho da região de Juazeiro do São Francisco, o que se constituiu num sucesso à parte.

Navegamos com a sua Curadoria por ares e mares ao longo dos anos 90, começando nas inesquecíveis Semanas Culturais de Canudos, onde se deu a primeira Exposição na cidade de Canudos (1991) e, em seguida, por Unidades da UNEB em várias regiões do Estado, através de entendimentos diretos do Prof. Renato com os Diretores locais. Seguiram-se pedidos de várias instituições culturais brasileiras ao Curador e todas foram atendidas dentro do possível: Universidade Federal de Sergipe,

Aracaju; Universidade Estadual do Vale do Acaraú; Sobral, Ceará, Conjunto Cultural da Caixa Econômica Federal, Brasília; Museu do Estado do Ceará, Fortaleza; Espaço de Arte da Prefeitura de Quixeramobim, Ceará; Espaço Cultural do Banco do Brasil, Rio de Janeiro; Museu Euclydiano de São José do Rio Pardo, São Paulo; Museu do Solar Ferrão, Centro Histórico, Salvador; Museu Palácio Rio Negro, Manaus, Amazonas; Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ); Museu de Arte da Bahia, Salvador, finalizando em Paris, no Museu Nacional de História Natural, Pavillon de l’Homme, com o patrocínio da UNESCO, da Embaixada do Brasil na França, da Secretaria de Cultura e Turismo do Estado da Bahia e da Universidade do Estado da Bahia.

Em todos os momentos, agradáveis, bons e menos bons, inerentes a uma exposição itinerante dessa natureza, cujo único objetivo era de cunho cultural, ou seja, difundir aspectos da nossa História moderna que vieram amalgamar e fazer melhor entender a nossa História Contemporânea. Como disse Renato Ferraz na apresentação do Catálogo desta Exposição: “... Daí que, além de exemplar como obra de síntese histórica, esta Exposição, que batizamos de *Canudos Rediviva*, tem o poder quase mágico de nos fazer “ver”. E é sempre muito mais difícil “ver” do que “falar”.

Era uma personalidade por vezes intransigente nas suas convicções, mas fiel na amizade e sensível na alma. O sucesso alcançado no *Projeto Canudos*, que atingiu horizontes muito além dos esperados, deveu-se, não somente à sensibilidade do Governo do Estado da Bahia, através a sua Secretaria específica naquele momento, mas, também, às condições existentes de um cenário favorável no País, que vieram facilitar o trabalho dos artistas criadores e de “pessoas especiais”, como Renato Ferraz que, muitas vezes, mais que simples curadores, cuidadores ou mesmo conservadores, intermediavam os processos culturais imaginativos e que transformavam um sonho em realidade.

Sem dúvida alguma, Renato Ferraz foi uma dessas pessoas.

*Trípoli F. B. Gaudenzi*  
*Salvador, Junho, 2022.*

## **A GUERRA DE CANUDOS: QUEM NÃO FICOU CALADO, BOTOU FOGO!**

José Carlos da Costa Pinheiro<sup>1</sup>

**RESUMO:** Há exatamente oito anos, a Revista Canudos na sua edição v.9, n.1 jan./jun.2014, publicou uma entrevista de minha autoria intitulada: “Sobre uma Conversa com Renato Ferraz”, concedida pelo Mestre Ferraz, tive o privilégio de conviver, desfrutar e participar de inúmeras Roda de Conversas, papos informais e de reuniões com um caráter de maior formalidade, abordando a temática Antonio Conselheiro e a Guerra de Canudos e outros papos, nos hospedávamos constantemente no Hotel São Batista de propriedade do Sr. João Oliveira Dias (30/05/1906 -04/02/1992), mais conhecido como Senhor João Guerra. Canudos-Bahia. Ferraz, continuando sempre a estudar a Saga Conselheirista, gravou várias horas de entrevistas com testemunhas oculares do conflito e com parentes dos que vivenciaram a Guerra, também era muito requisitado para proferir conferências, dar aulas, participar de encontros e Seminários em muitas cidades do Brasil.

**PALAVRAS-CHAVE:** Renato Ferraz, Vargas Lhosa, João Guerra, Antonio Conselheiro, Guerra de Canudos, Parque Estadual de Canudos, Relatório Técnico.

**ABSTRACT:** Exactly eight years ago, Canudos Magazine, in its edition v.9, n.1 jan./jun.2014, published an interview of my own entitled: “About a Conversation with Renato Ferraz”, granted by Mestre Ferraz, I had the privilege to socialize, enjoy and participate in countless Conversation Rounds, informal chats and meetings with a more formal character, addressing the theme Antonio Conselheiro and the War of Canudos and other chats, we constantly stayed at the Hotel São João, owned by Mr. João Oliveira Dias (30/05/1906 -04/02/1992), better known as Senhor João Guerra. Canudos-Bahia. Ferraz, always continuing to study the Conselheirista Saga, recorded several hours of interviews with eyewitnesses of the conflict and with relatives of those who experienced the War, he was also very requested to give conferences, teach classes, participate in meetings and seminars in many cities in Brazil.

**KEYWORDS:** Renato Ferraz, Vargas Lhosa, João Guerra, Antonio Conselheiro, Guerra de Canudos, Canudos State Park, Technical Report.

Renato José Marques Ferraz (22/09/1934-02/09/2002), era Historiador, Antropólogo, Pesquisador, dirigiu por mais de 16 anos o Museu de Arte Moderna da Bahia, trabalhou na Secretaria da Cultura e Turismo. Era detentor de profundo conhecimento dos sertões euclidiano, de Antonio Vicente Mendes Maciel, o Antonio Conselheiro (1830-1897) e da Guerra de Canudos (1896-1897), um dos criadores do Centro de Estudos Euclides da Cunha – CEEC e do Parque Estadual de Canudos da

---

<sup>1</sup> Historiador, Advogado e Doutorando em Crítica Cultural - Pós- Crítica - UNEB - Turma Multicampi.

Universidade do Estado da Bahia-UNEB, requisitado para diversas palestras, seminários e concedeu entrevistas para vários jornais e revistas, coautor da Cartilha Histórica de Canudos ao lado de José Carlos da Costa Pinheiro e de Manoel Antonio dos Santos Neto em 1991. Publicação da Universidade do Estado da Bahia-UNEB e Prefeitura Municipal de Canudos. Foi fruto de uma louvável exigência da Lei Orgânica do Município de Canudos que estabeleceu a obrigatoriedade do ensino da História Municipal nas escolas, história notavelmente rica e indispensável à melhor compreensão de uma fase crucial da História do Brasil. Desse modo, não deixa também ser uma decorrência, concreta e palpável, das ações que desde 1985 a UNEB, através do Projeto Canudos do Centro de Estudos Euclides da Cunha-CEEC vem desenvolvendo na área.

É bom lembrar que: Ferraz por indicação do amigo e escritor Jorge Amado (1912-2001), acompanhou o jornalista, escritor e político peruano Mário Vargas Llosa ( 1936 - ), quando esteve colhendo subsídios pelo período de um mês nos sertões da Bahia, se preparando para a elaboração da sua obra literária a Guerra do Fim do Mundo que narra a história da Guerra de Canudos (1896-1897), mesclando personagens reais e fictícios. Prêmio Nobel de Literatura, 2010, Prêmio Miguel de Cervantes 1994, Prêmio Planeta 1993. Para Renato Ferraz a experiência com Llosa foi positiva e enriquecedora, que ganhou um amigo precioso o qual, inclusive ajudou-o “a ver” Canudos por outros aspectos que lhe havia escapado.

Ressalto: O artigo de Ferraz publicado na Revista USP de Dezembro/Janeiro/Fevereiro de 93-94 Número 20, “O Centenário do Belo Monte e algumas reflexões sobre ficção e história.” Quando diz: “Destaco a segunda semana de junho do corrente ano, mais precisamente entre os dias 07/13/06/1993, a Universidade do Estado da Bahia - UNEB, liderando um conglomerado de outras Instituições, promoveu na atual cidade de Canudos uma extensa programação que visava assinalar o transcurso do Primeiro Centenário de fundação do extinto arraial do Belo Monte pelo grande condutor do povo sertanejo Antônio Conselheiro.”

Inserida, com certa desvantagem, no âmbito das festividades religiosas e profanas dedicadas a Santo Antônio, padroeiro da comunidade, a III Semana Cultural de Canudos terminou por constituir-se, segundo o dizer de muitos, na mais importante reunião de “Canudistas” realizada nos últimos anos no país. Na realidade, o êxito incontestável das palestras, conferências e mesas-redondas deveu-se não somente às notórias qualificações dos especialistas convidados, como à sua subordinação aos dois

grandes temas previamente propostos: quem foi Antônio Conselheiro e o que era o Belo Monte ou Canudos?

Por quatro dias, em auditório improvisado no Clube Vaza-Barris, uma plateia de estudantes, professores e interessados teve a oportunidade de, durante horas seguidas, discutir detalhadamente aspectos da vida e da “personalidade do beato cearense, da sua cidadela indomável e das multidões que o seguiram até a morte”.

Ferraz foi um dos criadores do Parque Estadual de Canudos-PEC. Criado pelo Decreto 33.333, de 30 de junho de 1986, o Parque Estadual de Canudos tem a finalidade de preservar a memória histórica da Guerra de Canudos. A Vila original de Canudos foi coberta pelas águas do Açude de Cocorobó, mas os 1.321 ha do Parque englobam uma área das margens do açude onde se desenrolaram momentos fundamentais da Guerra. (p.119)

Em meados da década de 90 concedeu-me uma entrevista a que intitulei: “Guerra de Canudos: Quem não ficou calado, botou fogo!”. Na oportunidade tratou de questões de grande relevância para um melhor entendimento da temática tão apaixonante e arrebatadora, como foi a Guerra de Canudos, para a historiografia baiana e brasileira.

O mestre Ferraz, retratou fatos como a Quebra das Tabelas em Natuba, atualmente Nova Soure e não em Bom Conselho, hoje Cícero Dantas, quando Antônio Conselheiro reuniu o seu séquito num dia de feira e autorizou arrancar das paredes e queimar os editais de cobranças de impostos, circunstância que envolveu o Juiz de Direito Arlindo Leoni (1869-1936). Bacharel em Direito pela Faculdade de Recife. Foi Juiz de Direito da Comarca de Juazeiro, foi um atuante político. Em 1923 era deputado, representando a Bahia na Câmara Federal, e que também estaria implicado no chamado “Incidente Desvalioso” referente ao madeirame encomendado em Juazeiro-Bahia, ao Coronel João Evangelista Pereira de Melo, para construção da Igreja do Bom Jesus em Belo Monte, cuja entrega não ocorreu no prazo estabelecido, até a mobilização de setores oligárquicos inquietos com o crescimento vertiginoso do povoado Conselheirista, que Euclides da Cunha trata em os Sertões.

Dá conhecimento também da 1ª Expedição a Canudos, sob o Comando do Tenente Pires Ferreira, do 9º Batalhão de Infantaria, em novembro de 1896, discorre sobre a 2ª Expedição sob a condução do Major Febrônio de Brito, que foi bastante polêmica, do ponto de vista dos desacordos entre o General Frederico Sólton e o

Governador Luiz Viana e as estratégias empregadas no combate aos Conselheiristas durante a derrota da 1ª Expedição.

Ferraz argumenta sobre os prováveis critérios para a escolha do Comandante da 3ª Expedição, o Coronel Antônio Moreira César, que tinha o apelido de o “Corta Cabeças”, que veio para a Bahia “lavar a honra do Exército Brasileiro” e dar um basta no enfrentamento com o séquito do Peregrino. Acreditava-se piamente na época que: “Todas as vistas esperanças convergem para o tino, bravura e perícia do Sr. Coronel Moreira César ” (1850-1897) e que resultou numa debandada geral da Expedição do polêmico Coronel, sendo alvo da chacota popular como documentou o Mestre José Calasans que ficou no livro *Canudos na Literatura de Cordel*, os versos do poeta João Melchiades Ferreira da Silva em *A Guerra de Canudos*.

Na entrevista Ferraz enfatiza a respeito do Barão de Jeremoabo, Cícero Dantas Martins, (1838-1903), poderoso proprietário de terra na região de Itapicuru, político influente, grande articulista, também tinha seus temores: “Via em Conselheiro, um elemento perturbador da ordem e do trabalho em sua região” que em verdade significava o pensamento dos numerosos proprietários locais.

Ferraz endossaria com absoluta certeza a narração de Euclides da Cunha (1866-1909) em “Os Sertões” por ser para ele a obra maior da literatura em língua portuguesa, a sua admiração era incomensurável pelo autor quando afirma: “Oitocentos homens desapareceram em fuga, abandonando as espingardas; arriando as padiolas, em que se estorciam feridos; jogando fora as peças de equipamentos; desarmando-se; desapertando os cinturões, para a carreira desafogada; e correndo pelas estradas e pelas trilhas que recortam, correndo para o recesso das caatingas, contos, aprovados, sem chefes...”.

Ferraz descreve ainda fatos como o que envolveu o Padre Sabino e o Coronel Tamarindo, *Parte de Combate: (Comunicação verbal ou escrita sobre um fato do interesse da Unidade ou do Militar)*, *Conjuntura da época*, *A Imprensa*, *Governo*, *Comitê Patriótico*, *Manifesto dos Estudantes de Direito e de Medicina*, *Parque Estadual de Canudos* e outros temas.

## **ALGUNS TRECHOS DA ENTREVISTA CONCEDIDA POR RENATO FERRAZ**

Com a palavra Renato Ferraz: Chegando Antonio Conselheiro em Canudos no 1º semestre de 1893, talvez pudéssemos dizer quadrimestre de 1893. De 1893 a 1896, o prestígio de Antonio Conselheiro parece que aumenta, torna-se muito maior do que no tempo em que Antonio andava palmilhando os sertões, então, já não é mais Antonio Conselheiro que vai ver os seus seguidores, são os seguidores que vão ver Antonio Conselheiro e há uma verdadeira Romaria de indivíduos desde o Litoral Norte e dizem até do Ceará, Pernambuco, Alagoas e de todo canto, pessoas que vão a Canudos em Romaria ver Antonio Conselheiro, desses muitos ficam, outros já saem com a intenção de morar em Canudos. Há na tradição oral, uma lenda que mostra que havia um proselitismo de parte dos moradores de Canudos, aquela coisa, se fosse para Canudos, o rio tinha a ribanceira, o rio era de leite com as margens de cuscuz, havia e isso é um fato a ser esclarecido, se é que isso ocorreu, um interesse de levar o maior número de pessoas para Canudos, qual seria a razão desse interesse, eu acho que é uma razão importante a esclarecer, o fato é que com um aumento dessa população a fama de Canudos cresce o medo de parte dos que não eram partidários de Canudos também multiplica, as tão faladas incursões de bandos de jagunços pela região igualmente se expande e Antonio Conselheiro da mesma forma tem que ampliar a igreja para caber todo aquele povo, na impossibilidade de tornar maior a igreja, ele resolve fazer outra igreja e é a feitura dessa nova Igreja, da “Igreja Nova” como ficou conhecida, que gera a ocorrência que termina no envio de uma 1ª Expedição, dessa vez, do Exército Brasileiro, não mais da Polícia da Bahia contra Canudos.

Ora! Canudos está numa região de caatinga, conseqüentemente, de uma região desprovida de árvores de certo porte, para fazer cumeeiras, terças, outras peças de telhado de um edifício de dimensões bastante razoáveis, como seria a Igreja Nova, então essas peças de madeiras são encomendadas em Juazeiro, e ao que consta, o vendedor que era uma pessoa ligada as autoridades locais, se não era o Delegado era parente do Delegado ou coisa assim, vendeu, recebeu o dinheiro antecipadamente e vamos admitir até que, não houvesse desonestidade, talvez tivesse tido, até dificuldades de cumprir o contrato num prazo útil, dificuldade de conseguir madeiras ou madeiros das dimensões que o edifício da Igreja Nova necessitava.

É então que o pessoal de Canudos esperando, esperando e se mandava gente lá, eram promessas, é hoje é amanhã. Afinal, marca-se um dia, o povo sai todo, aqueles homens todos, para carregar nos ombros aquelas madeiras, isso fazia parte daquelas penitências de Antonio Conselheiro e chega lá, não vêm, não está pronta, marca outro dia, se vai de novo e parece que numa terceira vez o encarregado diz para o vendedor que da próxima vez que viesse e não tivesse a madeira que apelaria para a violência, que o mataria ou faria qualquer coisa do gênero, este homenzinho ao que consta, vai queixar-se ao Juiz que era o mesmo Arlindo Leoni do episódio de Bom Conselho, é indubitável porque existe um documento que Arlindo Leoni passa um telegrama terrorífico ao Governador Luiz Viana, vendo a cidade ameaçada de ser invadida pelo pessoal de Antonio Conselheiro, que, diga-se de passagem, não gozava de boa imagem aqui entre os Soteropolitanos, invadir, matar todo mundo e causar prejuízo, inclusive o texto desse telegrama conhecido da comunidade.

O Governador estava nessa época enfrentando problemas do gênero também na Chapada Diamantina, nós comprovamos isso no Arquivo da Polícia Militar, boa parte dos efetivos da Polícia Militar estava próximo na Barra da Estiva, Lençóis, então, resolve o Governador Luiz Viana, Conselheiro Luiz Viana, pai do Senador, apelar para o Comandante do 3º Distrito Militar, que equivalia hoje ao Comandante da 6ª Região Militar, que era por coincidência o General Sólon Ribeiro (1839-1900), sogro de Euclides da Cunha, ao que parecem, as relações do General Sólon Ribeiro com Luiz Viana, não eram muito boas e houve relutância do General em ceder tropas para ficar sob o comando do Governador, havia também o problema da Intervenção Federal, se no caso, de Tropas Federais terem de restabelecer a Ordem Pública no Estado, se também, não seria caso de Intervenção por incapacidade do governante, manter a ordem no seu Estado? Ele deveria pedir a Intervenção Federal, mas nesse caso, ele também perdia, seria afastado e uma autoridade designada pelo Governo Federal, passaria a comandar o Estado, isso me parece que é a origem do movimento chamado Autonomista Baiano.

Fato é, que de muitos contratempos e chega pra lá e chega pra cá, é que sai a 1ª Expedição conhecida como Expedição Pires Ferreira, que como o pedido vem de Juazeiro, sai centenas de soldados do Exército comandados pelo Tenente Pires Ferreira, para Juazeiro e lá, também, por razões que não estão até hoje muito claras, o Tenente é convencido a seguir em vez de guarnecer a cidade, como é, o que parece, que o Governador tinha mandado era que o Arlindo Leoni solicitava, era segurança

para a cidade, a cidade estava ameaçada de ser invadida, então, se a tropa vai é para guarnecer a cidade, mas, imediatamente, quase ao chegar, o Pires Ferreira foi convencido a seguir adiante e vai para Uauá, que estaria a menos de 50 km de Canudos. [...] Eu me eximo de falar, porque a descrição de Euclides da Cunha do encontro de Pires Ferreira com os jagunços, me parece perfeita, inclusive de que vinha os jagunços em forma de procissão com Bandeira do Divino, na frente cantando e rezando e o choque se dá quando alguns soldados estavam tomando banho no tanque, este tanque ainda está lá até hoje, em Uauá, e começam o tiroteio, deixe dizer, que a população civil, a população da cidade, já tinha evacuado a cidade, fugidos apavorados, uns dizem que, por causa das arbitrariedades cometidas pela tropa, botando gente para fora de casa para ocupar.[...] O Pires Ferreira, depois do choque, em que ele diz na Parte de Combate, que a partir disso a gente passa a ter relatos, relatos parciais, mas de qualquer forma relatos, porque de acordo com as normas militares o Comandante de qualquer Destacamento, de qualquer Unidade, tem que fazer uma Ata chamada Parte de Combate e ela é um relato mais detalhado possível que ocorreu, com horas, com o pessoal que foi envolvido, apreciações a respeito dos opositores, do número, distância, todas as dúvidas. Evidentemente que está é a visão do lado do Pires Ferreira, mas de qualquer forma é a visão de um lado, infelizmente não se tem a do outro lado, mas, pelo menos, tem de um lado.

## **A 2ª EXPEDIÇÃO**

Sob o comando do Major Febrônio de Brito essa já é uma Expedição mais numerosa, ela se distingue da do Tenente Pires Ferreira, a meu ver, porque é maior, leva mais armas pesadas, de artilharia, canhões e metralhadoras, e também foi preparada, já a tropa do Pires Ferreira, parece ser mais um quebra galho, quando alguma cidade era ameaçada de ser invadida, juntava-se aí cem homens, pegava um Oficial e mandava para lá, para guarnecer a cidade. Mas, já de Febrônio, tem um caráter não de um grupo armado, que vai guarnecer ou garantir uma cidade, mas, uma expedição punitiva, vai para mostrar ao pessoal de Antonio Conselheiro, que o “Braço do Exército”, não pode ser pisoteado em vão.

Apesar e tudo isso, e aí também, outra característica da 2ª Expedição, é que, tornam-se mais ou menos públicos e acentuam-se, muitos desacordos entre a

autoridade militar e o Governador, porque o Governador dava uma ordem, o General dava outra.

E essa Expedição, já seguiu outro caminho, foi para Queimadas de trem, não foi mais para Juazeiro, tentando naturalmente atingir Canudos via Monte Santo, como fazem, aliás, as outras Expedições que sucedem.

Depois de marchas e contramarchas, ele segue e ao chegar à Serra do Cambaio, talvez não mais do que duas léguas de Canudos, dá-se um combate inicial, ele consegue debaixo de fogo galgar a Serra com a tropa e depois, embaixo, num lugar chamado Taboleirinhos, até que veio então, o episódio da Lagoa e sangue, que toma esse nome de Lagoa de sangue, porque, as pessoas na guerra, os mortos e feridos, são por perfuração, elas morrem geralmente por hemorragia, seja hemorragia interna ou externa e qualquer estudante de Medicina sabe que, hemorragia dá uma sede devoradora, há um necessidade do organismo de repor os líquidos, água que se perde com o sangue, então, parece que os jagunços feridos se banham na Lagoa e aí morria, então, o resto do sangue tingiam as águas da lagoa e ficou esse nome, Lagoa de Sangue, porque originalmente teria outro nome.

Nesta 2ª Expedição e ao que parece mais do que na 1ª Expedição, as baixas infligidas aos jagunços, são incomparavelmente maiores do que, as baixas infligidas aos militares e nesse particular, eu descartaria a possibilidade de haver uma mentira, porque isso seria fácil de averiguar, a Expedição foi exterminada, não voltou ninguém e quando a Parte de Combate diz que, só foram quatorze ou quinze soldados, isso daria depois o seguinte: Os Regulamentos Militares eram rigorosos, quando tinha que dizer o nome dos mortos, os nomes dos feridos, isso está feito, o cálculo dos jagunços que morreram, bem esse ficava por conta do Comandante dos Oficiais e no caso, eles dão um número bastante avantajado, mas, curiosamente Febrônio de Brito não leu a Parte de Combate de Pires Ferreira, certamente não leu, porque Pires Ferreira aponta, desde o início, todas as deficiências, que o Exército tinha para lutar no sertão, caiu pelos mesmos e tem que retirar para Monte Santo.

A meu ver é outra característica da 2ª Expedição é que ela faz uma retirada estratégica, uma retirada organizada, dentro das normas militares, sem perder nenhum homem, sem correr, como foi o caso de Pires Ferreira, que saiu corrido e quem vem depois do Febrônio da 3ª Expedição, que foi a que mais correu, essa parece que, uma espécie de Maratona, segundo as próprias Partes de Combate. [...] A tática geral dos jagunços era caçada, era emboscar, atrair para um local favorável, toda estratégia

militar deles, isso para nós ficou claro e no Cambaio foi assim também a única vez em que eles se deram mal com isso, foi na 4ª Expedição com o General Savaget, na Serra do Cocorobó, quando Savaget, consegue dar uma carga de baioneta em cima da serra d consegue embaionar. [...] É o tal negócio, se a gente admitir isso, alguém que esteja do lado do Exército, pode dizer também, que quando eles correram, foi uma retirada estratégica, fato é que, corre soldados por toda parte, correram, fosse por estratégia ou não fosse, abandonaram o campo d uta porque não puderam segurar a coisa, isso foi á primeira vez, e uma das raras em que isso ocorreu e daí a admiração que eles tinham, e recebeu esse nome de Batalhão Talentoso pelo pessoal de Salvador. Bom! Mas o Major consegue retirar em ordem para Monte Santo e se refazer em Monte Santo, voltar para Queimadas o que não impediu que a Imprensa o chamasse de “Major Fujão”.

Com o retorno do Major Febrônio de Brito e o apelido de “Major Fujão”, isso para mim tem uma explicação clara, é uma coisa que eu posso, eu deveria deixar isso para o fim, mas não posso me furtar à tentação de dizer a vocês que se eu tiver que resumir o que eu penso realmente hoje, posso amanhã mudar, sobre as causas da Guerra de Canudos, eu diria a vocês que, as causas da Guerra de Canudos não estavam nem aqui em Salvador, quanto mais em Canudos, estavam no Rio de Janeiro, Canudos foi um pretexto, então, toda essa posição da Imprensa apelidos de “Major Fujão”, e procurando diminuir o Exército, que ali tinha naturalmente fatos, isso tinha objetivos políticos claros, era uma coisa “bolada” para desgastar, isso não influencia os , daí em diante, você pode ver as atitudes, é a honra do Exército que está em jogo e depois vira essa chargesinha nos jornais de “Major Fujão”, Antonio Conselheiro de cajado, ameaçando o Major e o Major correndo a frente do Conselheiro atrás com o cajado levando uma paulada nessa ordem que os militares não têm mito senso de humor para está/estar importando com esse tipo d coisa, então, resolvem dá um ponto final, ninguém no Exército estava mais preparado do que o Cel. Moreira César, esse a Imprensa não apelidou não, ele já veio com o apelido o “Corta- Cabeça”.

Esse homem realmente era uma personalidade curiosa e os fatos mostram que era porque da Guerra de Canudos, de todos os milhares de pessoas que andavam envolvidas, duas personalidades sobressaem Antonio Conselheiro e Moreira César. Na Tradição Oral inúmeras pessoas dizem que Moreira César que ganhou, que a última Expedição o General Artur Oscar não recuou, o mínimo de pessoas sabem quem foi Artur Oscar, quando não quando Moreira César morreu? Não! Eu acho que

ele voltou depois foi ele que venceu! Foi o César! Eu tenho gravação que, foi o César! Foi Moreira César que venceu! Tinha outro General também, mas o César que era madeira mesmo.

E o Moreira César que fazia jus a essa fama de homem desabrido, valentia quase alucinada porque era um homem que inclusive tinha perturbações psíquicas, pelo fato dele ser epilético, sabe-se hoje que a epilepsia não torna ninguém doido, não é doença mental, epilepsia é um distúrbio de natureza nervosa, mas que cria temperamentos instáveis, elementos que têm focos cerebrais, epilepsia é uma forma mais aguda de foco cerebral, são pessoas de temperamento instáveis, temperamentos psicoativos, que passam da euforia a depressão e o Moreira César, era um indivíduo de uma coragem desassombrada, machão, inclusive o que impressiona no sertão é o machismo de Moreira César, aquela história de herói, nada, nada impressiona mais do que o macho arretado, e Moreira César já chega quente, mal cumprimenta o Governador quando chega aqui, pede logo um trem para seguir, segue, lá vai como um louco e aí, tem uma série de histórias a respeito de Moreira César, ele foi realmente com Antonio Conselheiro, foram os dois grandes personagens do episódio Canudos que ficaram na memória do povo.

Ferraz conclui a entrevista afirmando que: Na Guerra de Canudos quem não ficou calado, botou fogo! Uns ficaram calados e outros mais fogo, até de dizer: mais era claro, é necessário exterminar de vez os inimigos da República, é necessário extirpar pela raiz esse câncer que ameaça corroer o nosso país, quer dizer, não era dizer olha! Precisa meter esse filho da mãe, todos na cadeia, esse bando de fanáticos, não! O negócio ia além, era arrasar, acabar, liquidar, não deixar nem carpinha, como a história do cavalo de Atila quando pisava não nascia mais grama, era isso que se pedia escancaradamente [...] Essas teimosias são feitas intramuros, faz-se uma cara bonita para fora, e lá nas reuniões secretas, os senhores generais, os chefes políticos vão dizer, que vai lá apaziguar, mas a ordem passada para os Oficiais é liquidar. [...] o próprio Comitê Patriótico, que depois de terminar a Guerra, tem gestos de generosidade e de humanidade, até edificantes, mas o Comitê Patriótico durante a Guerra foi feito para ajudar os soldados feridos e as famílias, daí a expressão patriótica, que era a Pátria que estava em perigo, o patriótico, porque senão seria o Comitê da Caridade, não, Comitê Patriótico, era a Pátria que estava em perigo, e aqueles patriotas estavam ali reunidos para ajudar a Pátria a se safar, é depois que as manifestações humanitárias, etc., se revelam, até a própria Igreja, a Igreja não deu um

pio, os senhores Bispos, Arcebispos, etc., não teve um que dissesse numa igreja, pessoal, para aí, vamos aguentar, somos irmãos, manda uma Comissão de Bispos lá para apaziguar esse negócio, saí o Exército, a gente vai lá, nada! O pessoal queria o extermínio de tudo.

## **RENATO FERRAZ UM ARTICULADOR CULTURAL**

O Relatório a seguir de Renato Ferraz, descreve a sua visão sobre o Parque Estadual de Canudos – PEC, o funcionamento de suas instalações, bem como, o temor que o Sítio Arqueológico do Alto do Mário, um dos mais importantes do Parque, tenha sido alvo de destruição e devastação dos seus vestígios históricos, pela ausência de uma vigilância e fiscalização mais presente. Ferraz teve iniciativas como, contatos e reuniões realizadas com a Direção e Membros da Associação de Irrigantes do Vaza - Barris; outra ação foi a Exposição que o CEEC realizaria em Canudos, como parte dos eventos programados para o 05 de outubro de 1993.

Ferraz alguns anos tinha um projeto, que era de escrever um livro sobre Antônio Conselheiro e a Guerra de Canudos. Era sempre “cobrado” pelos amigos e estudiosos do tema, que aguardavam com uma grande expectativa o momento de lançamento da publicação da obra. O desejo de materializar o seu objetivo foi sendo adiado e o fato é que: o mestre falece em 2002 e o projeto não foi realizado. Por outro lado, temos recolhido alguns esparsos, artigos, gravações e trazendo para os amigos e leitores as suas ideias sobre um assunto que conversava e conhecia tão bem, e marcante para a historiografia baiana e brasileira. Renato Ferraz era um mestre quando se tratava do episódio Antônio Conselheiro e a Guerra de Canudos.

*Ilm<sup>o</sup> Sr.*

*Prof. Manoel Antonio dos Santos Neto*

*D.D. Coordenador do CEEC*

*Senhor Coordenador,*

*Estando a iniciar-se o segundo semestre do ano em curso, creio de alvitre levar à consideração de V.Sa. a situação em que se encontram as diversas frentes do Projeto Canudos, sob minha Coordenação. Embora considere que todos os temas a seguir*

*cogitados fazem parte de um mesmo todo, apenas por questão de sistemática aqui vão tratados isoladamente.*

#### *PARQUE ESTADUAL DE CANUDOS:*

*Embora a UNEB continue incumbida pelo Governo Estadual da sua implantação e gestão, nada, absolutamente nada, ali tem sido feito nos últimos (3 três anos). A ausência de qualquer atividade na área tem ensejado as invasões. Pelo menos duas já foram registradas e comunicadas por mim a V.Sa, à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação e ao Magnífico Reitor- situação que tende a se multiplicar, com consequências imprevisíveis. Além disso, a resolução tomada pelos dirigentes Católicos de Canudos de levar a efeito uma Romaria anual no Alto do Mário, Sítio dos mais importantes do PEC, tem sido fator relevante na destruição e devastação dos restos históricos e arqueológicos que paradoxalmente, a reserva da área pretendeu evitar. Permita V.Sa lembrar que existindo Legislação Federal rigorosa que visa proteger e salvaguardar os bens artísticos, históricos e arqueológicos brasileiros, estando a UNEB como responsável pelos que se encontram no âmbito do PEC, não vejo como possamos explicar o tratamento negligente que tem sido dado a questão de tamanha relevância. De minha parte, até mesmo pelo envolvimento pessoal que tenho com o PEC. Muito estimaria receber de V.Sa. instruções a respeito.*

#### *INSTALAÇÕES PARA O PEC:*

*Tem V.sa. levado de vista o estado de semidestruição em que se encontra o imóvel que dispomos em Canudos, já por duas ocasiões arrombado e depredado, dada a fragilidade de suas portas e janelas. Não seria surpresa o desabamento do telhado escorado precariamente como medida de emergência que dura já dois anos.*

*A tentativa de obter do DNOCS a cessão da Casa de Hóspedes, esbarra nos problemas criados pelo Eng<sup>o</sup> Carlos Sampaio que lá está residindo indevidamente e que não foram de nossa parte convenientemente enfrentados. Malgrado e visita feita pelo Magnífico Reitor acompanhado do Prefeito João Ribeiro Gama, e o então Diretor Regional do DNOCS Dr. Vladir Abdala, iniciativa que foi de destacada importância para o deflagrar, a falta de acompanhamento da tramitação do pleito e*

*certamente, a falta de respaldo político, fizeram com que não haja, decisão alguma do Órgão Federal até hoje.*

*A obtenção da Casa de Hóspedes para sediar as atividades que vimos desenvolvendo em Canudos e outras por serem iniciadas, é condição "sine qua non" para o sucesso do PEC, mas não vem tendo de parte da UNEB - talvez até da Prefeitura de Canudos - tratamento condizente.*

#### *SEMINÁRIO SÔBRE A PROBLEMÁTICA:*

*O epígráfico, foi prometido solenemente pelo Magnífico Reitor à Comunidade Canudense, em dezembro p.passado, para fevereiro do ano em curso. Posteriormente adiado, foi agendado na última reunião havida entre o Reitor e Prefeito para a primeira quinzena do presente mês. Embora saiba que não se realizou, oficialmente desconheço o assunto e nem mesmo sei se o Prefeito e o povo de Canudos receberam alguma explicação relacionada ao tema.*

#### *REUNIÃO NACIONAL SÔBRE O CENTENÁRIO DE CANUDOS:*

*Recebi, há dias, processo em que me são solicitados os endereços das pessoas e entidades a serem convidadas. Duas das personalidades arroladas são amigos pessoais e conheço seus endereços. Quanto aos demais, estou enviando esforços, sendo que a Profa. Walnice Galvão encontra-se ainda nos Estados Unidos. Minha opinião é que os Ofícios do Magnífico Reitor deverão, para que haja resposta favorável, ser entregue em mãos dos convidados por pessoa credenciada que lhes dê as informações sobre a Canudos a atual, situação das estradas, condições de hospedagem etc., sem as quais não creio que se abalancem a vir. Como quer que seja, fornecerei o mais rapidamente possível os endereços que puder conseguir.*

*Oportunamente: Convite da III Semana Cultural de Canudos que ocorreu no período 07/13/06/1993. ANO DO CENTENÁRIO. Apresentação: (sic) Comemorando o Centenário da Fundação do Belo Monte, atual Canudos, a Universidade do Estado da Bahia e a Prefeitura Municipal de Canudos promoverão a III Semana Cultural de 07 a 13 de junho de 1993, que contará com a participação de especialistas de renome, objetivando um debate cada vez mais profundo sobre temas historicamente*

*mais obscuros, tais como: “ O que era Canudos?” e “Quem era Antonio Conselheiro?”.*

#### *OUTRAS INICIATIVAS:*

*Além da ajuda prometida à Associação dos Agricultores, assunto do qual encarregou-se o Dr. Paulo Mendes e cuja situação atual desconheço, realizei contatos informais e uma reunião com a direção e membros da Associação dos Irrigantes do Vaza-Barris, durante a minha viagem do mês de maio. Os interessados transmitiram-me clara e objetivamente seus anseios de melhoria econômica, colocadas, sobretudo na atividade de pecuária leiteira que ora estão a iniciar. Prometi-lhes para o mês seguinte – junho - uma nova reunião que não foi possível efetivar dado que o Dr. Paulo Mendes teve que viajar para o Rio Grande do Norte e não faria sentido prosseguir os entendimentos sem a presença de um Técnico do Setor Econômico.*

*Uma iniciativa em marcha é a exposição que o CEEC realizaria em Canudos, como parte dos eventos programados para o 5 de outubro. O Teatro Castro Alves já colocou à disposição os painéis para a montagem e o Dr. Trípoli Gaudenzi já providencia - segundo informou-me hoje - molduras, vidros e demais apetrechos necessários à apresentação dos trabalhos de sua autoria. Quanto às fotos e documentos que o CEEC pretende concomitantemente exibir ainda não foram tomadas quaisquer providências, por motivos que V.Sa conhece. Como uma mostra de arte é tarefa trabalhosa e delicada, imagino que seja necessário agir com presteza no tocante à seleção e preparo do material que vai ser montado.*

#### *SUGESTÕES:*

*Atendendo solicitação de V.Sa. permito-me sugerir:*

*COM RELAÇÃO AO ITEM 1: Que a UNEB, através do CEEC assuma efetivamente as responsabilidades que lhe foram atribuídas pelo Governo Estadual com relação ao PEC, ou renuncie definitivamente a elas. A esdrúxula situação atual somente agrava o processo de destruição da área pelo fato de que oficialmente é a UNEB a responsável pelo Parque Estadual de Canudos, mas na prática não é ninguém porque*

*sequer temos lá um único funcionário a vigiar tão valioso patrimônio. É indispensável à presença mensal do Coordenador do PEC, ou de alguém que lhe faça as vezes, em Canudos, assim como dar início a uma discussão com a Comunidade, técnicos e autoridades que permita tomar a decisão de transformar o imóvel em um ecomuseu ou algo semelhante, que permita preservar o que lá existe. Certo é que urge providenciar e deliberar sobre o PEC.*

*COM RELAÇÃO AO ITEM 2: Estou convencido de poder ajudar grandemente a obtenção da Casa de Hóspedes, devido a relacionamentos que possuo com autoridades que têm poder de decisão sobre o caso, bem como a boa convivência que sempre mantive com os funcionários do DNOCS, inclusive o Dr. Carlos Sampaio. Apenas aguardo instruções e uma delegação de poderes.*

*COM RELAÇÃO AO ITEM 3: Sugiro que seja marcada nova data para o Seminário cuidando para não colidir, com a Reunião Nacional sobre o Centenário.*

*COM RELAÇÃO AO ITEM 4: Proponho que vá o Magnífico Reitor ou o Vice a São Paulo, acompanhado do Coordenador do CEEC, insistir junto aos convidados pelas suas presenças. A reunião somente alcançará os fins desejados presentes um mínimo de especialistas de notoriedade nacional e infelizmente, no caso, são muitos os já de idade avançada que relutarão em vir para uma pequena e desaparelhada cidade perdida nos sertões da Bahia.*

*COM RELAÇÃO AO ITEM 5: Creio que tão logo o Dr. Paulo Mendes consiga uma vaga nos seus afazeres de Assessor Especial, ira a Canudos retomar os contatos com a Associação dos Caprinocultores e iniciar os trabalhos com a Associação dos Irrigantes. Sugiro um entendimento com o referido colega, a fim de precisar a época em que poderá nos dar essa colaboração.*

*Com relação à exposição, é urgente iniciar o processo de coleta e escolha do que pretendemos mostrar, sendo que, prevalecendo a(à) ideia da apresentação das fotos de Flávio de Barros, é indispensável viajar a Monte Santo.*

## *PROGRAMAÇÃO DE VIAGENS:*

*Diante do quadro de dificuldades e incertezas que são de hábito em nosso trabalho, penso não ser viável sugerir-lhe datas para as viagens. Entretanto, não vejo como possamos prosseguir com a programação já em curso, sem que o Coordenador do PC viaje um mínimo de dez dias a cada mês, a partir dos últimos dias deste.*

*De V.Sa. muito cordial e atenciosamente,  
Renato Ferraz - Coordenador do PC*

Em tempo: A Tarde em seu Caderno Cultural de 25/05/2002, publicou um artigo de minha autoria intitulado: “Mestre jamais avaro no saber”, em que eu homenageava José Calasans Brandão da Silva, (14/07/1915 - 28/05/2001). Mestre José Calasans. E Renato Ferraz em virtude da doença que fora acometido, só estava se comunicando através da escrita, leu o meu artigo lá em sua casa em Esplanada-Bahia em 30/06/2002 e escreveu:

*Pinheirinho,*

*Gostei muito seu artigo sobre Calasans. Êle ressalta, sem pieguice, aquilo que eu acho ter sido o traço mais marcante do caráter do nosso velho Mestre e amigo: a generosidade.*

*Parabéns e um abraço*

*RF*

O meu amigo Ferraz faleceu dois meses depois, 02/09/2002.

## **REFERÊNCIAS:**

ALVES, Lizir Arcanjo. **Humor e Sátira na Guerra de Canudos**. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, EGBA, 1997.214p.:il.—(Coleção Apoio, 19).

BOAVENTURA, Edivaldo. **O Parque Estadual de Canudos**. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo, 1997.9 Edição Rememorativa do Centenário da Guerra de Canudos.

CUNHA, Euclides da. **Obra Completa**: Volume II. Estudo liminar Ciclo d'Os sertões Apêndice. Rio de Janeiro, Editora Aguilar S.A.,1995.

Ferraz, Pinheiro, Santos Neto. **Cartilha Histórica de Canudos** - Universidade do Estado da Bahia/UNEB, Prefeitura Municipal de Canudos 1991.

PINHEIRO. José Carlos da Costa, **Revista Canudos** v.9, n.1, jan./jun.2014. Sobre uma Conversa sobre uma conversa com Renato Ferraz. Revista Canudos/Universidade do Estado da Bahia. Centro de Estudos Euclides da Cunha.- v.1,n.1 (jul/dez.1996)- A Revista sofreu descontinuidade na sua publicação desde 2001. Universidade do Estado da Bahia, Pró-Reitoria de Pesquisa e Ensino de Pós-Graduação. Centro de Estudos Euclides da Cunha - CEEC.

Arqueologia histórica de Canudos: Estudos preliminares/Universidade do Estado da Bahia.Pró-Reitoria de Pesquisa e Ensino de Pós- Graduação. Centro de Estudos Euclides da Cunha - CEEC.92 p.: il.

Universidade do Estado da Bahia. Centro de Estudos Euclides da Cunha. **Arqueologia e reconstituição monumental do Parque Estadual de Canudos**./UNEB/CEEC.- Salvador: UNEB 2002. Etapa I- Parque Estadual de Canudos; Etapa II- O Salvamento Arqueológico Emergencial do Arraial de Canudos.

# MEMÓRIAS NÃO DITAS: DO TERÇO AO GIZ, DA DEVOÇÃO À EDUCAÇÃO.

*Carlos Carneiro de Jesus<sup>1</sup>*

**RESUMO:** O presente trabalho toma corpo a partir da visita in loco primeiramente, na observação da devoção a São José no dia dedicado ao padroeiro, pelos moradores da comunidade da Barriguda em Canudos. A metodologia consiste na captação oral por meio da entrevista concedida pela ex-professora aposentada Dona Helena Rodrigues dos Santos, que teve como objetivo enaltecer o recurso da oralidade como possibilidade histórica e fonte para pesquisas no campo da memória, já que a mesma é um manancial vivo, com a perspectiva do narrador, baseado em relatos ora vivenciados pelos seus antepassados, podendo gerar documentos palpáveis e fazer personagens anônimos tomar posse do protagonismo, que ora foram esquecidos ou não exaltados pela história ou a literatura. O resultado do trabalho apontou novos nomes contemporâneos da guerra de Canudos, ampliou o bojo para novas pesquisas, perpassou por questões educacionais e conclui-se que ainda há muito o que ser dito.

**PALAVRAS-CHAVES:** São José. Oralidade. Memória. História.

**ABSTRACT:** The present work takes shape from the first visit in loco, in the observation of the devotion to São José on the day dedicated to the patron saint, by the residents of the Barriguda community in Canudos. The methodology consists of the oral capture through the interview given by the retired former teacher Dona Helena Rodrigues dos Santos, which aimed to praise the resource of orality as a historical possibility and source for research in the field of memory, since it is a source alive, with the narrator's perspective, based on reports sometimes experienced by their ancestors, being able to generate tangible documents and make anonymous characters take possession of the protagonism, which were sometimes forgotten or not exalted by history or literature. The result of the work pointed out new contemporary names of the Canudos war, expanded the scope for new research, went through educational issues and it is concluded that there is still much to be said.

**KEYWORDS:** Saint Joseph. Orality. Memory. History.

## INTRODUÇÃO

Os fiéis católicas acreditam em São José como o protetor da família, mas também como um santo próximo do agricultor, do trabalhador e protetor da plantação e da colheita, o santo que traz a chuva para o início da plantação, os nordestinos

---

<sup>1</sup> Graduado em Letras e graduando em História pela UNEB – Universidade do Estado da Bahia.

acreditam que se chover no dia de São José 19 de março, a colheita será boa de feijão, melancia, abobora e sobretudo do milho, que será consumido no mês de junho, nos festejos juninos.

Esse trabalho, mostra a estreita relação da devoção a São José com a religiosidade e o cotidiano dos devotos, está dividido em duas partes com base em uma entrevista concedida pela ex-professora aposentada Helena Rodrigues dos Santos, descendente de conselheiristas, no primeiro momento a entrevistada fala como a comunidade da Barriguda – Canudos, iniciou a devoção ao padroeiro São José e na segunda parte a educação vem à tona pelo ofício ora praticado pela ex-professora aposentada.

Esse trabalho objetiva enaltecer o recurso da oralidade como possibilidade histórica e fonte para pesquisas no campo da memória, já que a mesma é um manancial vivo, com a perspectiva do narrador, baseado em relatos ora vivenciados pelos seus antepassados, podendo gerar documentos palpáveis e, portanto, é necessário considerá-la, preservando-a como diz Paul Thompson:

... a história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos (THOMPSON, 1992, p. 17).

A metodologia desse trabalho foi por meio da colheita de informação, onde a entrevistada apresentou suas memórias, vivências e impressões a partir da origem da novena dedicada ao São José na comunidade da Barriguda que acontece anualmente e infelizmente não é registrado devidamente ao ponto de fazer o município ter o reconhecimento histórico-cultural sobre tal movimento.

Questionada de como foi a escolha do padroeiro São José a entrevistada responde:

**Dona Helena:** Há muito tempo eu não era nem nascido ainda, minha vó, de nome Teófila, mas conhecida como dona “Tiofa” no tempo da guerra tinha duas irmãs, ainda meninas Ermenegilda e Ana que foram levadas para Salvador.

Certamente a entrevistada se refere ao Comitê Patriótico da Bahia<sup>2</sup> encabeçado por Lélis Piedade, que saiu de Salvador de trem com destino a Queimadas com o objetivo de prestar atendimento médico aos feridos da guerra, porém sentiu a necessidade de ir mais adiante, montou em Cansanção um posto de atendimento avançado para poder amparar de forma mais urgente os feridos.

O Comitê que inicialmente seria para atender os soldados feridos, transformou-se naquele período a única instituição de que se tem conhecimento no acolhimento e amparo dos sobreviventes de Canudos, especialmente aos que eles acreditavam que eram órfãos, depois de recolhidas, alimentadas e tratadas as crianças e mulheres eram enviadas para Salvador, onde ficariam aos cuidados do Comitê e do governo.

Seguem todas brevemente para a Bahia e há intenções de coloca-las de modo que depois da expiação da cadeia, se reabilitem pelo trabalho.

Os menores serão colocados em casas pias ou coisa que o valha (PIEDADE, 1897-1901. p.161).

Dona Helena, segue respondendo.

**Dona Helena:** Os pais delas morreram na guerra, os meus bisavôs, porém minha vó que já era casada e tinha um filho, não podia ir atrás das irmãs e desejava reencontrá-las. Ao saber que levaram as duas meninas pra Salvador, assim como o resto dos sobreviventes de Canudos, minha vó, então pediu ao seu irmão Tindé que fosse buscar as meninas.

Tindé era o apelido carinhoso que a família deu ao tio José, ele concordou com o pedido de vovó e no clarear do dia, aprontou o burro e partiu rumo à Serrinha.

Imagine a aventura dessa viagem no lombo de um animal saindo daqui da Barriguda pra Serrinha? Chegando em Serrinha, tio Tindé deixou o burro e foi de trem até Salvador.

---

2 Associação criada por membros da elite soteropolitana e sustentada por doações para auxiliar as forças republicanas. Esta organização respondeu de início às necessidades do Exército, mas, no pós-guerra, este comitê tornou-se defensor dos sobreviventes belomontenses e porta voz da consciência da elite baiana ante os crimes de guerra cometidos em Canudos pelas forças legais. Disponível em: <http://ri.ucsal.br:8080/jspui/bitstream/prefix/2605/1/Comit%C3%AA%20patri%C3%B3tico%20da%20Bahia%20na%20guerra%20de%20canudos.PDF>

Euclides da Cunha narra a “estação terminal da linha férrea, na Calçada” de onde inicialmente partiram as tropas e por onde desembarcaram centenas de soldados feridos, mutilados, bem como, alguns sobreviventes sertanejos e foi por essa linha férrea que saía de Salvador, passando pelo recôncavo, seguindo rumo ao sertão que Tindé chegou à capital.

Diz Dona Helena que ele ao chegar, foi procurar a casa onde botavam os que restavam de Canudos. Um cidadão sertanejo, estranha o cotidiano do povo do litoral e da mesma forma como o metropolitano estranha a figura do catingueiro, ele penou procurando a casa, as pessoas ensinavam receosas e com muita labuta acabou encontrando, porém lamentavelmente só encontrou uma das meninas a Ermenegilda que era a vó do famoso cantador Bião de Canudos, quanto a menina Ana até hoje não se sabe notícias.

A menina Ermenegilda contou a Tindé que estava dormindo com Ana e que ao acordar ela tinha sumido, levaram ela, não se sabe pra aonde e nem quem foi.

Lélis Piedade (1897-1901, p. 211) diz que o Comité, evitou a morte de muitos órfãos dando assistência e conforto, livrou outros da “verdadeira escravidão em que se achavam e porventura, a prostituição no futuro”, fez um alerta quanto ao recolhimento dos órfãos sendo que muitos deles foram levados por soldados, doados a fazendeiros e famílias ricas transformando-os em empregados, eram vistos como troféus de guerra, inclusive o próprio Euclides da Cunha levou uma criança para São Paulo e entregou ao Professor Gabriel Prestes, logo o “menino-jagunço” adotou o sobrenome do seu tutor, denominado de Ludgero Prestes, estudou e tornou-se docente como nos diz alguns autores e documentos publicados.

Dona Helena não abranda o termo, de certo modo comunga e vai além do que diz o escritor do Comité Patriótico da Bahia, ela narra que Ana “foi roubada” o que até hoje deixa uma ferida aberta sem jamais cicatrizar por não terem notícias e nem uma investigação para que desse conta dessa criança que sumiu dos aposentos donde deveriam proteger e guardar os tão sofridos sobreviventes de um genocídio em massa como foi a guerra de Canudos.

Tindé ficou nessa casa seis meses, provavelmente esperando que Ana aparecesse, que alguém a trouxessem ou que ao menos dessem notícia da menina, enquanto isso em Canudos, mais precisamente na comunidade da Barriguda minha vó sofria angustiada sem notícia de Tindé, sem saber se completou a viagem e se encontrou as meninas.

Nada deles voltarem. Entre uma reza e outra a lagrima molhava o rosto já sofrido, a boca secava e o coração gritava a Deus pela vida dos meus irmãos, assim dizia vovó de joelho e terço na mão diante de São José o padroeiro da família.

Mantendo a esperança, vó Tiofa pede ao seu esposo, nesse caso ao meu avô Manuel pra ver se encontra os cunhados, os irmãos de vovó.

Dizia ela - “vai buscar Tindé, ele não quer vir não. Sabe lá como é que está”.

Meu avô Manuel ao romper do dia, antes do galo cantar e dos passarinhos se assanhar, saiu de casa montado até Serrinha, tal qual fez Tindé.

Em Serrinha pegou o trem desembarcou e quando chegou lá encontrou os irmãos Tindé e Ermenegilda.

Vó Manuel trouxe os dois, fizeram o trajeto de volta de trem até Serrinha, pegaram os animais e na viagem vinham reversando Tindé andava a pé um pouco enquanto a irmã montava, outra hora Ermenegilda andava enquanto Tindé montava.

E de pedaço em pedaço dessa longa rodagem, venceram a distância e chegaram aqui.

Nessa vinda de Tindé, ele trazia um quadrinho de São José, sim era um quadro, não era uma imagem de barro ou de cerâmica era um quadrinho que ele arrumou em Salvador trouxe um quadrinho era um quadro.

A repetição colocada por Dona Helena é pra frisar que embora seja uma moldura não desqualifica a dimensão da fé dedicada a devoção do padroeiro da comunidade que iniciou em agradecimento ao reencontro, a chegada e acima de tudo à vida e certamente ao cumprimento da promessa feita por Dona Tiofa de joelhos as lágrimas e aliviada, em partes pelo retorno dos dois irmãos e do esposo.

Assim, nasce a trajetória da novena de São José na comunidade da Barriguda, quando Tindé e a família rezavam, cantavam ladainhas, soltavam foguetes e passavam o dia e a noite de São José celebrando o Santo, no decorrer do tempo sentiram a necessidade de ampliar de um dia para a novena completa, passaram a reunir as famílias vizinhas que entre prosas, cafés e ladainhas celebravam o São José.

Fizeram uma capela.

Todo esse relato descrito por dona Helena poderia ter sido ouvido e registrado antes deste artigo, se alguns autores e pesquisadores se atentassem em não analisar Canudos pela perspectiva de Euclides da Cunha, pois como nos alerta José Calasans que analisava e compreendia os acontecimentos, as ações e as lembranças dos sobreviventes e descendentes como uma linha ausente dessa história de múltiplas

interpretações, deve ser portanto recontada do ponto de vista de quem perdeu um ente querido, de quem chorou ao ouvir as magoas, a revolta e a decepção por um governo que poderia ter evitado o sangrento episódio, pois o Canudos na visão dos vencidos ainda lhes faltam muitas linhas para ajeitar e completar essa história mal contada.

O Canudos não euclidiano como parte de informações e comentários relativos a um momento importantíssimo da História do Brasil, a chamada "Guerra de Canudos", de tanta significação na nossa vida social, política, cultural e militar. (CALASANS,1997. p. 11).

Ratificando, Canudos ainda tem muito por ser dito, tem uma infinidade de recordações, muitas delas desagradáveis e dolorosas como o desaparecimento da menina Ana entre outros conselheiristas, o abuso e a exploração das crianças e mulheres, a passagem de Conselheiro e seu séquito pelo município de Quijingue, onde aconteceu o fogo de Maceté entre outras tantas investigações necessárias a exemplo do nome Tindé se o mesmo é o José Travessia citado por alguns autores, por essa e por outras, objetivando o enriquecimento historiográfico da memória local do povo, não apresentado pelo então correspondente do jornal o Estado de São Paulo, faz-se, imprescindível a reescrita criteriosa desses aspectos frisados.

Tindé doou o terreno e em regime de mutirão construíram a capela que atualmente serve a comunidade, colocaram outra imagem, mas a imagem de São José trazida por Tindé está lá hoje ainda na capela, “eu penso que a filha dele deixou lá, embora ela levasse pra Euclides da Cunha, mas, sempre trazia nos festejos de São José”, assim disse Dona Helena acrescentando, “o Bispo Dom Jakson Berenguer Prado, foi benzer a capela quando eu ainda tinha apenas sete dias de vida”.

Dona Helena narra com nostalgia: as noites da novena de São José de quando ela era jovem em que havia muitas barracas, leilões com os prêmios doado pela comunidade, pessoas de toda a redondeza a exemplo Rosário, Bendegó, Canudos Velho e da cidade também e vinham muitos políticos para aproveitar a oportunidade e estar entre os eleitores.

Na família a devoção a São José é antiga, vem de Tindé que é contemporâneo da guerra de Canudos, aí fica a sugestão aos estudiosos e pesquisadores de Canudos que Tindé era o nome de José Travessia, pois segundo minha bisavó ele nasceu numa travessia, ela estava viajando, sentiu as dores e na travessa deu à luz a José. Temos

muitos Josés na família, começando por tio Tindé, seguido de meu pai, meu irmão mais velho, o mais novo e meu filho mais velho.

A entrevistada sugere o que anteriormente foi levantado pelo Professor e pesquisador José Calasans, quando insistia aos estudiosos e pesquisadores que falassem, escrevessem e tirassem do anonimato os vencidos, pois eles também merecem serem lembrados, exaltados para saírem dos escombros do apagamento.

Os vencidos também merecem um lugar na História. Não devem ficar no anonimato. Precisam desfrutar da situação definida do “quem era quem”. Assim pensando, julgamos que a gente humilde que lutou, matou e morreu na guerra fratricida de Canudos, o Belo Monte de Antônio Conselheiro, faz jus a ingressar num texto de caráter biográfico (CALASANS, 1986, p. 04).

Dona Helena afirma que antigamente a devoção parecia ser mais fervorosa, chovia sempre nos dias da novena, em uma certa ocasião alguém pegou escondido a imagem e parece que a Barriguda ia se acabar de tanta água. Sim de chuva!

Foi preciso correr nos quatro canto da comunidade pra pedir a pessoa que pelo o amor de Deus devolvesse a imagem, feito isso a calma voltou. Parece mentira, mas aconteceu. Foi tanta água que os riachos transbordavam passando piabas pelas estradas.

Os mais velhos devem lembrar desse episódio!

Tia Cotinha foi por muitos anos administradora da igreja e com chuva ou frio pelo menos a última noite sempre acontecia, independente da hora, teve noite em que a comunidade já não esperava mais a novena e do outro lado do riacho tia Cotinha com a chave e o terço na mão tocava as águas baixarem para poder atravessar e pagar a devoção.

Em uma dessas noites, lá pras tantas da madrugada a gente acorda com o chamado do sino e a gritada do povo dizendo que tia Cotinha atravessou lama e o riacho na cacunda do marido pra poder cumprir o dever de celebrar o São José. Era muita fé, o sacrifício valia pela devoção que não se ver mais nos dias de hoje.

Já era boca noite nesse momento da entrevista, no exato instante em que se ouvia o sino da igreja matriz anunciar as 18 horas, um costume herdado desde a chegada de Conselheiro onde o sino convocava o povo à procissão e a reza do terço, conforme relata Euclides da Cunha.

Ao cair da tarde, a voz do sino apelidava os fiéis para a oração. Cessavam os trabalhos. O povo adensava-se sob a latada coberta de folhagens. Derramava-se pela praça. Ajoelhava-se. Difundia-se nos ares o coro da primeira reza.

A noite sobrevinha, prestes, mal prenunciada pelo crepúsculo sertanejo, fugitivo e breve como o dos desertos.

Fulguravam as fogueiras, que era costume acenderem-se acompanhando o perímetro do largo. E os seus clarões vacilantes emolduravam a cena meio afogada nas sombras (CUNHA, p. 87).

Hoje o sino da igreja matriz, toca três vezes ao dia: as seis da manhã, ao meio dia e as 18 horas.

Dona Helena, relata com muita tristeza que aos poucos via a movimentação se acabando, por que também o povo mais velho foi viajando (morrendo) e os filhos saindo da comunidade, os que ficavam não tinha o mesmo entusiasmo e nem a devoção dos pais.

Quando percebi que poderia acabar resolvi organizar a novena por noiteiros sorteados com as famílias da comunidade de 11 a 19 de março, minha noite era a primeira, dia 11 e cada noiteiro responsável preparava sua noite animando e trazendo convidados, o município já tinha no calendário das festividades essa tradição celebrativa com missa no dia do Santo.

Com tudo isso, ainda não motivava o povo, a gente pelejava, fazia uma coisa, fazia outra e nada de animar esse povo, então foi quando eu disse vamos fazer uma caminhada, afirma Dona Helena.

Atualmente Dona Helena mora na sede, foi para cidade para exercer a docência e na saída dela a mesma deixou a chave e os cuidados da capela com sua sobrinha Ziza e sua vizinha e comadre Ana.

Com a pandemia houve ainda mais um distanciamento não acontecendo a novena, somente este ano de 2022 aconteceu a caminhada, mas sem a participação efetiva da comunidade, sem a banda de pífanos e sem a aglomeração dos anos anteriores.

A caminhada mencionada por Dona Helena consiste numa procissão saindo da capela, onde o fiel canta ladainhas e louvores a São José acompanhado pela banda de pífanos. No percurso há três cruzeiros, no primeiro cruzeiro, a parada rememora a morte da saudosa Eva que era filha de tia Cotinha, Eva ao chegar nesse ponto teve um mal súbito e faleceu após a saída da novena.



Figura 01 - Dona Lídia apoiada no ombro da Dona Helena no meio da procissão, próximo a barragem. (Arquivo pessoal do autor)



Figura 02 - Primeiro cruzeiro após a saída da capela, local onde faleceu a jovem Eva. (Arquivo pessoal do autor)

A segunda parada acontece dentro de uma fazenda onde há um cruzeiro mais antigo e uma sepultura, da finada Lucília que em vida pediu aos familiares que sepultassem ela ali, os familiares respeitaram, obedecendo ao pedido enterrada ela lá.

A terceira parada acontece a beira das águas da barragem, onde todos os fiéis bebem da água, dão graças a Deus pela abundância e reverenciam ao São José.



Figura 03 - Segundo cruzeiro, local do sepultamento da finada Lucília.  
(Arquivo pessoal do autor)



Figura 04 - Barragem da comunidade da Barriguda.  
(Arquivo pessoal do autor)

A quarta parada, acontece no mais novo cruzeiro no quintal de casa, diz Dona Helena, aqui era o lugar da casa de papai e mamãe, eles eram muito devotos.

Saindo do terceiro cruzeiro, a procissão segue rumo à capela percorrendo em baixo de um sol escaldante como foi este ano em torno das 15 h, que ao finalizar dá em média uns quatro quilômetros todo o trajeto.



Figura 05 -Terceiro cruzeiro, quintal da casa de D. Helena.  
(Arquivo pessoal do autor)

Cabe destacar aqui, a valiosa contribuição pioneira do pesquisador Odorico Tavares que com o balançar de sua pena abriu brechas para José Calasans que alargou as veredas em torno da memória dos sobreviventes de Canudos, ambos registrando seus trabalhos por meio da pesquisa oral dos sobreviventes e reforçando a importância e o cotidiano da memória popular.

Nota-se pouco interesse pela problemática da história oral, porém a mesma tem se mostrado importante fonte e construção de pesquisa histórica, como contabilizou o trabalho de Odorico Tavares, José Calasans, Manoel Neto entre outros historiadores e autores.

Embora, haja o desinteresse de alguns, certamente isso seja pelos esforços dedicados do pesquisador em inserir a metodologia da entrevista, da observação e captação da informação de um indivíduo carregado de receio, medo e preservação de sua tranquilidade, como mostra a fala de Maria Avelina da Silva, entrevistada por Odorico Tavares em 1947, “para que adianta estar falando dessas coisas? Já passou. Estou velha e quero morrer em paz”. (TAVARES,1947, p.355).

A segunda etapa deste trabalho, parte da questão. Como iniciou a sua carreira de professora?

**Dona Helena:** Fomos visitadas e convidadas para trabalhar no MOBRAL<sup>3</sup>. Fui eu, Zefinha e Livinha, inicialmente só tínhamos o primário, passamos por um treinamento em Euclides da Cunha, fomos aprovadas e começamos a ensinar nas comunidades de Barriguda e Angico, cada professora com sua turma, eu ensinava em casa os jovens e adultos, Zefinha no prédio da Barriguda, trabalhava com as crianças e Livinha também com as crianças na escola do Angico.

Trabalhei uns dois anos com turma multisseriada com adultos, enfrentando muitas dificuldades pra alfabetizar e letrar pessoas com desenvolvimentos diferentes.

O Ministério da Educação – MEC concebe que estar alfabetizado significa ser capaz de interagir por meio de textos escritos em diferentes situações, significa ler e produzir textos para atender a diferentes propósitos. Por tal motivo, estabelecemos o período de 3 anos do ciclo de alfabetização para que a criança compreenda o Sistema Alfabético de Escrita e que seja capaz de ler e escrever com autonomia textos de circulação social. Sem dúvidas, com uma boa intervenção didática, esses objetivos poderão e deverão ser alcançados (BRASIL, 2015, p.19).

A entrevistada, vem de uma realidade onde a educação do campo era desvalorizada, quando o professor exercia diversas funções: auxiliar de serviços gerais, merendeira, docente de sala multisseriada, além de ter quatro ou mais planejamentos de aula, aliado as péssimas condições de materiais de trabalho ou a escassez dos mesmos e por fim a desvalorização e o não reconhecimento do professor, mas era preciso alfabetizar e ensinar os alunos sem transparecer essas preocupações e sobre carga, até por que eles não tinham culpa.

Nesses primeiros anos de docência, as professoras da Barriguda e do Angico estavam vinculadas a Euclides da Cunha na gestão do prefeito José Renato Campos, pois até então Canudos ainda não tinha a sua emancipação política.

A ex-professora relata que como não havia energia elétrica a prefeitura fornecia um botijão para a iluminação, um quadro de giz e papeis para os alunos escreverem.

---

3 Movimento Brasileiro de Alfabetização - Programa criado em 1970 pelo Governo Federal com objetivo de erradicar o analfabetismo do Brasil em dez anos. Propunha a alfabetização funcional de jovens e adultos, visando “conduzir a pessoa humana a adquirir técnicas de leitura, escrita e cálculo como meio de integrá-la a sua comunidade, permitindo melhores condições de vida”. O programa foi extinto em 1985 e substituído pelo Projeto Educar. Disponível em <https://www.educabrasil.com.br/mobral-movimento-brasileiro-de-alfabetizacao/>. Acesso em 09 mai 2022.

Os alunos acabavam se divertindo, para eles era muito animado era um momento de se encontrarem, socializarem e construir aprendizado sozinhos e coletivamente.

Estes alunos saíam de suas casas no escuro e por muitas vezes encontravam os animais noturnos a exemplo de raposa e cobras, para quem não conhece a comunidade da Barriguda, as casas são distantes umas das outras e se o aluno fosse medroso, poderia fantasiar a ideia de encontrar um lobisomem ou uma assombração qualquer na estrada já que era muito comum as histórias de visagem nesse período.

Conforme Bauman (2008), o medo é o nome que damos para a nossa incerteza. Ele cumpre a função de instigar a curiosidade humana natural pelo que assusta, sem colocar sua própria integridade em risco.

O medo é mais assustador quando difuso, disperso, indistinto, desvinculado, desancorado, flutuante, sem endereço nem motivos claros; quando nos assombra sem que haja uma explicação visível, quando a ameaça que devemos temer pode ser vislumbrada em toda parte, mas em lugar algum se pode vê-la (BAUMAN, 2008, p. 08).

Embora, houvesse em alguns essa imaginação de assombração e medo, os alunos nunca deixaram de ir para as aulas que aconteciam a noite, pois devo lembrar que estamos falando do Mobral e se era aula para adultos, estes trabalhavam o dia todo na roça em tempos de chuva e na seca sob o sol escaldante e conseqüentemente ficavam exaustos.

Sendo assim, era preciso sobressair com uma metodologia e didática de caminhar de mãos dadas com a compreensão, solidariedade e empatia da professora, pois educar é muito mais do que transmitir conteúdo é necessário contextualizar a aprendizagem com o cotidiano do aluno, entendendo a sua labuta e o esforço de aprender para facilitar em algumas situações do dia a dia quando se trata de ler e escrever.

Segundo Soares o letramento:

não se restringe ao aprendizado automático e repetitivo dos códigos convencionais da leitura e da escrita ensinados tradicionalmente nas escolas [...] ele acontece antes e durante a alfabetização e continua para o resto da vida (SOARES, 2003, p. 40).

Em 25 de fevereiro de 1985, Canudos foi desmembrado de Euclides da Cunha, ganhando a sua emancipação política e segundo Dona Helena no ano seguinte o primeiro prefeito eleito o senhor Manoel Adriano Filho (Vavá) também emancipou as professoras da Barriguda e do Angico como professoras municipais da cidade de Canudos.

Tivemos que ensinar e também estudar, aí começou uma fase difícil, pois eu morava a 18 quilômetros da sede, foi dada a oportunidade, mas não condições, por exemplo um dia por semana tínhamos que ir pra Canudos estudar, mas não tinha transporte para nós professoras fazer o deslocamento.

Perdi as contas de quantas vezes a gente foi a pé, chegando com fome e ainda ter que ficar o dia todo em aula e retornar cansada para no outro dia cedo ter que dá aula, pois quando passei para o município de Canudos, iniciei o trabalho com crianças do pré ao quarto ano e ainda com a turma multisseriada com aproximadamente 30 a 40 alunos.

Foi sofrimento, muito sofrimento.

Caminhei grávida quase os nove meses para o planejamento, um dia já com oito meses prestes a ganhar a Lelê (filha caçula) com a barriga pesada, casada e caminhando, de repente travou. Não conseguia ir pra frente e nem pra trás.

Era um dia importante, a coordenadora esperava para o treinamento e planejamento, por sorte nesse momento passou o “pagador” da prefeitura, teve dó, voltou o carro, me botou dentro e me levou pra casa.

Questionada sobre a dupla jornada de ser mãe e professora, Dona Helena relata com orgulho ter superado as dificuldades com responsabilidade de ser mãe de sete crianças e dar conta da educação das mesmas, dos afazeres domésticos, das atribuições de esposa e ao mesmo tempo ser professora buscando cada vez mais a profissionalização, desde que iniciou como professora do Mobral, relata que foi sacrificante e se fosse uma mulher fraca teria desistido nos primeiros obstáculos.

Confessa que a fé lhe ajudou bastante. A devoção ao São José, segundo a mesma aliviava o fardo, dando-lhe força e coragem, conforme descreve o sertanejo a respeito da fé, o poeta José Américo:

**Fé**  
...O sertanejo não esquece  
É de sua obrigação  
Quando chega a seis horas

A Deus pede perdão  
E sempre por caridade  
Aos santos pede proteção  
O chapéu tira da cabeça  
E a mulher o terço na mão  
É demonstração de fé  
E mais profunda devoção (AMORIM,2018, p.27).

A entrevistada segue falando da labuta de lhe dá com uma turma multisseriada dos anos que exerceu a docência nas comunidades da Barriguda e depois no Angico, conta que sua irmã Tonha, também professora fazia os tachos de comida para servir aos alunos, muitas vezes levava essa comida ainda quente na cabeça, correndo o risco de cair e se queimar outras vezes ela pedia ajuda aos alunos maiores, atravessava um pau entre as alças do tacho ou do caldeirão e de cada lado um dos alunos seguravam e iam pra escola.

Lembro como se fosse hoje, por que isso marca a gente. Foi um tempo difícil que além de ser professora éramos a zeladora, merendeira e que ao chegar em casa tinha que preparar as aulas separadamente e nem sempre era possível fazer esse plano por série, a nossa sorte é que aqueles alunos de cada série que já sabiam um pouco mais do que os outros, ajudavam os que tinham dificuldades, era como se fosse um auxiliar da professora.

Outra situação cansativa nessa época era a confecção das provas, todas feitas manuscritas, imagine uma professora trabalhar 40 horas, dando conta de merenda, higienização da escola, afazeres domésticos, educação dos filhos entre outras atividades do lar ou da fé e ainda ter que escrever cerca de 40 provas à mão, pois não tinha o mimeógrafo<sup>4</sup> muito menos esses equipamentos tecnológicos da computação e informática que hoje as escolas têm.

Atualmente os professores reclamam sem se dá conta do sofrimento que foi dos seus antecessores, hoje nenhum professor faz merenda, limpa a sala de aula, escreve 30 ou 40 provas ou atividades à mão, não escrevem mais de giz que produzia uma poeira horrível, nenhum professor trabalha mais em sala multisseriada, todos recebem conforme piso nacional e não são desvalorizados como outrora, isso

---

4 Mimeógrafo é um instrumento utilizado para fazer cópias de papel escrito em grande escala, reproduzido em papel estêncil. Foi um dos primeiros sistemas de cópias em série utilizados no ensino e por muitos anos usados nas secretarias das escolas para reprodução de atividades e provas.

dificultava o trabalho do professor e era pior quando esse profissional era mulher, pois aí vem a dupla jornada de trabalho.

Graças a Deus a educação evoluiu e com isso a melhoria aconteceu para facilitar o trabalho do professor que embora tenha trabalho no trabalho pedagógico, não chega perto das dificuldades que eu tive quando iniciei e já disse pra vocês.

Questionada sobre a transferência dela para sede, a entrevistada respondeu:

Aos poucos os alunos foram diminuindo, já não tinha alunos para as duas turmas das comunidades: Angico e Barriguda, isso me obrigou a vir pra Canudos, inicialmente fiquei no bairro do aeroporto e depois fui para o Jairo Azi, perto da igreja matriz.

Para mim, melhorou quando passei a lecionar na sede, fui para uma turma de séria única, era como ensinar um só aluno, pois era um único plano de aula, não tinha que fazer merenda, não precisei limpar a sala, já não escrevia todas provas e tinha muito mais recurso pedagógico que auxiliava na metodologia do ensino aprendido, por isso que de certo modo discordo com alguns professores que reclamam da dificuldade de dá aula. Eu digo que não, considerando todo o trabalho que tive, mas também não estou negando que haja dificuldades em alguns aspectos, embora comparando o ontem e o agora, hoje tá tudo aí na mão.

Indagada a respeito da conclusão de sua graduação em pedagogia, dona Helena fala: Em 2010 iniciamos o curso na UNEB era um programa chamado UNEB 2000<sup>5</sup> uma parceria do município de Canudos com a Universidade do Estado da Bahia para capacitar e formar os professores que ainda não tinham o nível superior.

Às vezes me pego nostálgica do ensinamento e da contribuição para o ensino aprendizagem e para a vida como um todo da presença marcante do saudoso professor Marco Carneiro, um excelente educador que tão cedo partiu deixando órfãos vários professores que o admiravam.

Interrogada se algum dos filhos seguiram a profissão da mãe, dona Helena responde:

---

5 Programa de Formação, em Serviço, para Professores da Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental, desenvolvido pela UNEB, em convênio com as Prefeituras Municipais, o Curso Intensivo de Graduação, Licenciatura Plena em Pedagogia, que acontece de forma presencial, com duração de três anos, carga horária de 3.240 horas. O programa funciona desde 2000, já tendo atuado em 130 municípios do Estado da Bahia. Atualmente o Programa expandiu suas ações oferecendo, com esta mesma organização, cursos de Licenciatura Plena em áreas específicas como Letras, Matemática, História, Biologia, em convênio com o governo do Estado da Bahia (PROESP).

Dos sete filhos, três: Luzia, Marcelo e Lelê tiveram experiência com sala de aula, porém só Luzia seguiu a carreira do magistério, atualmente a mesma é diretora da Escola Municipal Jairo Azi, Lelê apesar de ter nível superior não optou pela docência, formou-se em administração de empresa, atualmente trabalha no comércio de Canudos, Marcelo é funcionário efetivo do município.

Em formação superior ainda tem Edeusa que está cursando Serviço Social, todos eles constituíram família muito cedo e provavelmente por isso os meus filhos homens não chegaram à faculdade, isso não diminui a grandeza, a inteligência e a moral de nenhum deles.

São homens íntegros!

Aprenderam desde cedo a trabalhar em prol da família e que a família é a base das questões éticas e moral para que a gente consiga viver bem em sociedade, sou honrada pelos filhos que tenho, graças a Deus nenhum foi pro mal caminho, talvez por que herdaram as crenças, os valores e a educação no respeito ao outro.

## **CONCLUSÃO**

O presente trabalho mostrou que embora haja milhares de trabalhos publicados sobre a história da guerra de Canudos e seus descendentes ainda há muito o que ser pesquisado, evidenciado e retirado dos escombros da ignorância para sair do anonimato dando protagonismo as vozes dos que carregam uma imensidão de ensinamentos nas suas memórias que ora foram ditas e recontadas pelos avós, bisavós e outros que sobreviveram a fraticida guerra de Canudos.

Percebi que muitas memórias não são ditas ou não foram ditas, por que não foram questionadas, estimuladas e se não apareceram em livros, jornais ou outros meios é como se elas não existiram e é aí que mora a invisibilidade por trás da rejeição dos que não tiveram a oportunidade de narrar o que ouviram e dá seu ponto de vista sobre o que muitos equivocadamente mentem e publicam como sua verdade levando outros a acreditarem.

Face ao exposto, pelo trabalho de Memórias não ditas: do terço ao giz, da devoção à educação, fica os frutos de uma pesquisa apontando para novos horizontes aos pesquisadores, professores de história do município e aos historiadores e curiosos dos acontecidos sobre Canudos.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. 2008. **Medo Líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.

BRASIL, Secretaria de Educação. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: Interdisciplinaridade no ciclo de alfabetização**. Caderno de Apresentação. Brasília: MEC/SEB 2015.

CALASANS, José. **Quase biografias de jagunços: o séquito de Antônio Conselheiro**. Salvador C.E.B, UFBA,1986.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Três, 1984.

SOARES, Magda. **A reinvenção da alfabetização**. Revista presença pedagógica, V.9, n. 52. Jul/ago. 2003.

PIEIDADE, Lélis. (Coord.) OLAVO, Antônio (Org.) **Histórico e relatório do Comitê Patriótico da Bahia (1897 – 1901)**. Salvador: Portfolium Editora, 2002, 288 p.:il.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

# NO ARRIMO DO CAJADO, NOS RASTROS DAS ALPERCATAS: AS PEGADAS DO CONSELHEIRO NAS CERCANIAS DO PEDRÃO

Miguel Angelo Almeida Teles<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho tem como escopo a análise de uma correspondência do padre José Baptista da Silva Carneiro, responsável pela Freguesia do Santíssimo Sagrado Coração de Jesus do Pedrão, ao Arcebispado da Bahia, em 1889, em consequência do propósito de alguns comerciantes do Arraial da Conceição do Patrimônio suscitarem a presença do beato Antonio Conselheiro nas terras pedronenses. Na aludida carta, Carneiro relatara não só as andanças e homilias realizadas pelo peregrino nas Freguesias circunvizinhas, como também, a rogo desses comerciantes, ministrar sermões e prédicas em uma comunidade da Freguesia pedronense.

**Palavras-chave:** História. Igreja Católica. Antonio Conselheiro. Pedrão.

**Abstract:** This work aims to analyze a correspondence by Father José Baptista da Silva Carneiro, responsible for the Parish of Santíssimo Sagrado Coração de Jesus do Pedrão, to the Archbishopric of Bahia, in 1889, as a result of the purpose of some merchants to raise the presence of the blessed Antonio Counselor in the Pedronenses lands. In the aforementioned letter, Carneiro had reported not only the wanderings and homilies carried out by the pilgrim in the surrounding Parishes, but also, at the request of these traders, to deliver sermons and sermons in a community in the Pedestrian parish.

**Keywords:** History. Catholic Church. Antonio Counselor. Pedrão.

## INTRODUÇÃO

Nas peregrinações do beato de Canudos, após desobrigar-se nos sertões do Canindé de uma promessa que fizera a São Francisco, Antonio Conselheiro<sup>2</sup> seguira para onde lhes chamavam os mal-aventurados<sup>3</sup>. Na Província da Bahia, o beato amealhara afeições e malquerenças com as autoridades estabelecidas, com os senhores

---

1 Graduado em História pela Universidade do Norte do Paraná – UNOPAR. Pós-graduando em História da Bahia pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Sócio do IGHB.

<sup>2</sup> Antônio Conselheiro, cujo nome de batismo era Antônio Vicente Mendes Maciel, nascera na Vila de Santo Antonio de Quixeramobim, no dia 13 de março de 1830. Era filho primogênito do casal Vicente Mendes Maciel e Maria Joaquina de Jesus ou Maria Joaquina do Nascimento, conhecida como Maria Chana, (BRÍGIDO, 1997, p. 19). Falecera em Belo Monte, 22 de setembro de 1897.

<sup>3</sup> Segundo Nertan Macedo essa conversa fora mantida entre Antonio Vicente e o jornalista João Brígido, em Fortaleza. (MACEDO, 1964, p. 117).

da terra e, sobretudo, com alguns membros da Igreja Católica. Em razão disso, vigários interioranos transmitiam, regularmente, ao Arcebispado da Bahia, informes sobre o trajeto do Conselheiro, por intermédio de correspondências repletas de fatos, denúncias, inverdades e conjecturas. Desta maneira, este trabalho tem como objetivo aditar informações a estudos preexistentes alusivos ao itinerário do Conselheiro nos recônditos baianos, antes do seu estabelecimento no Belo Monte, em 1893.

A movimentação de Antônio Vicente nas localidades adjacentes à Freguesia do Santíssimo Sagrado Coração de Jesus do Pedrão<sup>4</sup>, em finais de 1888, por seu turno, suscitara em uma carta<sup>5</sup> do Vigário Carneiro<sup>6</sup> endereçada ao Arcebispo D. Luiz Antonio dos Santos<sup>7</sup>, com informes sobre o beato.

No alusivo documento manuscrito, padre Carneiro denunciara, ao superior eclesiástico, a desobediência de alguns vigários circunvizinhos, em consentirem, nas suas respectivas paróquias, a realização de prédicas, tal como a afluência dos paroquianos às pregações do Conselheiro, contrariando as decisões do Arcebispado. Assim, anuindo com o édito episcopal, Carneiro relata ao Arcebispo a sua postura enérgica de desaprovo diante de alguns comerciantes estabelecidos no Arraial da Conceição do Patrimônio<sup>8</sup>, em suscitarem a presença do beato para a realização de uma missão no supracitado arraial, estabelecido na Freguesia do Pedrão.

Para a realização deste trabalho, buscamos fundamentação teórica em Bunge (2002); Hoornaert (1982) e Bourdieu (1974). Contudo, utilizamos, como referencial

---

<sup>4</sup> Atual município de Pedrão. O município fora criado a partir de terras desagregadas do município do Irará, por meio da Lei Estadual 1705 de 12 de julho de 1962.

<sup>5</sup> Correspondência do Padre José Baptista da Silva Carneiro ao arcebispo D. Luiz Antonio dos Santos, Marquês de Monte Pascoal. O documento, contendo seis páginas, manuscrito em papel pautado, subscrito na Freguesia do Pedrão, em 03 de janeiro de 1889 e assinado pelo próprio vigário, responsável pelo múnus paroquial da Freguesia do S. S. Coração de Jesus do Pedrão, hoje município de Pedrão-Ba. O documento fora digitalizado pelo Centro de Estudos Euclides da Cunha, Órgão veiculado à Universidade do Estado da Bahia (CEEC/UNEB) para o acervo documental sobre Canudos.

<sup>6</sup> Monsenhor José Baptista da Silva Carneiro nasceu em Santa Bárbara a 15 de junho de 1861 e falecera no Pedrão em 14 de novembro de 1945. Convidado, na condição de pró-pároco do Pedrão pelo padre Manoel Martins Valverde, tomara posse em 17 de abril de 1881. Com o falecimento do Padre Manoel em 30 de maio de 1884, assumira o múnus paroquial pedronense em 15 de junho de 1884. Convivera maritalmente com Amélia Maria de Jesus, com quem tivera seis filhos. (IGB, 2005, p. 285-287).

<sup>7</sup> Luiz Antonio dos Santos fora nomeado Arcebispo da Bahia e Primaz do Brasil em 15 de novembro de 1879 e tomara posse em outubro de 1881. Durante sua gestão no Arcebispado foram realizadas reformas na Catedral, restaurações nos palácios da Penha e da Sé e delegara o comando do Seminário à Congregação dos padres lazaristas. Faleceu em 11 de março de 1891, com 74 anos de idade, após ter renunciado ao cargo em 1890. (BAHIA, 2004, p. 441).

<sup>8</sup> O Arraial da Conceição do Patrimônio, hoje, designado Fazenda Patrimônio, no município de Pedrão-Ba, está localizada às margens da Rodovia BA-053. Nos informes prestados ao autor por um morador do povoado, o Patrimônio consiste atualmente um arruado com aproximadamente dezessete casas, e dispõe de luz elétrica, água encanada e um prédio escolar atualmente desativado.

historiográfico em Silva (1997); Cunha (2002); Villa (1999); Benício (1997); Horcades (1996) e Macedo (1969; 1964), dentre outras obras bibliográficas para embasarmos nossa escrita.

Na apresentação deste trabalho, evidenciamos nosso objeto de estudo contextualizado e vinculado à pesquisa bibliográfica e documental acerca da peregrinação do Conselheiro nas imediações do município do Pedrão. Na segunda seção, ancoramos a discussão a partir do aprofundamento de tópicos explorados previamente, trazendo como sustentação o aporte teórico que pretende explicitar o contraste entre o catolicismo oficial e o catolicismo popular nos sertões nordestinos. Em subsequência, procedemos a análise da correspondência do vigário Carneiro ao Arcebispado da Bahia e Primaz do Brasil. Na quarta, e última, seção evidenciamos as conclusões, as limitações e as sugestões para futuras pesquisas.

## **O CATOLICISMO OFICIAL E O CATOLICISMO POPULAR**

A concepção do termo religião, definido por vários filólogos, (FERREIRA, 1986, p. 1480; BUNGE, 2002, p. 341), compreende o conjunto de crenças existente em torno do sobrenatural e as práticas observadas e associadas, sobretudo à adoração e ao sacrifício.

Perante as Ciências Sociais, a religião é abordada em vários aspectos, fatores e perspectivas, entre os quais, elencamos a História e a Sociologia para a fundamentação deste trabalho. Sob o prisma da História, o estudo das religiões discorre sobre as transformações e evidências correlacionadas com outras práticas da organização social, econômica e política de uma sociedade. Na Sociologia, a religião estuda as atividades e as degenerações sociais da fé introduzidas na comunidade, analisando sua contribuição a harmonia ou dissociação coletiva, tal e qual sua utilidade como instrumento de vigília social. (BUNGE, 2002, p. 341).

A religião compreendida nos sertões nordestinos, conforme Euclides da Cunha fora o resultado da miscigenação das religiões das três principais etnias que povoaram os sertões de antanho. Segundo o autor, o catolicismo ibérico, conservado os costumes e as tradições das aldeias portuguesas, agregou em suas doutrinas os “poracês do tupi” e as “ágapes selvagens dos candomblés dos africanos”, e à vista disso, transmudara-se em um “monoteísmo incompreendido, eivado de misticismo extravagante”. (CUNHA,

2002, p. 135-138). Esse caldeamento das religiões, caracterizado por Cunha (2002, p. 136) como uma “mestiçagem de crenças”,

Do ponto de vista religioso, o povo brasileiro foi obrigado a se adaptar a duas condições fundamentais, desde os primeiros tempos da colonização: quantidade mínima de sacerdotes e falta de conhecimentos religiosos. [...] Devido ao povoamento disperso do interior do país e a falta de indivíduos convenientemente instruídos do ponto de vista religioso, cuja ação poderia ter tornado mais homogêneos doutrinas e ritos, a prática religiosa rural apresentou muita variação em torno dos mesmos temas centrais. (QUEIROZ, 1973, p. 75-79).

Na luta contra as agruras do tempo e da desassistência da Igreja e do Estado, o calor da hora arrastara o sertanejo a buscar o amparo dos benzedores, videntes, rezadores, nas rezas fortes ou forçosas, nas mandingas, nos patuás, nos amuletos, nos rosários e bentinhos. Consequentemente, o misticismo transitara livremente pelos caminhos da religião oficial, onde a ação manifesta da Igreja tornara-se visível, tão somente por ocasião da Páscoa, nas missões católicas, época das desobrigas cristãs: o batizado, a crisma e o casamento. Todavia, a fé no sagrado não fora aniquilada com o distanciamento da eucaristia, nem tampouco com a ausência dos sacerdotes, como pontua Hoornaert,

Este sentido das organizações religiosas populares no decorrer da História do Brasil não foi reconhecido pela igreja, que estava comprometida com os intentos dos Estados colonizadores e com os avanços do capitalismo triunfante. A Igreja julgava que só a instituição hierárquica era válida e não conseguia perceber que estava pervertida pela sua aliança com o poder colonizador. (HOORNAERT, 1982, p. 27).

Dessa maneira, a Igreja Católica estabelecera, perante o catolicismo oficial, códigos com os quais sentenciaria, com suas ordenações e metodologias, a propalação do evangelho estrita, unicamente, aos sacerdotes. As Constituições do Arcebispado da Bahia, respaldada no documento aprovado pelo Sínodo Diocesano<sup>9</sup>, de 12 de junho de 1707, sistematizaram a vida religiosa do Brasil Colônia, proibindo a pregação de leigos e até do clero secular, sem a devida outorga dos superiores eclesiásticos, o qual proibia “[...] sob pena de excomunhão maior e de suspensão das Ordens, e prisão, e

---

<sup>9</sup> O Sínodo Diocesano de 1707 é considerado um dos mais significativos registros de caráter religioso no período colonial. Esse documento, organizado por D. Sebastião Monteiro da Vide, (1643-1722), Arcebispo de Salvador, entre 1702 e 1722, deu origem às Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia.

das demais penas que nos parecer [...]” (VIDE, 1853, p. 199). Desse modo, a estrutura social e religiosa do Brasil Colônia monopolizara a fé, definira doutrinas, instituíra regras,

Enquanto resultado da monopolização da gestão dos bens de salvação por um *corpo de especialistas* religiosos, socialmente reconhecidos como detentores exclusivos da competência específica necessária à produção e à reprodução de um *‘corpus’ deliberadamente* organizado de conhecimentos secretos (e, portanto raros), a constituição de um campo religioso acompanha a desapropriação objetiva daqueles que dele são excluídos e que se transformam por esta razão em leigos (ou *profanos*, no duplo sentido do termo) destituídos do capital religioso (enquanto trabalho simbólico acumulado) e reconhecendo a legitimidade dessa desapropriação pelo simples fato de que a desconhecem enquanto tal. (BOURDIEU, 1974, p. 39). Grifo do autor.

A Santa Madre Igreja, disciplinada *ad aeternum* pelo Documento Episcopal de 1707, sistematizara e estabelecera os cânones católicos alusivos ao exercício da evangelização cristã, concernindo apenas aos sacerdotes, seus exclusivos signatários, o ato de catequizar, doutrinar e semear o Evangelho.

## **AS ANDANÇAS DO CONSELHEIRO**

Em sua jornada pelos sertões baianos, erigindo e reformando igrejas e cemitérios, o crescente prestígio de Antonio Vicente deixara, no palmilhar das suas alpercatas, um legado de malquerenças nas autoridades constituídas, nos grandes latifundiários e alguns representantes do clero.

No que concerne à Igreja Católica, que se impunha como notória porta-voz do divino, as ações do Conselheiro foram arrazoadas pelo episcopado baiano como forte concorrente na evangelização cristã em razão da confluência da população às suas prédicas, exaurindo de fiéis os templos cristãos. Por conseguinte, D. Luiz Antonio, asseverado nas Constituições do Arcebispado da Bahia, impusera através de uma Carta Circular<sup>10</sup>, dirigida ao vigário da Freguesia da Purificação dos Campos<sup>11</sup>, o desaprovo incondicional às missões, assim como o embargo do concurso dos paroquianos em acorrerem aos apelos do Conselheiro e suas prédicas.

---

<sup>10</sup> Carta Circular da Arquidiocese da Bahia, de 16 de fevereiro de 1882, remetida aos párocos, das Freguesias das Províncias da Bahia e Sergipe, pelo Arcebispo da Bahia e primaz do Brasil, D. Luiz Antonio dos Santos, o Marquês de Monte Pascoal. (SANTOS, 1882 *apud* BENÍCIO, 1997, p. 29).

<sup>11</sup> Atualmente, município de Irará-Ba.

[...] ordenamos a V. Revm<sup>a</sup> que não consinta em sua freguesia semelhante abuso, fazendo saber aos paroquianos que lhes proibimos de se reunirem para ouvir tal pregação, visto como, competindo na igreja católica somente aos ministros da religião a missão santa de doutrinar os povos [...]. (SANTOS, 1882 *apud* BENÍCIO, 1997, p. 29).

Todavia, apesar do beato ser rotulado pelo alto clero por errar pelos sertões, “perturbando as consciências e enfraquecendo, não pouco, a autoridade de párocos”, (SANTOS, 1882 *apud* BENÍCIO, 1997, p. 29), alguns clérigos aceitavam de bom grado suas pregações e logravam de suas honorabilidades em proveito próprio ou de suas paróquias. Consonante Benício, (1997, p. 26), alguns sacerdotes, “preocupados unicamente em política, rixoso, amancebado publicamente não procurando o engrandecimento de suas paróquias nem da cultura religiosa de suas ovelhas”, contrariavam as decisões superiores e validavam, a duras caras, os sermões, preces e ensinamentos do beato. Desta forma, manipulavam a ajuda do Conselheiro e seu séquito para construção e reforma de igrejas e/ou cemitérios, ou amealhavam, em contrapartida, recursos pecuniários auferidos para si e para a Igreja. De acordo com José Calasans, algumas figuras da igreja interiorana,

“[...] aceitaram-no, permitindo suas pregações, até mesmo no interior dos templos sagrados, servindo-se dos seus préstimos para a construção ou reconstrução de capelas, levantamento de muros de cemitérios, angariação de recursos para as paróquias, na sua maioria sem recursos”. (SILVA, 1997, p. 14).

De modo igual, na sua viagem pelos sertões de Monte Santo, o Coronel Durval Aguiar noticiara duas construções de Antonio Conselheiro e seu séquito. Contemplara a “edificação de uma elegante igreja no Mocambo<sup>12</sup>” e presenciara o curso da obra da “excelente igreja no Cumbe,<sup>13</sup> onde a par do movimento do povo, mantinha ele, admirável paz”. (AGUIAR, 1979, p. 83.). Sob o ponto de vista de Aguiar, “[...] os vigários o deixam impunemente *passar por santo*, tanto mais quando *ele nada ganha*, e, ao contrário, promove extraordinariamente os batizados, casamentos, desobrigas, festas, novenas e tudo mais em que consistem os vastos rendimentos da igreja”. (AGUIAR, 1979, p. 83). Grifo do autor.

---

<sup>12</sup> Mocambo, atualmente cidade de Olindina.

<sup>13</sup> Cumbe, atual município de Euclides da Cunha-Ba.

Segundo Marco Antonio Villa, (1999, p. 19), esse apoio incondicional a Conselheiro tivera, também, um evidente interesse político de alguns sacerdotes em razão do prestígio do beato junto à população. Dentre eles, o Cônego Agripino da Silva Borges, eleito em 1883, para o cargo de Deputado à Assembleia Legislativa Provincial da Bahia como representante do 9º Distrito. (VILLA, 1999, p. 49).

Entretanto, para outros párocos, como o padre Júlio Fiorentino, do Inhambupe, e José Baptista da Silva Carneiro, do Pedrão, Antônio Conselheiro, por suas práticas, tornara-se *persona non grata* em algumas freguesias. Conselheiro não dispunha de poderes para exercer a evangelização cristã, prerrogativa exclusiva dos sacerdotes da Igreja, que visivelmente comungavam com o enunciado episcopal de 1707, ler-se: “Conforme a doutrina do Apóstolo S. Paulo ninguém pode pregar o Evangelho, e palavra de Deus nosso Senhor por sua própria autoridade, sem lhe ser comedido, e mandado por legítimo Superior”. (VIDE, 2007, p. 198-199). Concomitante a Constituição do Arcebispado de 1707, o beato, a sua época, fora estigmatizado pelo alto clero da Bahia como inapto para o exercício da catequização cristã por pregar “doutrinas supersticiosas e uma moral excessivamente rígida” (SANTOS, 1882 *apud* BENÍCIO, 1997, p. 29). Por sua vez, Carneiro relatara, em sua missiva, o crescimento vertiginoso de uma idolatria dos fiéis e da desconsideração amargurada pelos párocos em decorrência de um fanatismo exacerbado e dos revezes em persuadir os paroquianos quanto à ausência do saber religioso e do desrespeito aos poderes constituídos. Sob sua ótica, Carneiro caracteriza Conselheiro como,

[...] vestido com uma túnica e gorro de fazenda azul, julga-se com o direito de abrir missão em todos os arraiais onde chega, falando ao povo e praticando quantos atos religiosos lhe vem a mente, a imitação dos Missionários Católicos. [...] ignorante, sem a menor instrução e para conseguir os seus fins, dá-se ao trabalho de recorrer às meditações de um livro conhecido por Missão Abreviada<sup>14</sup>, meditações estas de uma moral extremamente rigorosa, austera e inteiramente impraticável [...]. [...] a completa deficiência de autoridade neste indivíduo para pregar a palavra de Deus, da sua ignorância em matéria de religião, da falta de submissão e obediência aos legítimos superiores civil e eclesiástico, da sua audácia e subterfúgios de que se faz cercar [...]. (CARNEIRO, 1889, p. 1-2).

---

<sup>14</sup> O livro Missão Abreviada do padre Manoel José Gonçalves Couto, fora editado em Portugal em 1859. Era um dos livros mais usado por Antonio Conselheiro em suas prédicas. Além das biografias dos santos católicos, trazia várias orações bastante utilizadas pelos sertanejos.

Na aludida jornada pelos recônditos da Bahia, em finais do Séc. XIX, o Coronel Durval Aguiar, que alcançara o Conselheiro no povoado do Cumbe, assim o descreve,

[...] sujeito baixo, moreno acaboclado, de barbas e cabelos pretos e crescidos, vestido de um camisolão azul, morando sozinho em uma desmobiada casa, onde se apinhavam de beatas e afluíam os presentes, com os quais se alimentava. [...] sua ocupação consiste em pregar uma incompleta moral, ensinar rezas, fazer prédicas banais, rezar terços e ladainhas com o povo. Servindo-se para isso das igrejas, onde, diante do viajante civilizado, se dá a um irrisório espetáculo, especialmente quando recita um latinório que nem os ouvintes entendem. (AGUIAR, 1979, p. 83).

Muitos clérigos subscreviam ao Marquês de Monte Pascoal, corroborando com as decisões desse, versadas na carta circular de 1882. Por intermédio dessas correspondências, o Arcebispado era notificado cotidianamente sobre os passos e a área de atuação do Conselheiro, e assim, malsinavam contra confrades que consentiam não só a sua estadia, como também a realização de missões conselheirista em suas respectivas paróquias. Dessa maneira, Carneiro pormenorizara, em sua carta, as atividades do beato nas freguesias adjacentes e contrapunha a condescendência de outros párocos, que em favor do Conselheiro, postergavam as ordens do arcebispado,

[...] muitos dos meus colegas têm infelizmente contribuído não pouco para aumentar a audácia deste *mercenário*, já consentindo que ele pregue em suas Paróquias, até mesmo na sede das Freguesias, já o convidando para este fim. [...] se todos os párocos fossem solidários contra a invasão desse *mercenário* em suas Freguesias e com a intervenção da autoridade pública, com quem poderá V. Exa. Revma. entender-se, nos veríamos livres de tão perigoso perturbador da ordem pública. [...] *Mercenário*, único título que encontro para tal indivíduo em contraposição de Missionário, que sacrilegiamente lhe emprestam. (CARNEIRO, 1889, p. 3-4). Grifo nosso.

E continuando seu relato, o padre expõe suas agruras para coibir os fiéis pedronenses de ouvirem as pregações do beato. Conforme Carneiro,

Há três anos, estive este indivíduo no arraial da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Ouriçangas, limítrofe a esta do Pedrão, onde pregou por espaço de trinta dias mais ou menos e tive de lutar debalde com as maiores dificuldades para impedir a concorrência dos meus paroquianos a estas prédicas. (CARNEIRO, 1889, p. 2).

No que concerne à comitiva conselheirista, Carneiro faz alusões a um séquito feminino formado por um “grande número de mulheres fanatizadas e dispostas a

tudo”. Ainda segundo o vigário, Conselheiro dispunha de uma escolta humana para sua proteção pessoal, formada por doze criminosos sisudos e armados, e que, graças à ação desses homens, “ninguém fuma nas imediações da sua casa, ninguém fala sem que tire as esporas, sem que se prostre e beije as mãos”. (CARNEIRO, 1889, p. 4).

Segundo as narrativas de Carneiro, (1889), pressupõe-se a reverência e o respeito que os paroquianos devotavam ao Conselheiro, assim como os obséquios de alguns proprietários rurais e o afluxo de pessoas convocadas para os mutirões. Em determinado parágrafo, o sacerdote, sem especificar o local, descreve uma solicitação do beato a fazendeiros circunvizinhos pelo empréstimo de cinco carros para construção de uma capela na região. De imediato, os proprietários enviaram os carros com os respectivos animais de tração, os quais foram, sem detença, devolvidos. Nas palavras de Carneiro,

Ele devolveu-as declarando que precisava somente de carros que bois tinha em grande quantidade. De fato, mandou amarrar cordas de grande comprimento nos cabeçalhos dos carros, em cada uma destas cordas mandou atar quarenta pedaços de paus e oitenta homens arrastaram de grande distância cada carro cheio de madeira e pedra! (CARNEIRO, 1889, p. 4-5).

Entretanto, após traçar o itinerário do séquito conselheirista, verificamos que a maior inquietação do padre Carneiro ficara expressa em uma possível missão do Conselheiro, em um arraial contíguo às terras onde exercia suas obrigações sacerdotais, conforme segue,

Consta-me que ele segue qualquer destes dias para o Arraial de Água Fria, da Freguesia de Ouriçangas e depois para o da Manga<sup>15</sup>, da Freguesia de Inhambupe de onde finda a missão que ali pregar, virá satisfazer ao pedido dos negociantes do Patrimônio, abrindo missão nas margens do Rio Camurugi. (CARNEIRO, 1889, p. 5).

Carneiro, desta forma, evidenciara ao arcebispo sua angústia em detrimento da pretensão de alguns comerciantes estabelecidos no Arraial da Conceição do Patrimônio, em cogitarem a abertura de uma missão conselheirista na dita comunidade, “com o fim único de aproveitar o concurso do povo para negociar”. (CARNEIRO, 1889, p. 2). Avisado por um ‘positivo’, no penúltimo dia do ano de

---

<sup>15</sup> Atual município de Biritinga. Segundo o tupinólogo Teodoro Sampaio, a grafia correta do termo em tupi, *Piri-tinga* quer dizer “o junco esbranquiçado; o junco que desponta”. (SAMPAIO, 2010, p. 206). Grifo do autor.

1888, Carneiro informara ao Arcebispo da sua presteza em coibir tais desmandos, endereçando de imediato, uma carta à principal liderança do arraial, cujo intento obtivera graças ao seu prestígio junto aos paroquianos. E, prosseguindo os relatos, o pároco do Pedrão, textualiza na missiva, atitudes para refrear os intentos dos aludidos comerciantes,

No dia 1º de janeiro fui à tribuna sagrada e verberei o procedimento desses negociantes que queriam especular com a piedade do povo ignorante [...]. No mesmo dia, seguiu para o dito arraial meu distinto coadjutor Pároco Padre Herculano Dias de Cerqueira, onde celebrou e falou largamente sobre o mesmo assunto. (CARNEIRO, 1889, p. 3).

Contrariando a decisão paroquial e conseqüentemente a ordem superior do Arcebispado, os comerciantes contrapõem-se às argumentações do pároco e cogitam na alternativa da abertura da missão na margem oposta do rio Camurugipe<sup>16</sup>, então, território da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Olhos D'Água. Em contrapartida, Carneiro relata a D. Luiz a decisão de escrever ao vigário da Freguesia, o qual, “zeloso como é nos cumprimentos dos seus deveres, fará valer a sua autoridade, impedindo tamanho despropósito”. (CARNEIRO, 1889, p. 4).

Reportando ainda sobre Antonio Conselheiro e seu séquito, defrontamos com uma correspondência do Monsenhor José Baptista da Silva Carneiro ao Dr. Theodoro Fernandes Sampaio, Presidente do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB). Subscrita no Pedrão, em 14 de setembro de 1923, Monsenhor Carneiro urdira pareceres alusivos ao episódio de Canudos e prestigiara figuras militares como Cláudio Savaget e Salomão da Rocha. Entretanto, apesar do sacerdote tecer críticas dissimuladas àqueles que ficaram nas tendas rubricando sentenças dos cativos<sup>17</sup>, o cura sertanejo classificara a execução dos prisioneiros de Canudos como “patriótica e

---

<sup>16</sup> De acordo com Teodoro Fernandes Sampaio, o vocábulo é originário do tupi *Camury-gy-pe* cujo significado nos remete ao “rio dos robalos”. (SAMPAIO, 2010, p. 214). À época, o Rio Camurugipe, emprestava seu leito à Freguesia do Santíssimo Sagrado Coração de Jesus do Pedrão para as divisas entre as Freguesias de Nossa Senhora da Conceição de Olhos D'Água e a de Nossa Senhora de Lústosa, inseridas nas terras dos municípios de Alagoinhas e Santo Amaro da Purificação, respectivamente. Na atualidade, depois de seguidas divisões territoriais da Bahia, o Camurugipe serve de fronteira entre o Pedrão, e os municípios de Aramari e Teodoro Sampaio. (DOE, 1962).

<sup>17</sup> Sem sombras de dúvidas, o pároco pedronense refere-se ao Comandante da IV Expedição a Canudos, General Artur Oscar de Andrade Guimarães. Conforme Alvin Horcades, apesar de Artur Oscar assegurar integridade física aos adeptos à rendição proposta por “Antonio Beatinho” nos finais da guerra, a “paternidade” das barbáries cometidas contra os prisioneiros de Canudos, foram “filhas legítimas do Comandante da 4ª Expedição”. (HORCADES, 1996, p. 107-108).

humanitária operação da gravata vermelha<sup>18</sup> nos matagais do Morro da Favela”. (CARNEIRO, 1923, p. 5)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Objetivando contribuir com a vasta narrativa sobre o itinerário de Antonio Conselheiro pelos sertões baianos, antes de sua instalação definitiva no Belo Monte, propusemos com este trabalho, o aditamento de algumas informações alusivas à jornada do Peregrino por sítios inexplorados anteriormente pela historiografia. Assim, foram identificadas nas bibliografias consultadas e utilizadas para realização desse trabalho, narrativas sobre a receptividade ou entraves, relacionados ao acesso do beato nas vilas e povoados, perante o clero e as autoridades constituídas.

Constatou-se a partir de uma correspondência do Vigário José Baptista da Silva Carneiro ao Arcebispado da Bahia, o acesso do beato em freguesias adjacentes a Freguesia do Santíssimo Sagrado Coração de Jesus do Pedrão, onde três comerciantes domiciliados no Arraial da Conceição do Patrimônio, vinculados à dita freguesia, articulavam a presença do beato, no tentame de realizarem uma missão conselheirista no local.

Verificou-se que os sermões, contrários aos acontecimentos, proferidos por Carneiro, na Matriz do Pedrão e as homilias do padre coadjutor Herculano Cerqueira, no Arraial do Patrimônio, não dissuadiram de pronto os comerciantes de tal propósito, como nos informa a missiva do pároco pedronense. Contrapondo ao antagonismo do vigário às prédicas de Antonio Conselheiro nos limites de sua freguesia, os representantes do comércio local intentaram a realização do evento na margem oposta do Camurugipe, no território da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Olhos D'Água.

Evidenciou-se, entretanto, através de relatos orais, colhidos informalmente de antigos moradores da atual Fazenda Patrimônio, o desconhecimento completo de tais fatos. Decerto, os aludidos comerciantes findaram por acatar aos reclames do vigário Carneiro e acabaram por suprimirem tais intentos. Todavia, a parca notoriedade de

---

<sup>18</sup> Segundo Marco Villa, a gravata vermelha “[...] consistia em matar a vítima, do mesmo modo com que se abatia um carneiro. A vítima era forçada a ajoelhar-se de mãos atadas ante seu executor e a colocar sua cabeça entre as pernas de seu algoz, que rasgava suas artérias carótidas num golpe súbito de faca. A degola era rápida, silenciosa e barata”. (LOVE, 1975, p. 61-62 *apud* VILLA, 1999, p. 222).

episódios alusivos à historiografia pedronense, a partir do que foi examinado, torna-se impreterível intensificar as pesquisas sob a perspectiva da memória e da História do Pedrão.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Durval Vieira de. **Descrições práticas da Província da Bahia**: com declaração de todas as distâncias intermediárias das cidades, vilas e povoações. 2 ed. Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília: INL, 1979. 321 p.

BAHIA. Secretaria de Cultura e Turismo. Arcebispado da Bahia. *In*: BAHIA. Secretaria de Cultura e Turismo. **Diário Oficial do Estado da Bahia**: fac-símile: edição comemorativa ao centenário da independência da Bahia 1923. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo, 2004. p. 441.

BIOGRAFIAS. Cadeira 22: patrono. José Baptista da Silva Carneiro. **Revista do Instituto Genealógico da Bahia**, Salvador, p. 285-287, 2005. Edição Comemorativa dos 60 anos.

BENÍCIO, Manoel. Visionários e cangaceiros. *In*: BENÍCIO, Manoel. **O rei dos jagunços**: crônica histórica e de costumes sertanejos sobre os acontecimentos de Canudos. 2 ed. Rio de Janeiro: FGV, 1997. p. 3-98. Trechos da Carta Circular do Arcebispo da Bahia D. Luiz Antonio dos Santos, 16 de fevereiro de 1882.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. Trad. Sergio Miceli et. all. São Paulo: Perspectiva, 1974. 370 p.

BUNGE, Mario. **Dicionário de filosofia**. Trad. Gita Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2002.

CARNEIRO, José Baptista da Silva. [Carta] 14 set. 1923, Pedrão [para] SAMPAIO, Theodoro. Salvador. 6f. Impressões pessoais sobre a Guerra de Canudos.

CARNEIRO, José Baptista da Silva. [Carta] 3 jan. 1889, Freguesia do Santíssimo Sagrado Coração de Jesus do Pedrão [para] Marquês do Monte Pascoal. Salvador. 6 f. Apresenta queixas das aparições e das prédicas de Antonio Conselheiro dirigidas aos paroquianos circunvizinhos à Freguesia do Santíssimo Sagrado Coração de Jesus do Pedrão, assim como o aceno de alguns comerciantes ao beato para suas predicções em um arraial da Freguesia.

CUNHA, Euclides da. **Os sertões**. São Paulo: Martin Claret, 2002. 560 p.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

- HOORNAERT, Eduardo. **A igreja no Brasil colônia: 1550-1800**. São Paulo: Brasiliense, 1982. 92 p.
- HORCADES, Alvim Martins. **Descrição de uma viagem a Canudos**. Ed. Fac-similar. Salvador: EGBA; EDUFBA, 1996. 220 p.
- MACEDO, Nertan. **Antonio Conselheiro: a morte em vida do beato de Canudos**. Rio de Janeiro: Record, 1969. 181 p.
- MACEDO, Nertan. **Memorial de Vilanova**. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1964. 169 p.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. O catolicismo rústico no Brasil. *In*: QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O campesinato brasileiro: ensaios sobre civilização e grupos rústicos no Brasil**. Petrópolis: Vozes; São Paulo: USP, 1973. p. 72-99.
- SILVA, José Calasans Brandão da. **Cartografia de Canudos**. Salvador: SCT, 1997. 147 p.
- VIDE, Sebastião Monteiro da. **Constituições primeiras do arcebispado da Bahia**. Brasília: Senado Federal, 2007. 701 p.
- VILLA, Marco Antonio. **Canudos: o povo da terra**. 3 ed. São Paulo: Ática, 1999. 278 p.

## CANUDOS: A GUERRA E SUAS DISPOSIÇÕES ESPACIAIS

*Leandro Oliveira Juncken<sup>1</sup>*

*Leandro Surya<sup>2</sup>*

**RESUMO:** A Guerra de Canudos foi um acontecimento Bélico trágico onde milhares de pessoas foram massacradas, mas resistiram até o fim. Diante desse acontecimento, o tema ainda é debatido sob vários aspectos, seja social, histórico, antropológico e arqueológico. Nesse trabalho é proposto fazer um estudo sobre Canudos a partir de sua espacialidade na guerra usando como ferramenta de investigação e análise o SIG (sistema de informações Geográficas), e por meio de procedimentos técnicos e metodológicos criar uma Cartografia usando referências de 3 fontes primárias, o livro de Euclides da Cunha “os sertões, a cartografia de Siqueira de Meneses, as imagens fotográficas de Flávio de Barros e dados de trabalhos arqueológicos realizado no local. A partir desse levantamento de coleta de dados e informações, verificamos que o uso dessa ferramenta ajuda a compreender o espaço da Guerra, sua geografia, posições e mapeamento de local compreendendo melhor essa ação que ocorreu em Canudos, mapeando e trazendo informações sobre esses espaços.

**PALAVRAS-CHAVES:** QGIS. Fotografias. Canudos. Cartografia

The War of Canudos was a tragic war event where thousands of people were massacred, but resisted until the end. In view of this event, the theme is still debated in several aspects, whether social, historical, anthropological and archaeological. In this work it is proposed to make a study on Canudos from their spatiality in war using as a research tool and analyze the GIS (Geographic information system), and through technical and methodological procedures create a Cartography using references from 3 primary sources, the book of Euclides da Cunha "the sertões, the cartography of Siqueira de Meneses, the photographic images of Flavio de Barros and data of archaeological works carried out on the site. From this data collection survey, and information, we verified that the use of this tool helps to understand the space of war, its geography, positions and location mapping better understanding this action that occurred in Canudos, mapping and bringing information about these spaces.

**KEYWORDS:** QGIS. Photographs. Canudos. Cartography

A Guerra de Canudos foi um conflito armado entre novembro de 1896 a outubro de 1897 entre a recém declarada República do Brasil, e Antônio Conselheiro com seus seguidores, na qual foi realizada 4 expedições para atacar Canudos, e as 3 primeiras retornaram sem êxito da vitória, sendo que a última expedição contava com

---

<sup>1</sup> Bacharel em Arqueologia pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF-Campus Serra da Capivara PI) e mestrando pela UNIVASF com a linha de pesquisa em Arqueologia, estudos empíricos e transdisciplinares. Contato: [loj.arqueologia@gmail.com](mailto:loj.arqueologia@gmail.com)

<sup>2</sup> Programa de Pós-graduação em Arqueologia da UNIVASF. Contato: [leandro.surya@univasf.edu.br](mailto:leandro.surya@univasf.edu.br)

quase 8 mil homens de vários estados do Brasil com o desfecho final e destruição total da Cidade de Canudos.

A existência de diversos trabalhos sobre Canudos, não se limita apenas aos relatos dos sertanejos sobreviventes da guerra e aos relatórios oficiais do exército sobre o conflito (fontes primárias e secundárias), existe ainda uma gama de possibilidades sobre a compreensão do conflito, e entre elas é, entender a disposição geográfica apoiando-se na cartografia. Podemos definir a cartografia como:

A Ciência e Arte que se propõe a representar através de mapas, cartas e outras formas gráficas (computação gráfica) os diversos ramos do conhecimento do homem sobre a superfície e o ambiente terrestre. Ciência quando se utiliza do apoio científico da Astronomia, da Matemática, da Física, da Geodésia, da Estatística e de outras Ciências para alcançar exatidão satisfatória. Arte, quando recorre às leis estéticas da simplicidade e da clareza, buscando atingir o ideal artístico da beleza (TIMBÓ,2001. p. 2)

A Cartografia desenvolveu-se continuamente ao longo dos anos. A história dos mapas, assim como a evolução de sua técnica como ciência, está relacionada ao próprio desenvolvimento da sociedade. As produções da cartografia,contribuíram para o conhecimento da região e auxiliaram os planejamentos bélicos e estratégicos para que essas informações fossem cruciais no desenvolvimento de um planejamento de sucesso.

Pensando no uso da cartografia e da tecnologia, servindo de ferramentas como métodos de auxílio para a compreensão do espaço, o uso dessas ferramentas geotecnológicas podem proporcionar maior interatividade entre o pesquisador e os conteúdos a serem trabalhados, estudados e apresentados. Dessa forma;

Esses instrumentos permitem localizar lugares, traçar trajetos e gerar mapas, além de fornecerem fotografias aéreas, imagens de satélite, entre outros insumos. Essas tecnologias podem mudar, consideravelmente, a forma como as pessoas concebem, representam e aprendem os espaços do bairro, da cidade, do Estado, do país e, conseqüentemente, do mundo (NUNES,2019, p 20).

O Objetivo Principal deste trabalho é a produção cartográfica e elaboração de um sistema de informação geográfico (SIG) que buscará localizar pontos notáveis na área onde ocorreu a Guerra de Canudos. Com a massificação de informações digitais “a Internet permitiu publicar mapas on-line rápidos e sem custo de impressão, o que

possibilitou que um número maior de pessoas tivesse acesso a esse tipo de informação, popularizando seu uso” (LOPES, 2009.p 18). Fazer com que a tecnologia seja uma aliada para a observações de áreas de potencial arqueológicos e pesquisas científicas através da observação do espaço nos proporciona uma série de informações que podemos usar para a compreensão de uma área.

O SIG pode indicar os locais mais prováveis de se encontrar sítios arqueológicos na região estudada (Cartas de Potencial Arqueológico). Num segundo momento, quando todos os dados arqueológicos já foram coletados e estudados, o SIG entra como ferramenta de análise, procurando através das diversas interações entre informações arqueológicas ou não, explicar aspectos relativos às populações humanas no passado e como elas ocuparam a região. (NAZARENO,2005 p.5)

O Sistema de Informações Geográficas – SIG foi criado para o tratamento de dados referenciados espacialmente, e consiste em uma tecnologia para a aquisição, armazenamento, gerenciamento, análise e exibição de dados espaciais. “Seu objetivo geral é servir de ferramenta para todas as áreas de conhecimento que fazem uso de dados e informações georreferenciados (ROSA, 2001)”. Essas plataformas nos possibilitam elaborar e referenciar posições espaciais para pesquisas e estudos de maneira eficaz e levantar informações sobre temáticas fazendo com que “linguagem cartográfica permite relacionar conteúdos, conceitos e fatos, e também a compreensão, da parte e da totalidade do território, e esta ação está vinculada a quem elabora ou lê o mapa”(CASTELLAR, 2011). Assim, nesse processo dinâmico, a elaboração e leituras de mapas, o SIG se torna um importante instrumento.

Tendo em vista uma construção Cartográfica, é importante ter como referência outras bases Cartográficas. Nesta pesquisa utilizou-se como base os mapas realizados pela comissão de engenharia da 4º expedição que tinha como chefe o Tenente Coronel Siqueira de Meneses. Já por meio das imagens de Flávio de Barros conhecido por ser o único autor dos registros em Canudos nos proporciona também informações valiosas.

Fotografias são fragmentos, são momentos destacados, eternizados... A fotografia é um tipo de suporte de memória que permite que o passado em seu contorno mais real, o das fisionomias, do olhar, interpele o presente. Elas são vestígios valiosos para os

historiadores, pois permitem leituras outras que aquela que a historiografia da época nos legou. As imagens podem nos levar além, se soubermos interrogá-las e ver além daquilo que o fotógrafo elegeu eternizar (MONTEIRO,2007).

O projeto Arqueologia e Reconstituição Monumental<sup>3</sup> - Parque Estadual de Canudos realizado entre agosto e setembro de 1999 pelo arqueólogo Paulo E. Zanettini e pela arqueóloga Erika M. Robrahn-González, com o objetivo voltado à busca e construção de identidade para a área selecionada por meio de decreto em 1986<sup>4</sup> e, assim, vocacionada para a preservação e consequente perpetuação da memória e cultura material de Canudos. Os trabalhos desenvolvidos por eles se deram devido ao baixo nível de volume de água do açude.

Durante os trabalhos de escavação realizados pelo Dr. Paulo Zanettini, se fez um catálogo dos achados e evidenciamento de estruturas, dentre 3 períodos (antes da guerra, durante a guerra, e depois do conflito). Essas informações contribuíram, para compreender mais sobre Canudos, e principalmente sua espacialidade. Foram feitas demarcações e escavações dos lugares dentro e próxima da cidade conselheirista, fizeram o uso de técnicas inovadoras na época, como fotografias aéreas do local, e a reconstrução tridimensional das igrejas. Essas referências nos fazem dialogar com o passado e o presente em relação aos acontecimentos em Canudos.

Assim ao final da pesquisa se constituiu um relatório sendo uma síntese dos resultados alcançados com o salvamento arqueológico conduzido no sítio histórico da fundação de Canudos tendo análises laboratoriais dos vestígios e materiais coletados que nos proporciona informações sobre o arraial conselheirista e a materialidade do conflito.

Após a coleta de informações de dados existentes através da arqueologia e das fontes pesquisadas, busquei além associar e fazer o uso da aplicação do Sistema de informações no QGIS<sup>5</sup> obtive os seguintes resultados.

---

<sup>3</sup> Pesquisas arqueológicas iniciadas em 1987, durante a realização dos primeiros trabalhos exploratórios para a implantação do Parque Estadual de Canudos com o objetivo de identificar possíveis estruturas relacionadas à cidadela conselheirista, então sepultada sob as águas represadas do Vaza-Barris. Novas atividades efetuadas no interior do Parque Estadual de Canudos, com relatório que apresenta os objetivos propostos para o projeto global, bem como os resultados das investigações realizadas na FASE I, que se deram através de várias etapas de campo realizadas ao longo do segundo semestre de 1997 e houve o salvamento e resgate em 1999. IPHAN/Minc portaria nº 48 de 20 de outubro de 1997.

<sup>4</sup> Decreto nº 33.193, de 27 de maio de 1986, seguido pelo Decreto nº 33.333, de 30 de junho de 1986 foi decretada a criação do Parque Estadual de Canudos – PEC.

<sup>5</sup> O QGIS é um Sistema de Informação Geográfica (SIG) de Código Aberto licenciado segundo a Licença Pública Geral GNU. O QGIS é um projeto oficial da Open Source Geospatial Foundation

O primeiro resultado alcançado foi o próprio SIG da área da guerra de Canudos, a tela do QGis (Figura 1). Nela podemos ver uma lista de camadas (layers) com diferentes pontos plotados, incluindo elementos do presente, fruto da imagem de satélite e do passado, atribuídos a partir da metodologia utilizada.

Na escolha da base de imagens percebemos que o SRTM<sup>6</sup> não possuía tamanho de pixel adequado à escala de proximidade que pretendíamos trabalhar. Desta forma, apenas em algumas análises (que serão apresentadas mais à frente) utilizamos os seus dados. As imagens do Alos-Palsar<sup>7</sup> também não foram satisfatórias, porém, apresentaram-se superiores às outras do SRTM, principalmente no que tange a extração de curvas de nível. As imagens do satélite CBERS 04A<sup>8</sup> foram as que melhores resultados atingiram na avaliação da escala, pois permitiram visualizar de maneira confortável os elementos da paisagem. Além de conseguirmos imagens com poucas nuvens na área de interesse, num dos momentos de baixa do rio Vaza-Barris. Permitindo, desta forma, a identificação de feições do relevo ocultas pela água nos outros conjuntos de imagens avaliados nesta pesquisa.

---

(OSGeo). Funciona em Linux, Unix, Mac OSX, Windows e Android e suporta inúmeros formatos de vetores, rasters e bases de dados e funcionalidades.

<sup>6</sup> A **Missão Topográfica Radar Shuttle** ou **Missão Topográfica de Radar Embarcado** (acrônimo em inglês **SRTM - Shuttle Radar Topography Mission**) é uma missão espacial para obter um modelo digital do terreno da zona da **Terra**, de modo a gerar uma base completa de cartas topográficas digitais terrestre de alta resolução. Contribuiu para o estudo do relevo da terra.

<sup>7</sup> O ALOS pode ser descrito como algo que se aproxima do satélite ideal, por oferecer imagens de alta (PRISM de 2,50 m PAN) e média (AVNIR-2 de 10 m colorido) resolução e também imagens Radar. Com farto catálogo de imagens adquiridas, ele ainda é muito procurado e oferece dados de ótima qualidade radiométrica e geométrica.

<sup>8</sup> Os governos do Brasil e da China assinaram em 06 de Julho de 1988 um acordo de parceria envolvendo o INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais) e a CAST (Academia Chinesa de Tecnologia Espacial) para o desenvolvimento de um programa de construção de satélites avançados de sensoriamento remoto, denominado Programa CBERS (China-Brazil Earth Resources Satellite, Satélite Sino-Brasileiro de Recursos Terrestres). O Programa CBERS contemplou o desenvolvimento e construção de satélites de sensoriamento remoto, os satélites CBERS-1 e 2 que são compostos por dois módulos. O módulo "carga útil" que acomoda os sistemas ópticos (CCD – Câmera Imageadora de Alta Resolução, IRMSS – Imageador por Varredura de Média Resolução e WFI – Câmera Imageadora de Amplo Campo de Visada) usados para observação da Terra e o Repetidor para o Sistema Brasileiro de Coleta de Dados Ambientais. O módulo "serviço" contém os equipamentos que asseguram o suprimento de energia, os controles, as telecomunicações e demais funções necessárias à operação do satélite. O CBERS 04A garante a continuidade no fornecimento de imagens que beneficiam o sistema de gestão do território do país (monitoramentos ambientais e de recursos terrestres), as pesquisas em universidades e os desenvolvimentos em empresas, que utilizam as tecnologias de geoinformação e de sensoriamento remoto.

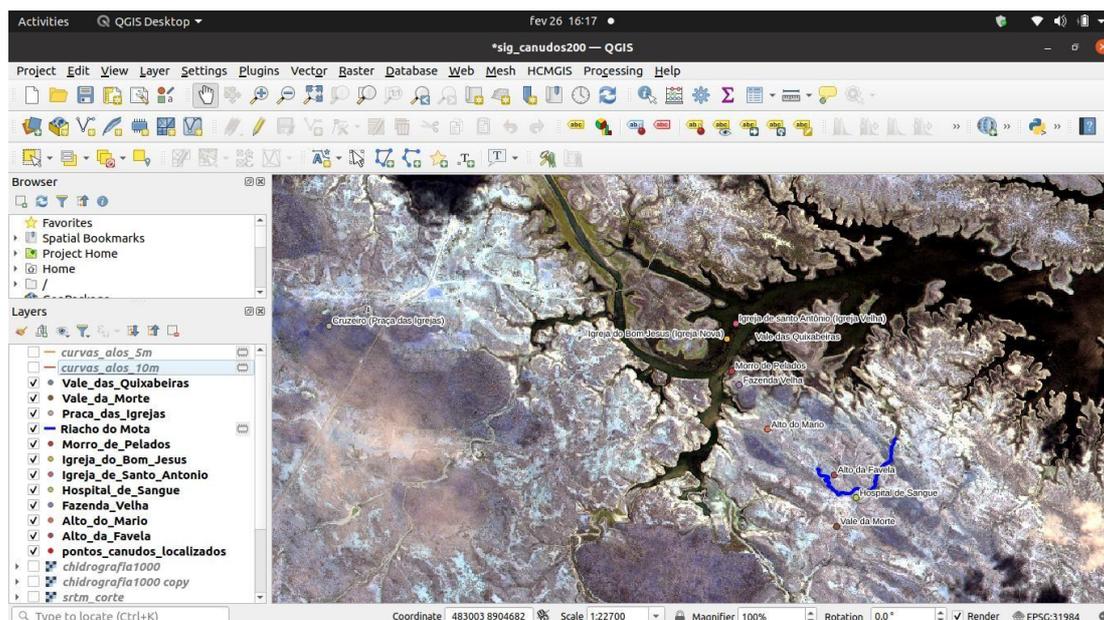


Figura 1- A tela do SIG construída durante a pesquisa.

FONTE: Leandro Oliveira Juncken.

A extração das curvas de nível em diferentes escalas foi feita a partir das imagens do satélite Alos-Palsar, com 01, 05, 10 e 20 metros. Curvas com equidistância de 50 e 100 metros foram extraídas a partir das imagens do CBERS 04A. As curvas de nível em diferentes equidistâncias permitem que ao aproximar a visualização de detalhes possamos avaliar espaçamentos pequenos como 01, 05 ou 10 metros. Estas medidas não servem para visualizar em escalas maiores, isto é, quanto mais distante de um tema, menor devem ser as equidistâncias, incluindo valores de 50 e 100 metros.

Na obtenção da hidrografia da área em estudo o algoritmo `r.stream.extract` do Grass foi utilizado, e após alguns testes foi considerado a proporção de valor 1000 para a acumulação de fluxo mínimo para córregos. O resultado foi um conjunto de locais pelos quais a água transita nos momentos de chuva e que coincidem com os córregos descritos na literatura e com a cartografia utilizada. A figura 2 apresenta os resultados visuais da hidrografia e curvas de nível.

Com os dados advindos das pesquisas arqueológicas e de referências extraídas do Parque Estadual de Canudos. Possibilitou a coleta das coordenadas geográficas, e com isso a construção de informações sobre distância, posições, relevo de cada ponto. Uma tabela (Quadro 1) foi criada para compreender melhor, e aplicar as coordenadas no mapa a ser desenvolvido. Foi utilizada as referências UTM (UNIVERSAL TRANSVERS DE MERCATOR).

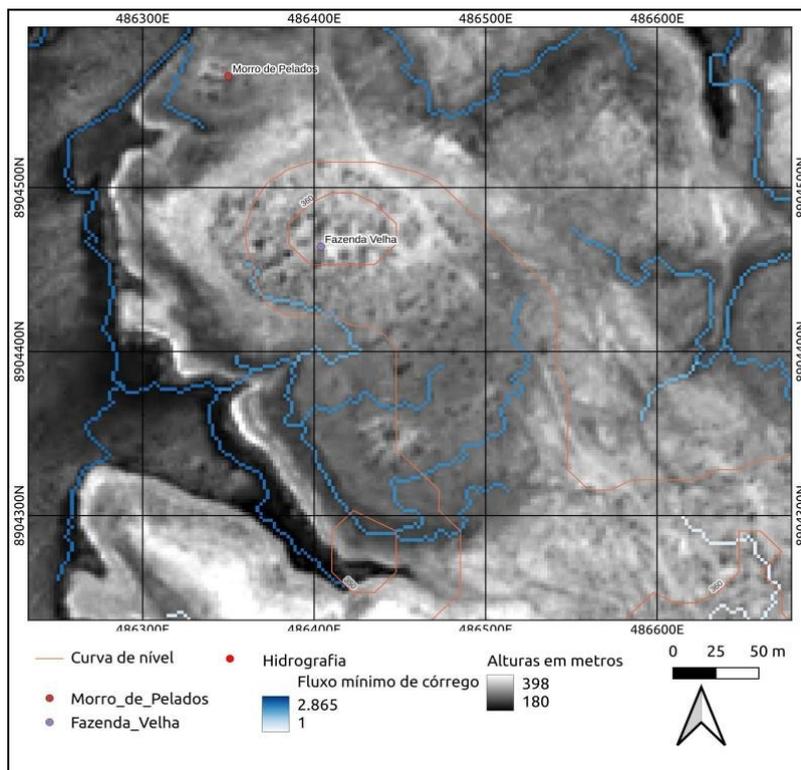


Figura 2- Exemplo de curvas de nível e hidrografia produzida no SIG.  
 FONTE: Leandro Oliveira Juncken.

PONTOS DE REFERÊNCIAS	COORDENADAS GEOGRÁFICAS
Alto da Favela	Zona: 24 L Longitude: 87105.00 m E Latitude: 8903795.00 m S
Fazenda Velha	Zona: 24 L Longitude: 486404.00 m E Latitude: 8904464.00 m S
Morro dos Pelados	Zona: 24 L Longitude: 486350.00 m E Latitude: 8904568.00 m S
Igreja de Santo Antonio (Igreja Velha)	Zona: 24 L Longitude: 486376.52 m E Latitude: 8904924.93 m S
Igreja do Bom Jesus (Igreja Nova)	Zona: 24 L Longitude: 486310.16 m E Latitude: 8904808.08 m S

Quadro 1- Tabela de coordenadas geográficas dos pontos de referência.

## O ALTO DA FAVELA

Morro da Favela é um dos lugares mais importantes do cenário da Guerra de Canudos. Dela, tinha-se uma visão frontal e geral do arraial conselheirista, hoje submerso nas águas do Açude Cocorobó. Esse lugar era um dos pontos estratégicos, desde a 3ª expedição liderada pelo Cel. Moreira César que subiu o morro e visualizou Canudos. Euclides relata toda a paisagem e a importância de assegurar essa posição mais alta. O Alto da favela nos situa melhor em relação à Guerra, pois de lá temos uma ideia das posições militares dos conflitos e da espacialidade de como era o arraial de Canudos.

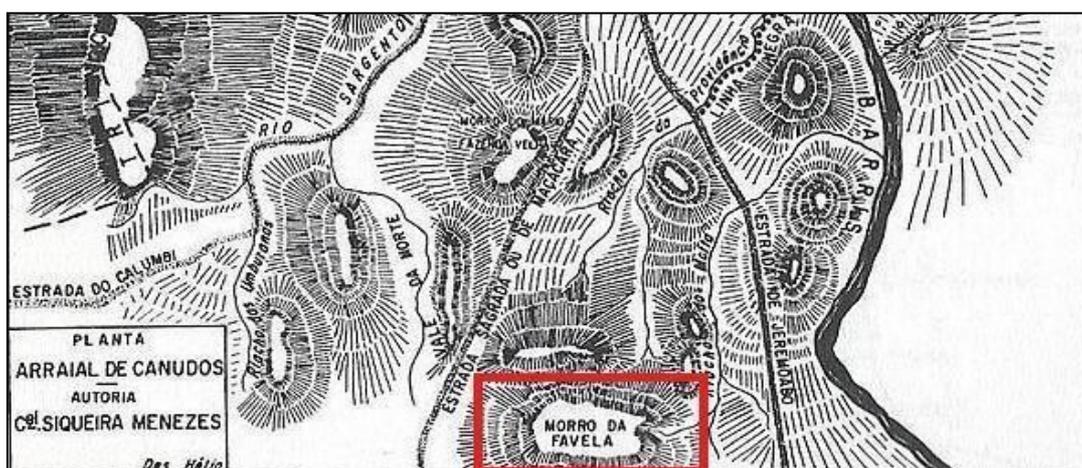


Figura 3 - Mapa Topográfico de Siqueira de Menezes localizando O alto Da favela.  
FONTE: Menezes (1897)

Para evidenciar esse local, usamos o QGIS para extrair as curvas de níveis. Extraímos das elevações de 10, 25, 50 e 100 metros, para compreender as variações de altimetria existentes entre cada intervalo. Assim obtivemos os seguintes resultados.

A topografia do Alto da favela é irregular, chegando pontos de maiores elevações de 410 metro, esse local, por ter essa visão privilegiada de acordo com a sua altitude, se tornou uma zona chave para ser um dos pontos base na área de operações no início ocupado pelos sertanejos, depois para exército.

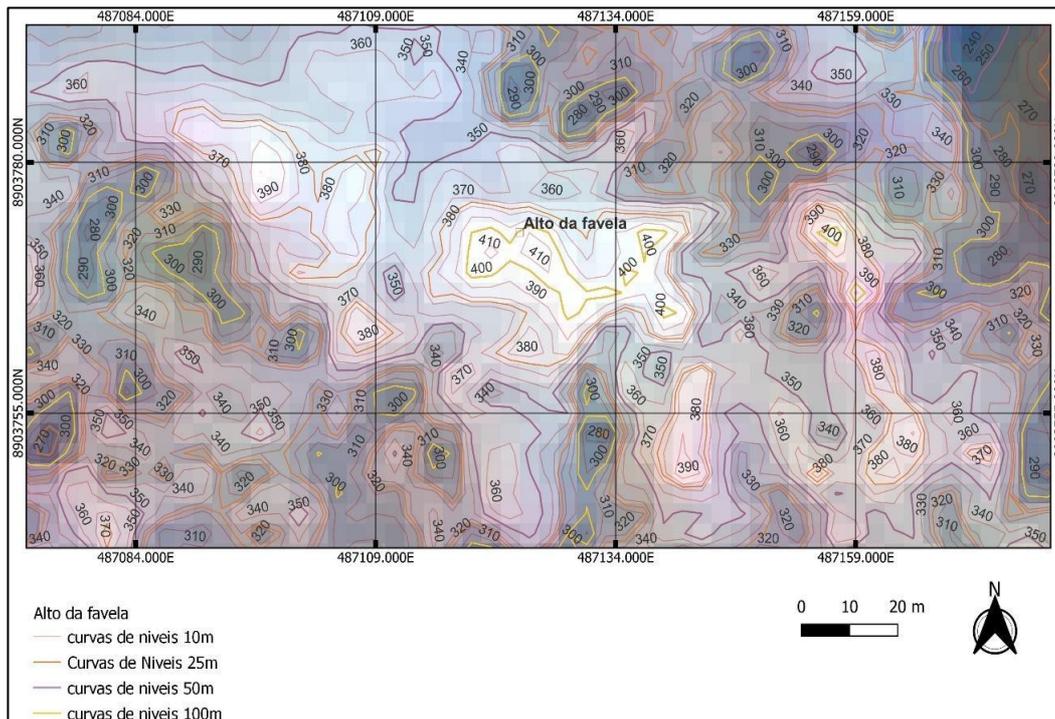


Figura 4 - Topografia do Alto da Favela.  
 FONTE: Leandro Oliveira Juncken

## A FAZENDA VELHA

Local descrito por Euclides da Cunha (1984) “Acompanhando o espigão na ladeira, que para eles descamba em boléus, via-se, a meio caminho, uma casa em ruínas, a fazenda Velha”. Também conhecida como Tapera e Trincheira 7 de Setembro, nesta locação estavam as ruínas da antiga sede da Fazenda Canudos pertencente ao Barão de Jeremoabo, onde morreu o comandante da terceira expedição militar, coronel Moreira César, na madrugada do dia 4 de março de 1897(CUNHA,1984). Durante a quarta expedição, este local foi importante trincheira conselheirista até a noite de 7 de setembro, quando foi tomada pelas forças republicanas.

No registro feito por Flávio de Barros (figura 5), percebe-se que a casa fica em um posto alto, tal como no mapa topográfico de Siqueira de Meneses (figura 6). Pela proximidade com o Alto do Mário, deduzimos que, a topografia desenhada por ele aborde uma mesma posição em relação aos dois pontos, ou seja, elas estejam interligadas (mescladas) sobre a mesma topografia, pois não se faz menção

claramente<sup>9</sup> do Alto do Mario nas cartografias feitas. Ao observar a topografia da Fazenda Velha, percebemos que a sua altimetria é de forma irregular, alguns pontos chegam a ter aproximadamente 340 metros de altura (figura 7). Nos trabalhos arqueológicos, também foi evidenciado as estruturas da casa da fazenda velha (figura 8), trincheiras usadas pelos conselheiristas, e também elaborado o croqui (figura 9) da escavação e das estruturas do local.

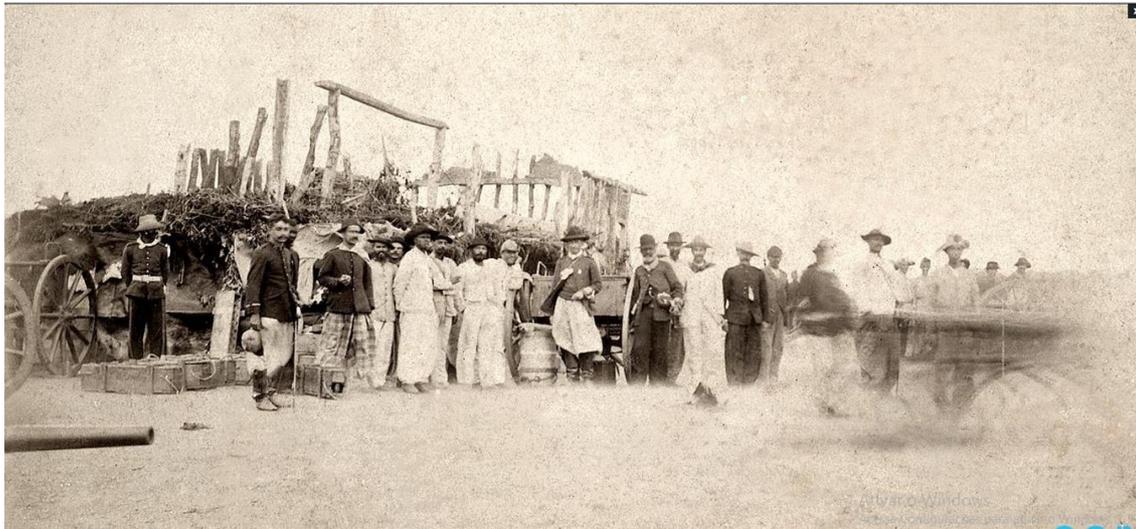


Figura 5 - Registro de Flávio de Barros da Fazenda Velha ocupada pelo exército e a artilharia (1897).  
FONTE: Museu da República/instituto Moreira Salles/brasiliiana Fotográfica.



Figura 6 - Mapa Topográfico de Siqueira de Meneses localizando a posição da Fazenda Velha.  
FONTE: Meneses (1897).

<sup>9</sup> Existe uma descrição na cartografia topográfica de Siqueira de Meneses, logo após a posição da Fazenda Velha, mas por causa de estar ilegível, não confirmo que esteja escrito o “Morro do Mario”, mas pode ser evidenciado, porém não confirmado.

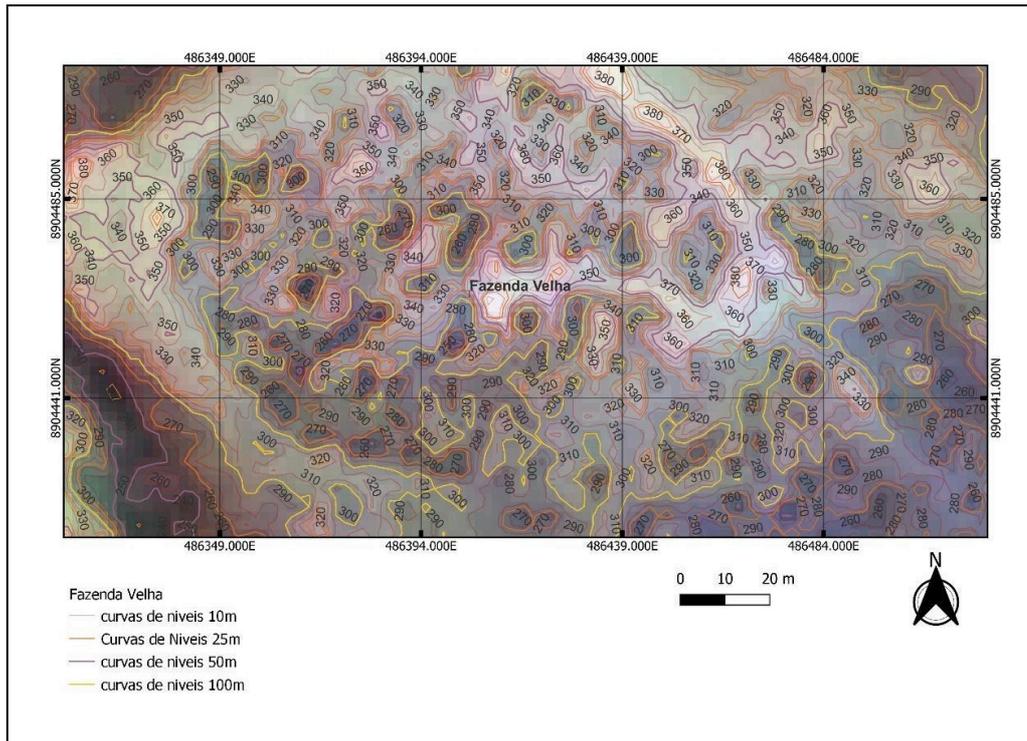


Figura 7 - Topografia da Fazenda Velha.  
 FONTE: Leandro Oliveira Juncken.



Figura 8 - Escavações das estruturas da área da fazenda velha.  
 FONTE: acervo Zanettini (1999)

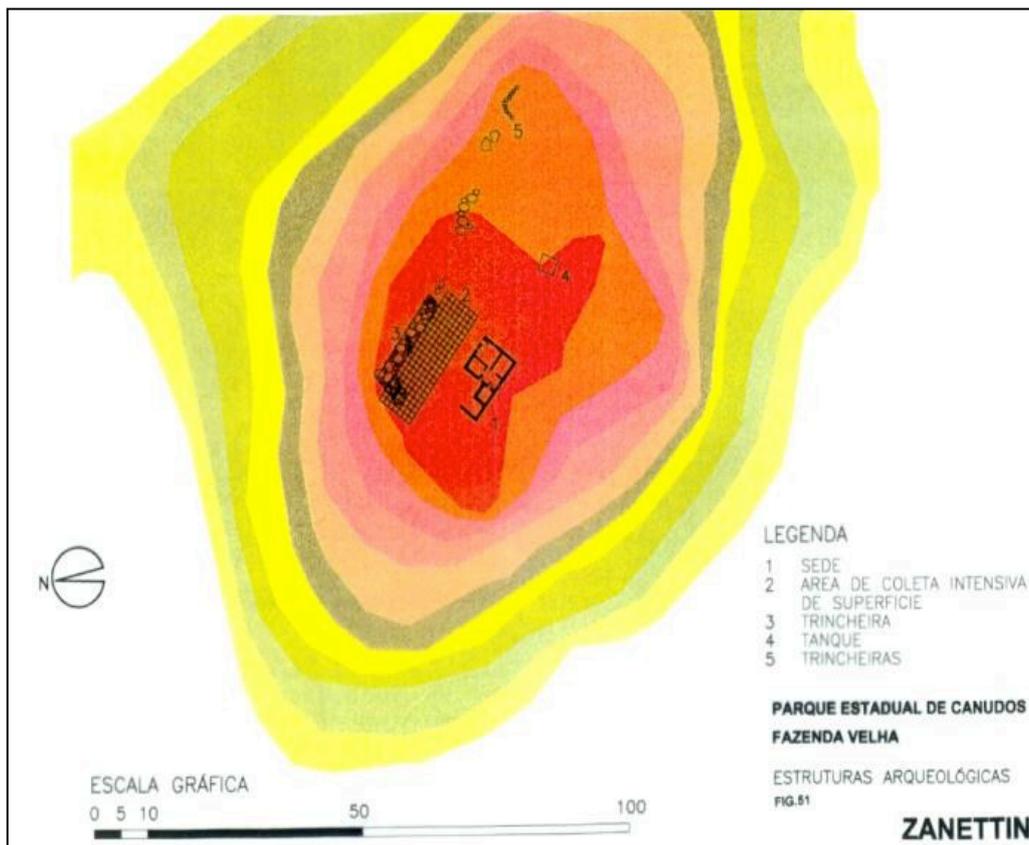


Figura 9- Croqui da área de escavação da fazenda velha.  
 FONTE: Acervo Zanettini (1999).

## MORRO DOS PELADOS

Para Euclides da Cunha (1984) descrição seria “uma banda, perto e dominante, um contraforte, o morro dos Pelados, termina de chofre em barranca a prumo sobre o rio e este, dali por diante progredindo numa inflexão forte para montante, abarca o povoado em leito escavado e fundo, como um fosso.” Esse era o olhar desse pequeno serrote e de pouca elevação, porém um dos últimos lugares onde se concentrou a artilharia que tinha uma visão privilegiada da cidade conselheirista.

Localizada em frente ao rio Vaza-Barris e ao lado do leito do riacho das umburanas, na sua retaguarda se encontra a fazenda velha, O morro de Pelados, apesar de ter sido importante, pois nos últimos dias se instalaram as peças de artilharia contra Canudos (figura 12), não chega ser um Morro alto, mas sua localização estratégica dava uma visão privilegiada em relação a Canudos. A altitude do Morro é de aproximadamente 320 metros (figura 11).

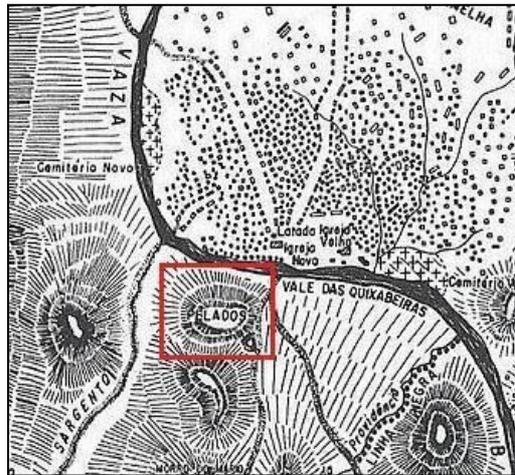


Figura 10 - Mapa Topográfico de Siqueira de Meneses localizando o Morro de Pelados, em frente a Cidade.  
 FONTE: Meneses (1897).

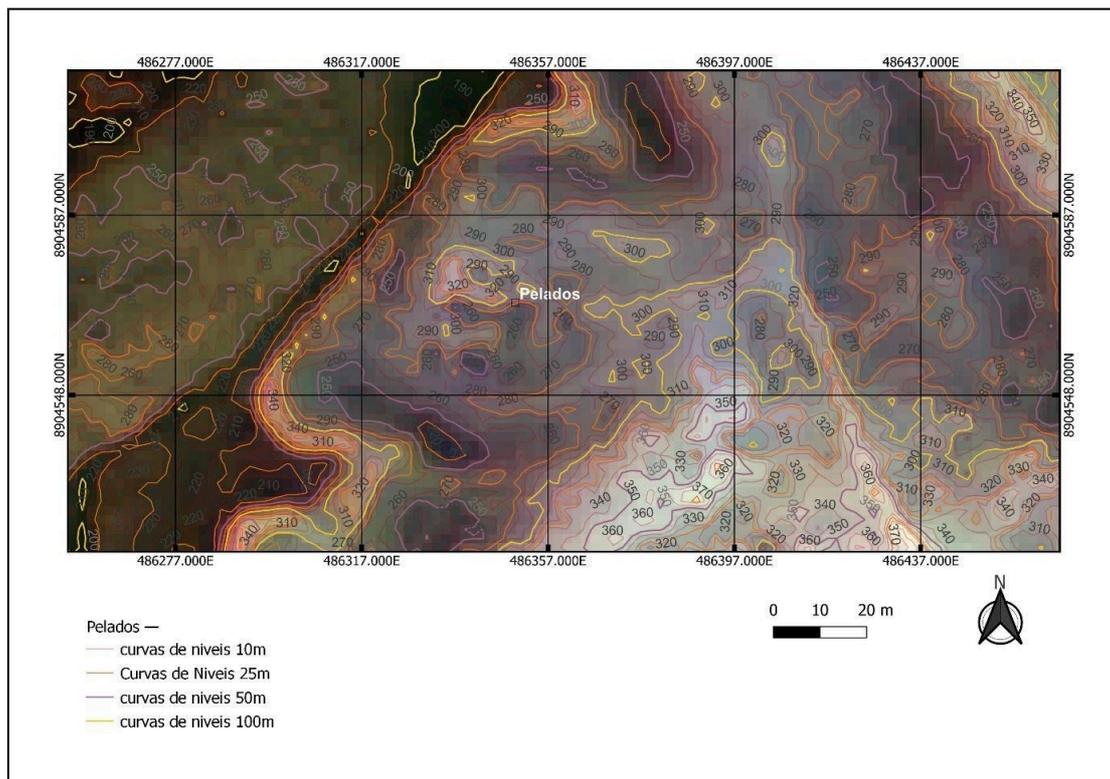


Figura 11 - Topografia do Morro de Pelados  
 FONTE: Leandro Oliveira Juncken

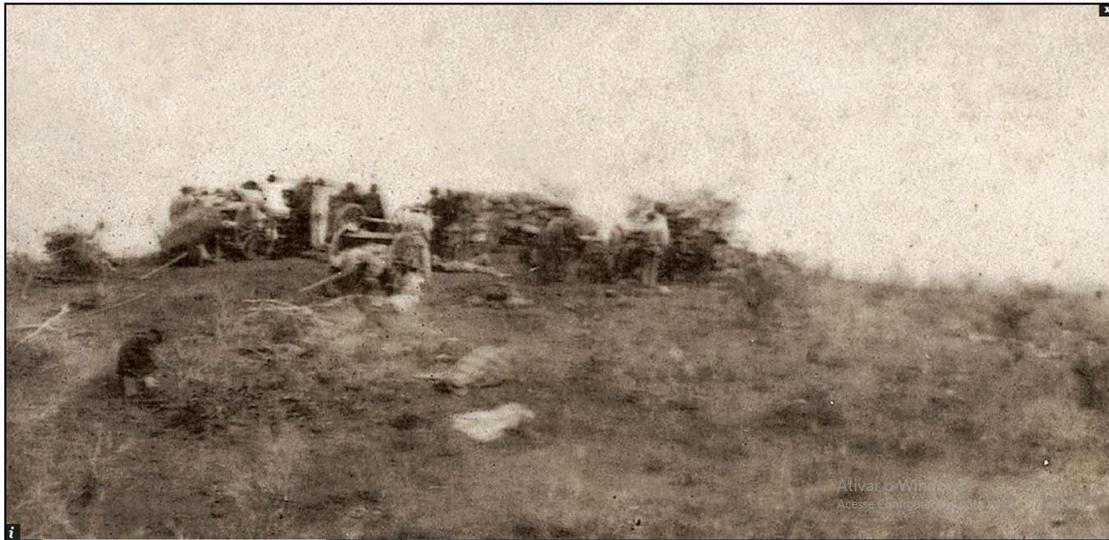


Figura 12- Artilharia contra Canudos do Morro de Pelados.  
 FONTE: Museu da República/instituto Moreira Salles/brasiliana Fotográfica.

## HOSPITAL DE SANGUE

Era o local onde ficava os feridos das batalhas, esse local foi escolhido por ser um pouco mais protegido das linhas de frente das batalhas. Ativos durante a primeira fase das operações da Quarta Expedição Militar, entre 28 de junho e 18 de julho de 1897, os hospitais de sangue ficavam atrás do Alto da Favela e no seco Riacho do Mota. Esses hospitais foram instalados logo após as batalhas realizadas em julho, na tomada da Favela.



Figura 13- Localização do Hospital de Sangue pelo mapa da comissão de engenharia do exército.  
 FONTE: Meneses, 1897.



Figura 14- Hospital de sangue possivelmente da segunda coluna. Foto Flavio de Barros (1897).  
 FONTE: Museu da república. /instituto Moreira Salles/brasiliiana Fotográfica.

Como já foi abordado que para a obtenção da hidrografia da área em estudo foi utilizado o algoritmo R.STREAM.EXTRACT do Grass, e foi considerado a proporção de valor 1000 para a acumulação de fluxo mínimo para córregos as informações sobre drenagens, assim, evidenciamos lugares descritos como Riacho do Mota, que fica à frente do Hospital de Sangue do exército. Dessa maneira, mesmo sem evidenciar nas imagens de satélites, através dos escoamentos das drenagens identificamos o local. Assim como nos mapas de Siqueira de Meneses, a identificação válida à experimentação do programa, onde observamos que essas zonas de drenagem provêm de áreas baixas e vem da direção do Vaza-barris.

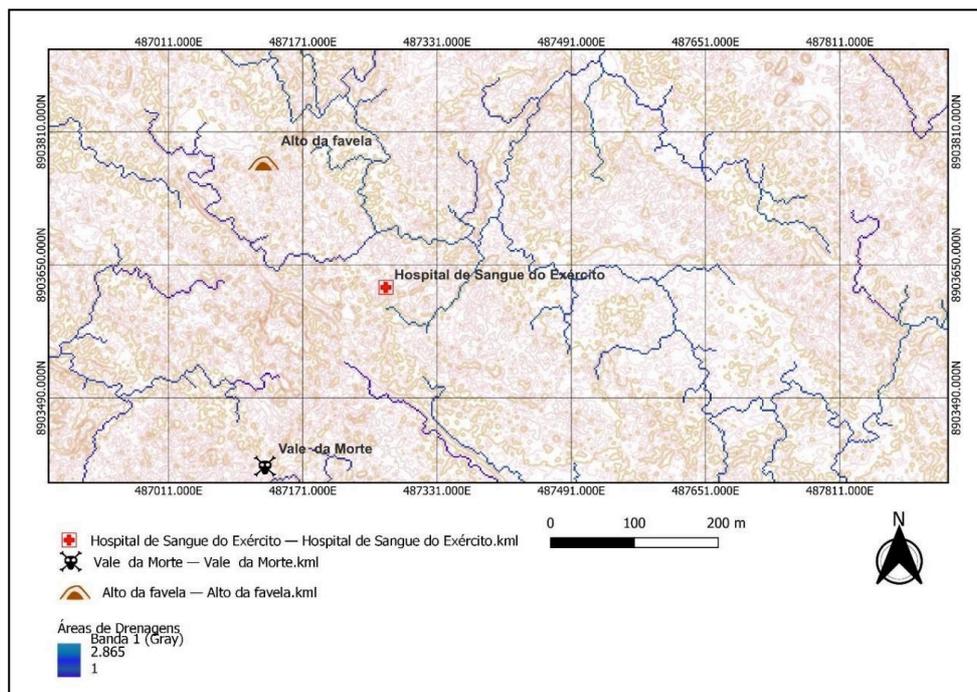


Figura 15- Áreas de drenagens.  
 FONTE: Leandro Oliveira Juncken.

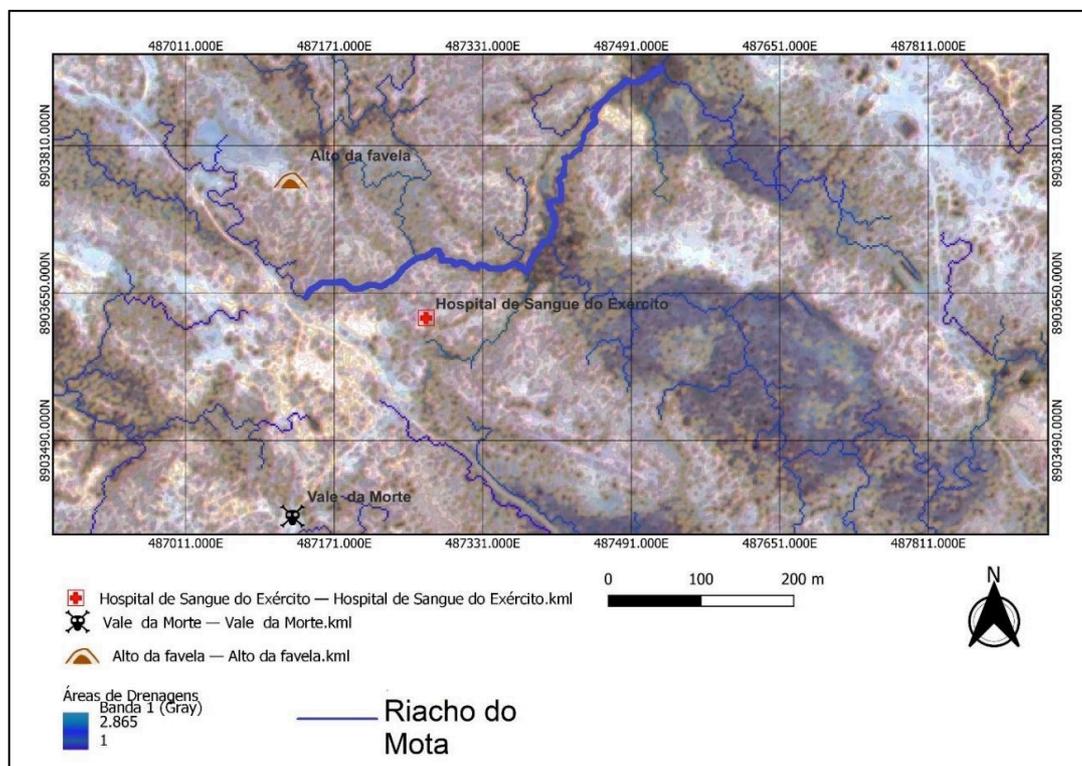


Figura 16- Área de drenagem e evidência do Riacho do Mota.  
 FONTE: Leandro Oliveira Juncken.

## A IGREJA DE SANTO ANTÔNIO (IGREJA VELHA).

Construída por Antônio conselheiro em 1893, logo a sua chegada ao arraial, substituindo uma antiga capela, em seu trabalho de entrevista com sobreviventes da guerra, reforçou Calasans (1997) “disse-nos, por sua vez, que existia, erguida por gente da Torre de Garcia d'Ávila, uma igreja, quase em ruínas, quando o Bom Jesus garantiu que levantaria um pequeno templo”. De feições formosas e pequena, Manoel Benício, correspondente do Jornal do Comércio, a descreve de forma sucinta e simpática: "A igreja velha, a seu modo elegantezinha e de bom aspecto, contrasta sua deslumbrante alvura com o avermelhado das habitações". Essa igreja foi destruída durante a guerra. Referenciar e localizar essa igreja se deu por conta dos trabalhos arqueológicos realizados no local, quando o nível do Açude estava baixo. A técnica

construtiva adotada para as estruturas foi a de alvenaria de pedra e cal. Sua área interna possui 110 m<sup>2</sup>(ZANETTINI, 1999).

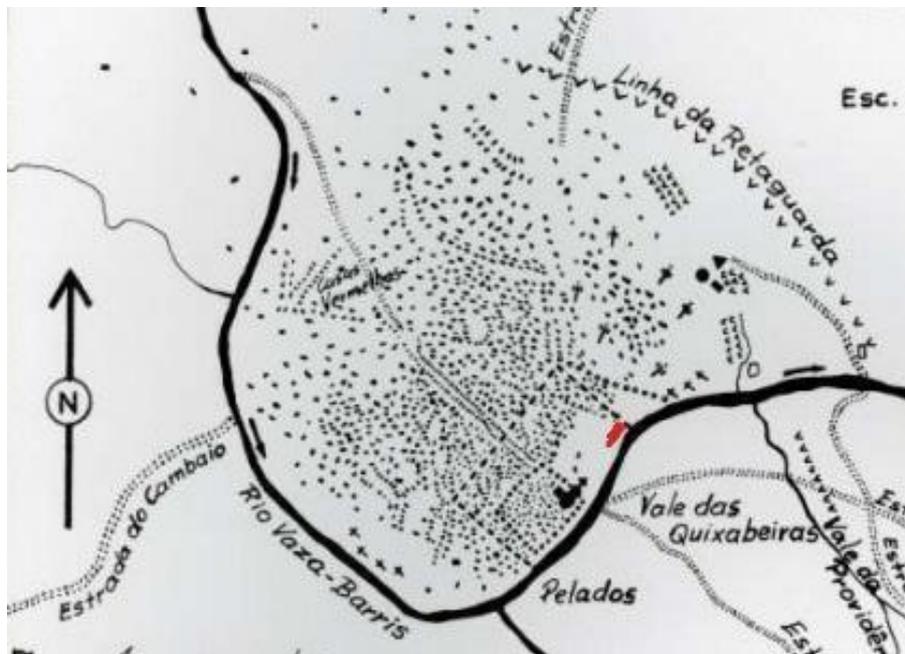


Figura 17- Mapa da comissão de engenharia do Exército com a Planta de Canudos, em vermelho na igreja Velha.

FONTE: Meneses (1897)



Figura 18- Escavação e evidência da igreja velha de Canudo e em frente ao Cruzeiro.

FONTE: Acervo Zanettini (1999).



Figura 19- Frente da igreja velha. (Barros,1897).

Fonte: Museu da República/instituto Moreira Salles/brasiliiana Fotográfica.

### **A IGREJA DO BOM JESUS (IGREJA NOVA)**

A construção que mais se destaca, tanto pelas descrições dos combatentes, como sua força e representação dentro da Cidade de Canudos. A igreja do Bom Jesus “A igreja nova, quase pronta, levantava as duas altas torres, assoberbando a casaria humilde e completava a defesa” e “As duas torres da igreja nova lá estavam sobranceiras na altura, como dois mutãs sinistros sobre o exército” (CUNHA, 1984). Imponente, era assim que todos a viam. Do início ao fim, a igreja nova fez parte da resistência canudense, foi ao lado da igreja, que sucumbiu à última trincheira conselheirista.

Sua construção se deu por conta do aumento de pessoas que se mudavam para Canudos. E por conta do conflito ela nunca chegou a ser finalizada. Um dos motivos para a eclosão do conflito se deu por conta das madeiras para a construção do telhado da igreja que Antônio conselheiro encomendou em Juazeiro. A técnica

construtiva adotada foi de pedra e cal. Sua área interna era de 270 m<sup>2</sup>. As paredes que serviram de fortaleza para os conselheiristas, “as paredes da igreja do Bom Jesus têm as justas medidas de 0,60m de largura” (ZANETTINI, 1999).



Figura 20- Mapa Topográfico de Siqueira de Meneses, localizando em vermelho a Igreja do Bom Jesus (Igreja Nova).  
FONTE: Meneses (1897).



Figura 21- Escavação e evidência da igreja nova.  
FONTE: acervo Zanettini (1999).



Figura 22- Igreja do Bom Jesus, destruída. Foto de Flávio de Barros (1897).  
FONTE: Museu da República/instituto Moreira Salles/brasiliiana Fotográfica.

Assim, abordando esse conjunto arquitetônico (as duas igrejas e o cruzeiro), por estarem tão próximos e relacionados, usamos as extrações de curvas de níveis para compreender a altimetria das igrejas. Como dito anteriormente, do Morro de Pelados, serviu de ponto de Bombardeio, tanto por sua posição privilegiada quanto pela localização das igrejas que ficavam numa parte mais baixas, assim verificamos que, tanto a Igreja nova (figura 23), quanto a igreja velha (figura 24), ficavam em uma área pouco irregular, permitindo assim que as igrejas se despontasse quem estivesse em um ponto mais alto. As curvas de nível nos deram a informação que a altimetria das igrejas entre 180 a 200 metros.

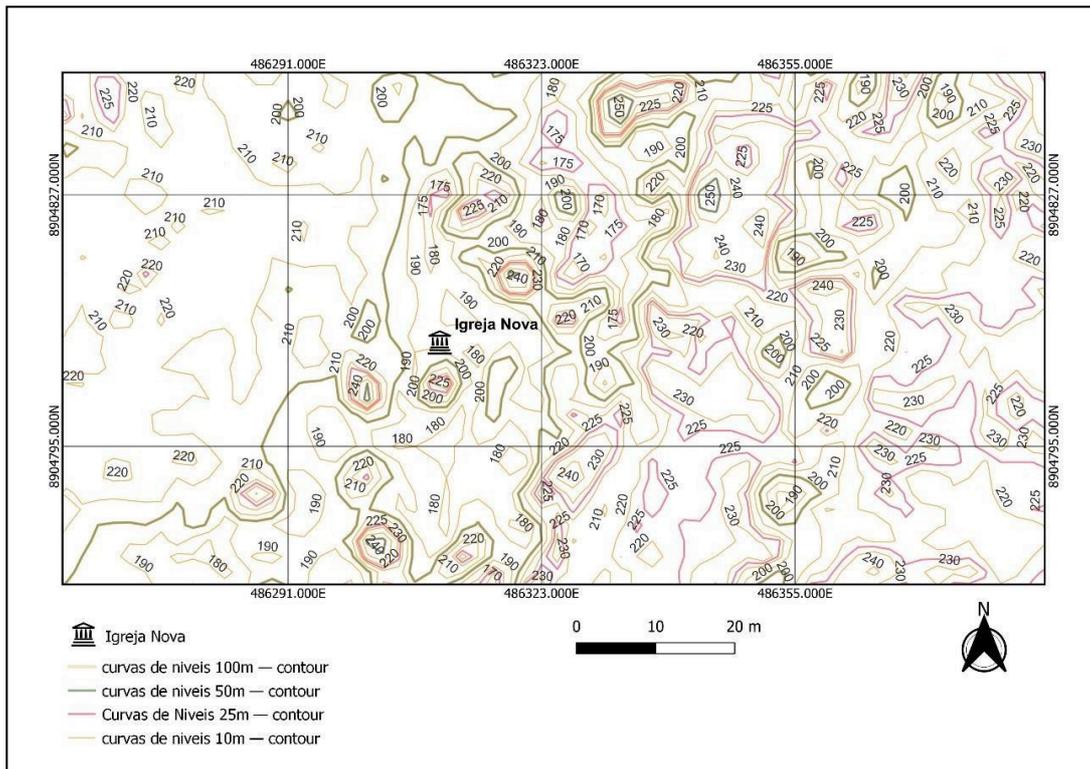


Figura 23- Topografia da Região da Igreja Nova.  
 FONTE: Leandro Oliveira Juncken.

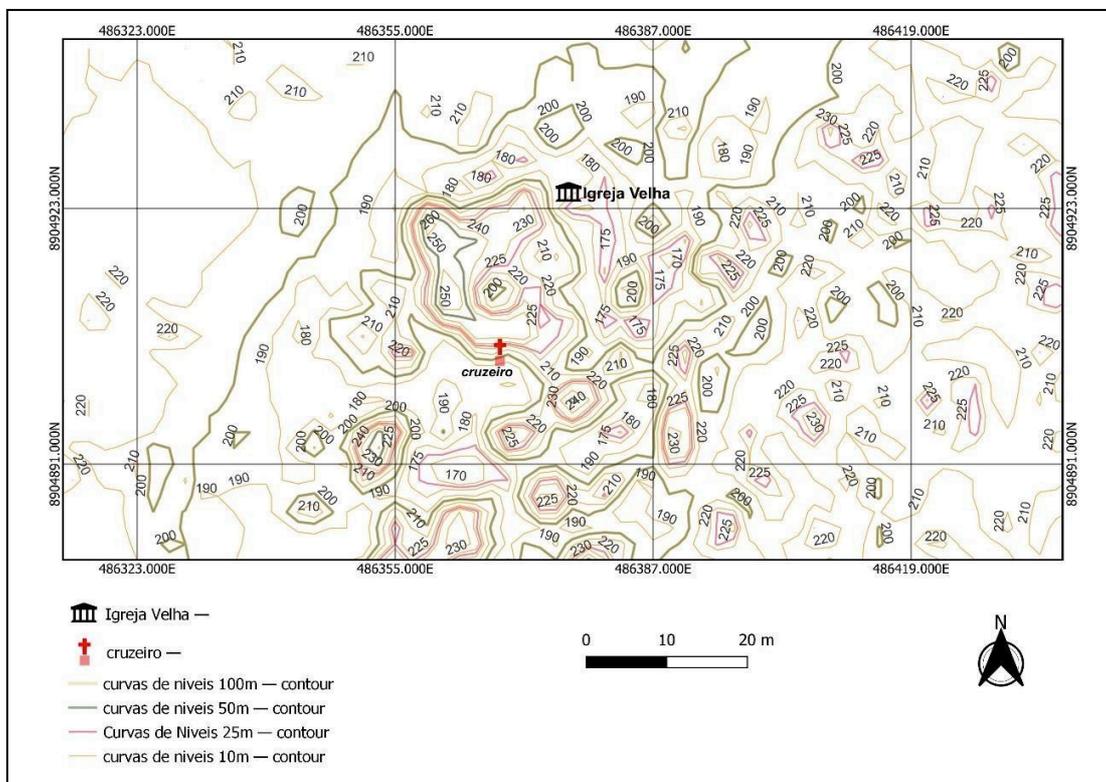


Figura 24- Topografia da Região da Igreja Velha.  
 FONTE: Leandro Oliveira Juncken.



Figura 25- área de escavação das duas Igrejas.  
Fonte: Acervo Zanettini (1999).

Graças aos pontos de coordenadas Geográfica, fizemos a medição das distâncias dos pontos, compreendendo melhor a espacialidade do lugar. As Imagens de Flávio de Barros ilustram a compreensão da espacialidade, porém deixa em aberto à abordagem de qual seria a área desse conflito. Com o objetivo de atender a demanda de distanciamento, criamos uma tabela (quadro 2) onde possibilita ter essa dimensão em relação aos espaços explorados durante o conflito.

Tendo por base o uso do sistema de referência geográfica, as imagens de Flávio de Barros, a tabela de distância nos possibilita compreender algumas espacialidades como: distância das duas Igrejas (figura 26) com a distância entre si de 138 metros, e o Bombardeio de Canudos do Morro de pelados (figura 27) em relação a igreja velha é de 360 metros (aproximadamente), para o morro de pelados até a igreja nova é de 243(aproximadamente) metros de distância, tal como a área entre o vale das quixabeiras para a igreja Velha (figura 28) que tem um espaço apresentado de 251 metros(aproximadamente).

<b>Quadro de Distância dos Pontos</b>									
	Hospital de Sangue	Alto da Favela	Vale da Morte	Alto do Mário	Fazenda Velha	Morro de Pelados	Vale das Quixabeiras	Igreja Velha	Igreja Nova
Hospital de Sangue									
Alto da Favela	211,083m		366,993m	623,73m	994,369m	1103,871m	1167,390m	1372,066m	1314,223m
Vale da Morte	260,731m			889,879m	1280,985m	1397,011m	1512,476m	1687,471m	1621,425m
Alto do Mário	839,573m				397,223m	507,936m	697,829m	825,793m	739,199m
Fazenda Velha	1,208,006m					116,756m	420,583m	460,747m	356,433m
Morro de Pelados	1319,594m						370,067m	360,159m	243,664m
Vale das Quixabeiras	1375,734m							251,484m	300,690m
Igreja Velha	1579,932m								138,558m
Igreja Nova	1524,896m								

Quadro 2- Tabela de distância dos pontos de referência.

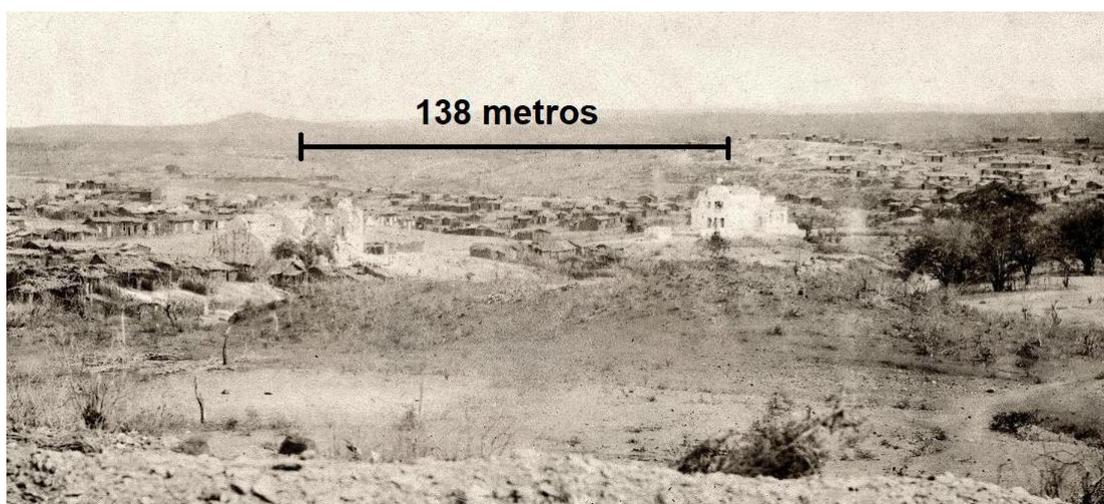


Figura 26- Distância das duas igrejas.  
 FONTE: Museu da República/instituto Moreira Salles/brasiliana Fotográfica.

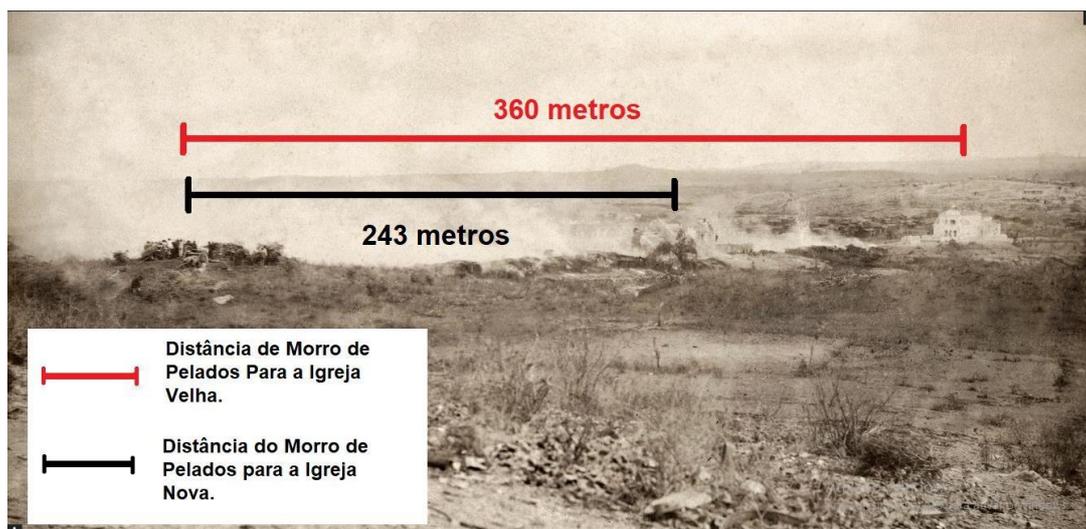


Figura 27 - Distância do Morro de Pelados as Igrejas.  
 FONTE: Museu da República/instituto Moreira Salles/brasiliana Fotográfica.

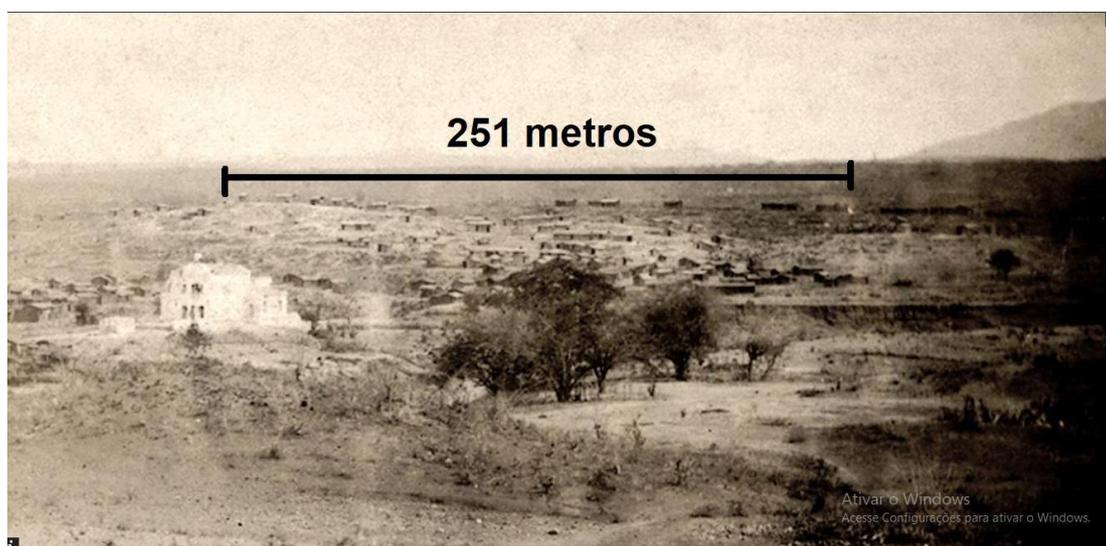


Figura 28 - distância da área do Vale das quixabeiras para a igreja Velha.  
 FONTE: Museu da República/instituto Moreira Salles/brasiliana Fotográfica.

Com essas informações oferecidas pelos Sistemas de Informações Geográficas, nos ajuda a referenciar os espaços e a localizar esses pontos, possibilitando construir uma Cartografia desses pontos. Evidenciados, marcamos no SIG uma cartografia de Canudos com curvas de níveis (figura 29) (contrapondo ao mapa de Siqueira de Meneses) e usando as imagens de satélite CBERS 4A (figura 30), podemos obter os seguintes resultados. Compreendendo que a região de Canudos passou por várias transformações durante o tempo (a construção do Açude influenciou sobre o Rio Vaza-Barris).

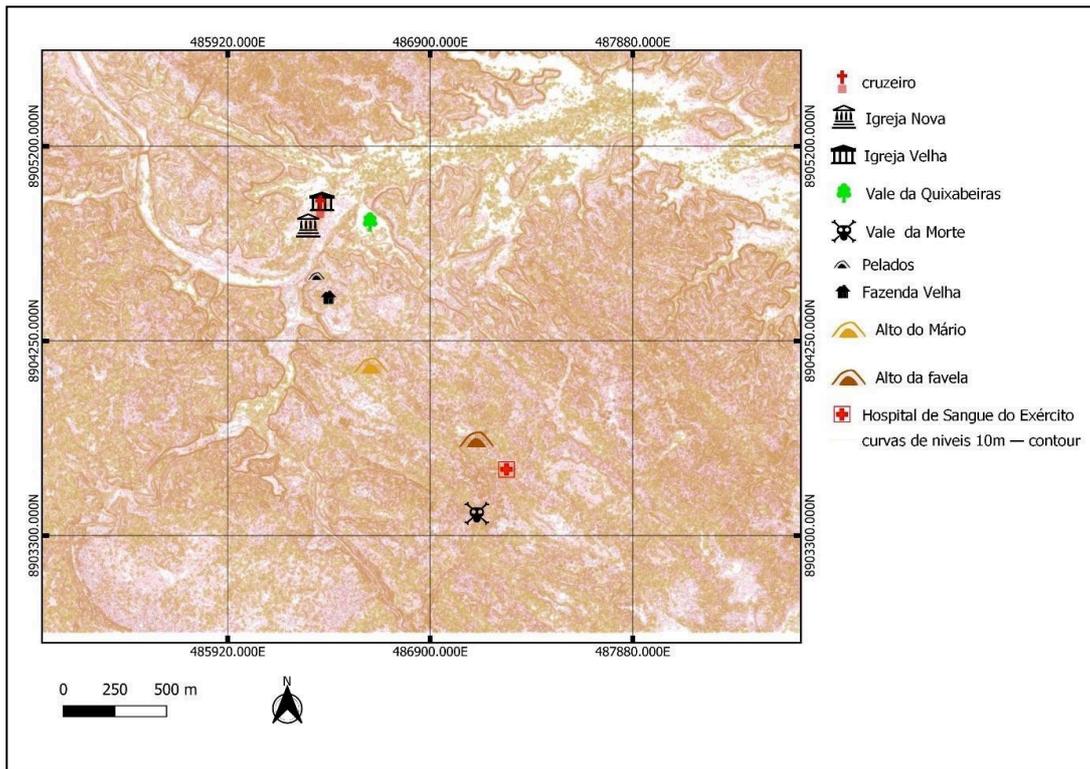


Figura 29- SiG de Canudos com curvas de linhas.  
 FONTE: Leandro Oliveira Juncken

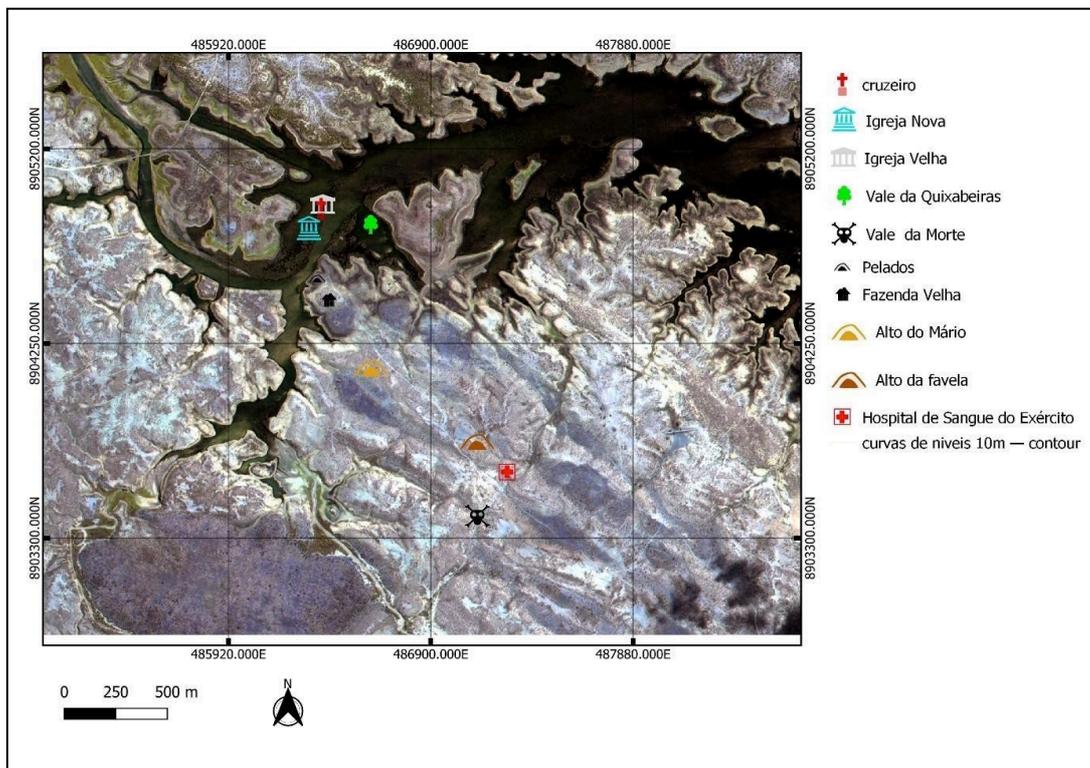


Figura 30- SiG de Canudos, com imagens provenientes do Satélite CBERS 4A.  
 FONTE: Leandro Oliveira Juncken.

Importante compreender que esses pontos já são conhecidos e demarcados dentro do espaço do Parque Estadual de Canudos-PEC. O Parque integra importantes áreas de terras onde se deu a guerra fratricida. O Parque compreende uma área de 1.321 hectares. Nesse lugar que foi o teatro da guerra, podemos evidenciar acampamentos militares, a presença de trincheiras conselheiras e o cenário de violentos combates, abrigando valiosos sítios históricos e arqueológicos.



Figura 31- Entrada do Parque estadual de Canudos.  
FONTE: acervo Zanettini (1999).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com os pontos de referências mapeados pelo SIG da área da guerra, temos um resultado com informações relevantes como a topografia do local, as posições que foram escolhidas para defesa e ataque tendo como suporte à paisagem, os lugares de drenagem, as distâncias dos pontos e fazendo uma comparação em relação às cartografias realizada por Siqueira de Meneses, temos uma visualização da área do conflito.

Além disso, tendo em vista, a área estudada, nos proporciona informações que, futuramente, poderá servir como carta arqueológica de mapeamento de zonas para pesquisas arqueológicas. A construção do SIG de Canudos se torna um mundo de

informações e associando as outras fontes como a escrita, a cartografia e as fotografias abre novas perspectivas de enxergar a guerra, mesmo não tendo estado no local. Pois nos coloca como posição de localização desse ambiente.

Dentro da perspectiva que realizamos nesse trabalho, a hipótese era avaliar se existirão ou não e quais seriam os novos entendimentos em relação ao espaço identificados a partir do uso de ferramentas computacionais. Diante o uso do SIG, nos deu maiores informações sobre pontos destacados como áreas de drenagem, que nos períodos de chuvas identificamos pontos de escoamentos dentro da área do Parque estadual, ajudando assim a monitorar possíveis degradações e erosões dos solos nos sítios arqueológicos.

Outro ponto que podemos evidenciar, além das posições é a compreensão do relevo e altimetria dos lugares referenciados, compreendendo que, ao observar os relatos do livro de Euclides da Cunha e os mapas topográficos de Siqueira de Meneses compreendemos melhor a espacialidade do conflito e suas posições estratégicas. Compreender também as distâncias entre cada ponto, se torna eficaz para a dinâmica ocorrida na guerra, e sanar questionamentos como, as posições de artilharia de um determinado armamento do Morro de Pelados eram mais eficazes, por estarem mais próximos das igrejas, sendo que no Alto da favela, por ser distantes, existia outro tipo de armamento para o bombardeio de Canudos.

E por fim, compreender a espacialidade, nos ajuda a questionar sobre a posição do exército em relação a Canudos, como, se dentro daquele espaço realmente existiria (seria possível) 5 mil casas e 25 mil pessoas vivendo em um mesmo ambiente. O uso dessas ferramentas nos possibilitou ver Canudos de um modo mais detalhado, mesmo quem nunca tenha pisado em seu solo, esse trabalho serve como um auxílio para quem possa ler ou entender a espacialidade de Canudos.

## REFERÊNCIAS

CASTELLAR, Sonia Vanzella. A cartografia e a construção do conhecimento em contexto escolar. In: ALMEIDA, R. D. (org.). **Novos Rumos da Cartografia Escolar**: Currículo, linguagem e tecnologia. São Paulo: Contexto, 2011. P. 121-135.

CALASANS, José. **Cartografia de Canudos**. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, Conselho Estadual da Cultura, EGBA. 1997. 147p.-(Coleção Memória da Bahia 5).

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Três, 1984 (Biblioteca do estudante).

MONTEIRO, Vanessa Sattamini Varão. **Canudos: As Crianças do Sertão como Butim De Guerra / Vanessa Sattamini Varão Monteiro**; orientadora: Margarida de Souza Neves. – 2007. 119 f.: il. (col.); 30 cm Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007

NAZARENO, Nilton Ricetti Xavier de. **Sig Arqueologia: Aplicação Em Pesquisa Arqueológica**. Tese de doutorado ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.2005.

NUNES, Keila Alves de Campos. **As geotecnologias no ensino de geografia: O uso do google earth nos processos de ensino aprendizagem sobre a cidade {manuscrito}**. dissertação de mestrado Instituto de estudos socioambientais (Iesa) programa de pós graduação em geografia Goiânia,2019.

ROSA, Roberto. **Introdução ao sensoriamento remoto**. 4ª edição, Uberlândia: Ed. da Universidade Federal de Uberlândia, 2001.

ZANETTINI. Paulo E; Robrahn-González. Erika M. **O Salvamento Arqueológico Emergencial Do Arraial De Canudos**. Governo do Estado da Bahia Seplante - Cadct / Uneb / Fapes / Ceec. 1999.

# GAÚCHOS EM CANUDOS: ISIDORO VIRGÍNIO E A VIDA MAL VIVIDA

Carlos Perrone Jobim Júnior<sup>1</sup>

**RESUMO:** A presença massiva das tropas gaúchas em Canudos é notória. No entanto, pouco tem se falado sobre as motivações de Júlio de Castilhos em atacar o Belo Monte. Este trabalho trata de apresentar os cadernos memorialísticos de Isidoro Virgínio, soldado-músico do 12º Batalhão de Infantaria de Rio Grande. Participante da Revolução Federalista de 1893 e da Guerra de Canudos, Isidoro Virgínio deixou registrado em seus cadernos manuscritos as lembranças dessas duas guerras. Este trabalho procura analisar a obra desse soldado para mostrar alguns elementos fundamentais e necessários para que o leitor possa compreender as especificidades de sua narrativa, como também os aspectos psicológicos do autor. Além disso, pretende-se destacar as ligações entre dois eventos históricos distintos, de modo que se possa compreender as origens das forças gaúchas que se deslocaram na Quarta Expedição Militar para destruir Canudos, a partir dos cadernos do soldado, intitulados de “A Vida Mal Vivida”.

**Palavras-chave:** Narrativa; Guerra de Canudos; Revolução Federalista

**ABSTRACT:** The massive presence of the Gaucho troops in Canudos is notorious. However, little has been said about the motivations of Júlio de Castilhos in attacking Belo Monte. This work aims to present the memorialistic notebooks of Isidoro Virgínio, soldier-musician of the 12th Infantry Battalion of Rio Grande. Participant in the Federalist Revolution of 1893 and the War of Canudos, Isidoro Virgínio left registered in his handwritten notebooks the memories of these two wars. This paper seeks to analyze the work of this soldier to show some fundamental and necessary elements for the reader to understand the specifics of his narrative, as well as the psychological aspects of the author. Furthermore, it intends to highlight the connections between two distinct historical events, so that one can understand the origins of the Gaucho forces that moved in the Fourth Military Expedition to destroy Canudos, from the soldier's notebooks, entitled "A Vida Mal Vivida".

**Keywords:** Narratives Canudos War; Federalist Revolution

## INTRODUÇÃO

Embora a minha intenção não seja tratar das questões do ensino da história, achei interessante começar uma reflexão sobre o envolvimento do Rio Grande do Sul na Guerra de Canudos, a partir da seguinte questão: Canudos deve ser ensinado da

---

<sup>1</sup> Dr. em História pela UFSC e Membro-Pesquisador do IHGRS.

mesma forma no Rio Grande do Sul e na Bahia? Pretendo, a partir desse ponto, mostrar a necessidade de pensarmos sobre as relações históricas e identitárias entre esses dois Estados. Nesse sentido, convido à leitura do relato manuscrito de Isidoro Virgínio. Soldado-músico do Treme-Terra, o 12º Batalhão de Infantaria de Rio Grande, participou da “Revolução Federalista de 1893” e da “Guerra de Canudos”.

A partir de seu relato, vemos uma convergência entre dois eventos históricos distintos, porém, interligados em uma narrativa coesa, contínua e linear. Pretendo mostrar algumas características da fonte e de seu narrador, cujas especificidades os tornam especiais, para que assim se possa compreender melhor Isidoro e seu diário, intitulado “A Vida Mal Vivida”. Por último, procuro mostrar como a Guerra de Canudos aparece no diário do soldado, destacando alguns exemplos.

## **UM CONTO EM CADA CANTO: CANUDOS NA SALA DE AULA**

Em 2018, fui convidado pelo professor Vanderlei Machado, do Colégio de Aplicação da UFRGS, para dar uma aula sobre a Guerra de Canudos aos estudantes do 9º ano do ensino médio. Estava muito feliz pela oportunidade de retornar para esse colégio, onde fiz minha cadeira de prática de ensino, quando cursava História. Mais que isso, estava feliz porque daria uma aula para a turma do meu filho. O desafio era fazer com que a turma se interessasse pelo conteúdo. Então, pensei em encenar a guerra na sala de aula. Dois grupos se enfrentariam: “conselheiristas” contra “militares”. O professor Vanderlei concordou com a proposta e procuramos aprimorar a ideia.

Diante disso, começamos a trabalhar. Mudamos a disposição das cadeiras, deixando apenas uma fileira, separando a sala de aula em duas partes. Então, formamos os dois grupos. Pedi que os “conselheiristas” se colocassem no fundo da sala. Do outro lado, pedi que os “militares” entrassem em formação de batalhão, também ao fundo. Na frente, abri uma passagem na fileira de cadeiras. A ideia era colocar o batalhão em marcha, até que as contornassem e começasse a se aproximar de Canudos. Para representar a cidade, fiz as casas com caixas de leite cortadas e pintadas. Também usei um pote de sorvete para representar a Igreja Nova. Distribuí para todos a munição, feita de uma mangueira velha e fatiada. Os “conselheiristas” colocaram sobre as “casas” algumas figuras de cartolina, representando bodes e abóboras, produtos do trabalho do sertanejo. Depois, ficaram atrás delas, deixando

“Canudos” vulnerável. Já os “militares”, diante da cidade, posicionaram canhões de papelão e ficaram na frente deles, protegendo-os com o corpo. Esses eram os alvos e os “militares” estavam mais protegidos que os “conselheiristas”.

Comecei a aula explicando para os alunos sobre os fatos ocorridos no ano de 1893, o envolvimento dos militares na “Revolução Federalista” e a aliança entre Floriano Peixoto e Júlio de Castilhos. Depois, falei sobre o surgimento de Antônio Conselheiro e as razões do conflito, até chegar na derrota da “Terceira Expedição Militar”. Finalmente, depois de contextualizar a guerra, “ordenei” que a “Quarta Expedição” marchasse e a luta começasse.

Assim como ocorreu na história, Canudos foi derrotado devido a posição estratégica dos militares e a força dos canhões. A vitória não foi tão fácil, pois os “conselheiristas” também deram trabalho. Até mesmo pularam cadeiras para pegar o batalhão pelas costas. O objetivo era mostrar que Canudos tinha sido uma guerra cruel e injusta, na qual uma comunidade próspera e pacífica foi destruída pelas forças da República, treinadas, experimentadas nos campos de batalha do Sul e armadas com equipamento moderno. Além disso, mostrar a influência de Júlio de Castilhos na guerra. E essa foi a aula.

Já, na Bahia, na atual Canudos, podemos ver que Antônio Conselheiro e sua comunidade tem o protagonismo. Como exemplo, utilizo as palavras da professora Josileide Valença, do Centro Educacional Cardoso Gama, proferidas em 2021 durante a Feira Literária de Canudos (FLICAN), que contou com o valioso apoio do Centro de Estudos Euclides da Cunha da UNEB. Segundo ela, essa história “faz parte de nossa vida”, sendo que existe na matriz curricular uma disciplina chamada “História de Canudos”. Além disso, destaca que a importância desse tema reside na necessidade de valorização da identidade comunitária. Para ela, é preciso falar disso, pois é fundamental que se desenvolva a ideia de pertencimento. Em suas palavras: - A história de Canudos nos pertence!

Se compararmos as duas experiências citadas, poderemos observar que o Rio Grande do Sul ainda não reconhece parte do seu próprio passado, visto que Antônio Conselheiro quase nunca é mencionado na historiografia gaúcha. Isso nos faz pensar nos resquícios positivistas que pairam sobre nós, gaúchos. Afinal, existe uma dificuldade para admitir algo que nos desonra. Por isso, devem ser feitas mais pesquisas sobre o envolvimento de Júlio de Castilhos no conflito e esses trabalhos devem chegar no sertão.

Personagens como Carlos Telles, Thompson Flores, Arthur Oscar, Tristão Sucupira, por exemplo, estão presentes em ambas as guerras. Saber sobre a participação deles na Revolução Federalista nos leva a conhecer a construção do ódio político sobre o Belo Monte. A narrativa de Isidoro carrega esses dois eventos e nos permite compreender as estratégias de Castilhos e sua aliança com Floriano Peixoto, como também o envolvimento do Rio Grande do Sul no conflito. Assim como não podemos deixar de falar disso na sala de aula, não podemos pensar na participação do soldado Isidoro Virgínio em Canudos, sem considerar suas experiências na Federalista.

### **ALGUNS TRAÇOS BIOGRÁFICOS DE ISIDORO VIRGÍNIO**

Isidoro Virgínio nasceu em 4 de abril de 1877. Embora sua família fosse proveniente da Ilha dos Marinheiros, Isidoro nasceu na casa de sua madrinha, Dona Euféia Machado, que morava no Povo Novo. Isso aconteceu devido aos problemas de saúde de sua mãe, que necessitava de maiores cuidados. Assim, os primeiros anos de vida do menino foram na campanha. Seus pais se chamavam João e Virgínia Cassar.

De qualquer forma, Isidoro dizia ser natural de Rio Grande. Para ele, a vida na ilha era muito monótona e, como ele enxergava da praia o cais da cidade, ficava sonhando em um dia morar lá. Em 1887, seu sonho se concretizou. Talvez em razão do falecimento do pai, sua mãe contraiu um novo matrimônio com um homem chamado Antônio e foram morar na cidade.

Conforme nos conta, a vida na cidade lhe parecia maravilhosa. Ele vivia perambulando pelas ruas, brincando, soltando pipa e fazendo traquinagens. Em 12 de dezembro de 1889, resolveu partir para sua primeira aventura, embarcando clandestinamente em um navio para Porto Alegre. Nesse período, trabalhou como auxiliar de verdureiro e depois como cavalição de uma família abastada. Poucos meses depois, retornou para Rio Grande e, em 1891, no ano de falecimento de sua mãe, decidiu entrar voluntariamente para o Exército.

Sua atitude se deve ao fato de que ele não se considerava mais uma criança. Já tinha experimentado viver pelo seu próprio esforço e parecia não mais se acostumar à antiga vida de moleque. É emblemático o fato de que, na infância, o que lhe causava mais medo fossem os soldados. Talvez, por isso, tenha considerado que a sua entrada

no 12º Batalhão de Infantaria de Rio Grande fosse um ritual de passagem para a vida adulta.

A vida de soldado foi bastante turbulenta. Em 1891, seu batalhão foi para Porto Alegre para depor Júlio de Castilhos. Em 1892, devido ao chamamento do ministro do Exército, para que todos os batalhões do Sul fizessem treinamentos de guerra na fazenda de internada de Saicã, Isidoro acabou testemunhando o “Golpe de Saicã”. Esse golpe se constituiu numa combinação secreta entre Floriano Peixoto e Júlio de Castilhos que, na calada da noite sequestraram os mesmos comandantes de batalhões que o depuseram. Podemos observar nos escritos de Isidoro, que ele mesmo não tinha noção do que estava acontecendo. E nem mesmo existe qualquer registro na historiografia ou nas fontes que fale sobre isso. Mas, observando os telegramas trocados entre Floriano e Castilhos, pude concluir o que se passou. Floriano disse que o “Ardil de Castilhos” tinha dado certo; o que explica porque Castilhos retornou ao poder com tanta facilidade.

No ano seguinte, devido à tomada de Bagé, as colunas maragatas partiram do Uruguai e entraram no Rio Grande do Sul. Tinha início a Revolução Federalista de 1893. Como parte do golpe, o batalhão de Isidoro foi deslocado para São Gabriel e, ao retornar, em 1894, Tristão Sucupira de Alencar Araripe, morto posteriormente em Canudos, substituiu o “desaparecido” coronel Onofre dos Santos.

Em 1896, após uma série de fatos, o “Treme-Terra”, alcunha dada ao seu batalhão nos tempos da Guerra do Paraguai, rumou para Alegrete. Após a morte do coronel Moreira César, Isidoro Virgínio foi para Canudos com seu batalhão, para participar da coluna Savaget. Ele era um dos que lutaram em Cocorobó e no Morro da Favela. Antes do final da guerra de Canudos, Isidoro sofreu um ferimento leve e foi substituído. Por isso, aparece na foto de Flávio de Barros, tirada em Monte Santo, na ocasião da missa celebrada no mesmo povoado, contando com a presença do Marechal Carlos Bittencourt e Euclides da Cunha.

Após a guerra, em 1898, Isidoro Virgínio vai para o Rio de Janeiro. Por causa do extremo sofrimento que vivera como soldado, decidiu deixar o Exército e retornar para Rio Grande. Na sua “terra natal”, com a ajuda de amigos, conseguiu emprego em uma padaria como aprendiz. Pouco tempo depois, desiludido com a política local, decide voltar para o Rio de Janeiro. Então, começa a trabalhar como padeiro e, mais tarde, após um curto retorno à caserna, consegue empregar-se como padeiro mercante.



Figura 1: Missa realizada na presença do marechal Bittencourt e Euclides da Cunha. Talvez Isidoro Virgínio seja o soldado-músico no centro do detalhe da foto abaixo, pelas suas características (baixa estatura, branco, tocava instrumento de sopro).



Figura 2: Isidoro Virgínio

Ao longo de sua vida, Isidoro testemunhou outros eventos históricos considerados paradigmáticos. Participou da Revolta da Vacina e também estava embarcado no navio S.S. Alegrete, quando o mesmo foi torpedeado por um submarino alemão em 1942. Outros eventos marcantes, embora pessoais, fizeram com que Isidoro passasse por momentos muito difíceis. Em 1912, foi preso em Gênova por ferir um marinheiro, relatando sua triste experiência na prisão. Já, na década de 40, em razão de um desafeto na política, é envenenado e tem seus intestinos

irreversivelmente danificados. Em 1945, retornou para Rio Grande como aposentado e se instalou na Santa Casa da Beneficência Portuguesa da mesma cidade, onde faleceu, em 31 de dezembro de 1955, de câncer no intestino grosso.

### **SOBRE A CONSTRUÇÃO DE “A VIDA MAL VIVIDA”**

A obra totaliza cerca de 70 cadernos. Seu diário íntimo é composto de 21 cadernos manuscritos, chamados de “A Vida Mal Vivida”. Neles, Isidoro Virgínio narra suas experiências entre 1889 e 1945. Depois desta data, ao retornar para Rio Grande, ele compôs os demais cadernos. “A Vida Mal Vivida – Rio Grande”, por exemplo, é constituído por 15 cadernos e começa com Isidoro narrando sua experiência como asilado. Depois, se transforma na rememoração das casas e de seus antigos moradores, lembrados em seus passeios diários. Os demais cadernos tratam de assuntos diversos, trazendo casos que lhe foram contados, como também um longo estudo sobre o evangelho, sobre alimentos medicinais, etc.

“A Vida Mal Vivida” começou a ser escrita em 1891, talvez como um exercício literário. Nessa época, Isidoro Virgínio foi alfabetizado pelo capitão Antônio Prestes, o pai de Luís Carlos Prestes, quando o soldado frequentava as aulas noturnas. Sua escrita começa com a narração de sua primeira aventura, quando ele embarca, em 1889, para Porto Alegre. Sua intenção era a de registrar os fatos que aconteciam em sua vida, como um recurso mnemotécnico. Pois, desde o tempo da infância, quando morava na campanha, Isidoro gostava de escutar histórias. Agora, ele tinha suas próprias histórias para contar. E como ele não queria se esquecer do que tinha vivido e sentido, passou a registrar seus feitos. Como não tinha família, já que nunca se casou, nem teve filhos, aproveitava seus momentos de folga para se aproximar de qualquer um que estivesse disposto a conversar. Por isso, frequentava constantemente as rodas dos bares, das padarias, dos alojamentos e das esquinas.

O objetivo era lembrar para melhor contar. E quando Isidoro contava seus feitos para os amigos, fazia de uma forma diferente. Ele gostava de “apimentar” seus casos. Às vezes, inventava coisas para que seus ouvintes ficassem mais impressionados. Conforme ele mesmo disse, as histórias de que mais gostavam era a de Canudos. Nesse sentido, tornara-se um contador especial. Além de suas histórias de soldado, entrou na marinha mercante para poder viajar pelo mundo e trazer novas histórias.

Embora não tenhamos como saber se sua personalidade era mais expansiva ou mais retraída, quando ele contava seus casos, o fazia de forma especial: Isidoro atuava. Queria divertir seus ouvintes. Por isso, nas rodas de conversa, ele entrava como um contador preparado. Seguia petreamente as regras de convivência social. Esperava o momento certo para falar e nunca desqualificava quem estivesse com a palavra.

No entanto, suas boas maneiras, sua honestidade e sua simpatia escondiam o homem sombrio que ele também era. Depois de aposentado, revelou nos cadernos “A Vida Mal Vivida – Rio Grande” um pouco de sua personalidade. Segundo nos conta, tornara-se espírita no início da década de 40. E, por isso, sentia sua alma aliviada. Pois, quando era criança, apesar de receber de sua família valores próprios da religião, não acreditava em nada. Então, no início do século XX, começou a ler o evangelho. Mas, alguns anos depois, provavelmente devido a sua prisão, voltou a não acreditar em Deus.

Nesse momento da vida, Isidoro disse que pensava em coisas terríveis e, por isso, não se considerava um homem bom. Essa reflexão sobre si mesmo ajuda a compreender seus ímpetos violentos em determinados momentos. Devido a isso, Isidoro acabou preso por um curto período em Gênova. Mas, cabe salientar que raramente ele deixava esse lado agressivo aflorar. Desse modo, ao aderir ao espiritismo, passou a se sentir mais reconfortado.

Por isso, o título de seus cadernos é “A Vida Mal Vivida”. Pois essa é a percepção do velho Isidoro. Vivenciou duas guerras; trabalhou exaustivamente nas padarias e nos navios; foi preso e envenenado. E, agora, se encontrava muito doente. Assim, esse título fala de uma vida sofrida. Pois é o testamento de um homem velho e pobre que se decepcionou com a humanidade. No entanto, as coisas não foram sempre assim. Sua infância e sua juventude, apesar das guerras, tinham um sabor diferente: Isidoro amava a vida. No quartel, escolhera ser músico. Gostava de viajar e de aprender. Gostava de estar com os amigos. Gostava de festejar o carnaval.

Por sua vez, a construção de “A Vida Mal Vivida” passa por algumas fases. Ao longo da vida, Isidoro escreveu em folhas de tamanhos e cores diferentes. Como método, primeiro fazia anotações sobre aquilo que observava, para depois redigir de forma mais descritiva o que tinha visto. Somente no início da década de 40 é que ele começa a transcrever as folhas nos cadernos espiralados. Essa padronização se devia ao seu interesse em salvar o que tinha guardado. Pois sabia que não poderia entregar

seus escritos da forma desordenada que estava. Tinha iniciado, assim, sua intenção de salvá-los. E, ao longo dos seus últimos dez anos, terminou de passá-los à limpo.

### **A SALVAÇÃO DOS CADERNOS: EM BUSCA DE UM GUARDIÃO**

Considero que Isidoro Virgínio não deva ter feito muitas modificações em seus escritos, pois sua ideia era entregar para o futuro guardião uma obra testamentária. Então, quando estava prestes a morrer, juntou tudo o que tinha e levou para seu amigo Antônio de Tarso, dono da primeira banca de revistas da cidade. Quando Antônio morreu, seu filho, Paulo de Tarso Teixeira e Silva, pediu aos irmãos que deixassem os escritos de Isidoro com ele.

Conheci Paulo em 1998. Naquela ocasião, pesquisava sobre o envolvimento do Rio Grande do Sul no conflito de Canudos, como proposta para entrar no mestrado da UFRGS. Lembro que estava no museu Hipólito da Costa, transcrevendo o jornal “A Federação” de 1897. Então, como sabia que o Museu do Exército tinha em sua exposição um chapéu dos “pica-paus”, resolvi ver pessoalmente o afamado chapéu e tirar uma foto. Para minha surpresa, após explicar as minhas intenções e ser autorizado pelo diretor do museu, ele me disse que conhecia um colega que tinha os diários de um soldado que lutou em Canudos. Então, consegui o seu nome e, mais tarde, com a ajuda do meu pai, que também tinha sido militar, o endereço do senhor Paulo. Foi assim que nos conhecemos e foi assim que cheguei aos cadernos.

Após a minha defesa de mestrado, entreguei para ele a minha dissertação. No dia seguinte, ele me ligou e marcou um novo encontro. Passou a noite lendo meu trabalho e, como gostou, disse que aparecesse em sua casa para me passar todos os cadernos. Então, me tornei o terceiro guardião da fonte. Alguns anos depois, voltei a procurá-lo e soube que tinha falecido. Para minha surpresa, sua filha me disse que passasse em sua casa, pois queria me entregar uma caixa de cadernos que ela tinha encontrado. Então, fui buscá-los imediatamente. E, assim, a coleção ficou quase completa.

Infelizmente, foi perdido o primeiro caderno, que estava sendo transcrito pelo senhor Paulo na década de 1960. Ele estava no Exército e foi para Israel participar de uma missão. Quando retornou, descobriu que a senhora que fazia a limpeza tirou o caderno de sua gaveta e o jogou no lixo, julgando ser somente um caderninho usado,

velho e totalmente preenchido. Dele restaram apenas as primeiras páginas transcritas. De qualquer forma, a maior parte do material está a salvo.

## ISIDORO VIRGÍNIO E OS ESCRITOS DA GUERRA DE CANUDOS

Em 18 de março de 1897, o batalhão de Isidoro Virgínio partiu de Alegrete para Canudos, onde ficaram até o final da guerra. O 12º Batalhão de Infantaria era conhecido como o “Treme-Terra”, alcunha dada na Guerra do Paraguai. Eram os “Centuros Apeados” de Euclides da Cunha. Eram os “Maragunços”, aglomeração das palavras maragatos e jagunços, criando um vocábulo que circulou como um chiste pelos jornais, por um período curto, em tom sarcástico e jocoso.<sup>2</sup>

Naquele momento, o “Treme-Terra estava sob o comando do coronel Sucupira, enviado especial de Floriano Peixoto para ocupar o lugar do antigo comandante, deposto no silencioso golpe de Saicã, em 1892. Conforme Isidoro Virgínio, o batalhão acampado em Alegrete estava assim formado:

“Na aldeia do acampamento há para mais de 900 pessoas, entre mulheres e crianças.[...] Bem poucos são aqueles que não tem a sua costela. Um acampamento de uma corporação são dois acampamentos. O da frente da corporação e o de trás, a retaguarda da família dos praças da corporação. Basta ver um batalhão ou regimento em marcha, quer em tempo de paz ou em tempo de guerra, mulheres e crianças que fedem a rato, satisfeitos por terem o seu direito de barraca”.(AVMV, p. 195-196).

Em 2 de abril de 1897, o batalhão chegou em Salvador, ficando aquartelado no Forte de São Pedro. Nesse período, Isidoro Virgínio escreveu dois novos capítulos: “Para Alegrete” e “Para Canudos”. O último foi escrito entre 4 e 8 de abril. Nele, Isidoro descreve o deslocamento da tropa que partira “*em cumprimento do dever*”(AVMV, p.206). A imprensa teve papel fundamental na construção do inimigo no imaginário popular, para quem Antônio Conselheiro passou a ser um perigo para a República. Após a derrota do coronel Moreira César, Júlio de Castilhos preencheu as páginas de seu jornal, “A Federação”, conclamando todos contra Canudos. O discurso do perigo monarquista também convenceu Isidoro de que a luta contra o Belo Monte tinha um propósito digno. Conforme explicou: “*No presente momento, a jovem*

---

<sup>2</sup> GALVÃO, Walnice Nogueira. No Calor da Hora: a guerra de canudos nos jornais, 4ª Expedição. São Paulo: Atica, 1974, p. 34, p. 372.

*República está correndo grande perigo, lá nos inóspitos sertões baianos. Já, quatro expedições militares, uma derrotada e quatro aniquiladas pelos fanáticos do monge Antônio Conselheiro.*”(AVMV, p.207).

Em 9 de abril de 1897, Isidoro encerrou seus escritos em Salvador e seguiu para Sergipe. Em 14 de abril chegavam em Aracaju, partindo no dia 19 para Canudos. Nesse período, Isidoro Virgínio escreveu dois capítulos durante seu deslocamento: “Na Terra do Vatapá” (que trata da estadia do batalhão em Salvador) e “Para o Sertão”, o último registro feito antes da guerra, em 28 de abril de 1897, na Colônia de Patrocínio.

“Para o Desconhecido” é o título que Isidoro Virgínio deu ao seu novo capítulo, escrito em Salvador, depois da guerra. Nesse episódio, Isidoro fala do deslocamento da tropa pelo sertão, descrevendo aspectos geográficos, o desaparecimento das pessoas nas cidades por onde passavam, entre outras coisas. O próximo capítulo foi chamado de “Nuvens Negras”, no qual ele narra o primeiro encontro de sua coluna com os conselheiristas e, principalmente, a batalha de Cocorobó.

"Quando o corneta do comando da 4ª Brigada repetiu o toque, foi um arranco medonho, aquela massa de homens e baionetas avançando para a frente. Parecia que um vento surdo levava de roldão, cega e louca e vertiginosa carreira. Nos parecia que pedras e arvoredos e gente ía tudo de roldão, qual as fúrias de um Ciclone. Parecia que um pedaço do céu tinha desabado e a terra tremia em seus fundamentos. Foi uma visão pavorosa, e parecia que as duas serras montanhosas se tinham chocado uma contra a outra. [...]. Um surdo ensurdecidor vagava no espaço, [...] era um treme-treme pavoroso de fim do mundo. Tal foi para nós, o visionário pavor do momento. Era de assombrar não só a nós, como a própria natureza do inóspito sertão baiano. Mas, em todo caso, misterioso redutos dos caiporas das matas, estava tomado das invisíveis caiporas do sertão.”. (AVMV, pp.256-7)

Impressiona a força imagética das palavras de Isidoro Virgínio, que nos permitem visualizar a intensidade daquele momento. Para ele, o que estava acontecendo era algo parecido com o fim do mundo, um ciclone apocalíptico que assombrava até mesmo a natureza. E embora o inimigo continuasse escondido, Isidoro dizia que as matas estavam tomadas de caiporas, de seres invisíveis, entes fantásticos que povoavam aquela região.

Os onze capítulos seguintes tratam ainda da Guerra de Canudos e foram escritos no Rio de Janeiro. Neles, estão descritas as experiências do “Morro da Favela” e a tomada de Canudos. Ao longo de sua narrativa, podemos perceber que Isidoro Virgínio traz muitas informações sobre a guerra, como as caçadas humanas em busca de alimentos, com o propósito de comercializar o espólio entre os soldados, que estavam padecendo de sede e fome. Também é marcante a forma como Isidoro pensa tanto os soldados como os conselheiristas. Para ele, todos se comportavam como feras. Os conselheiristas eram vistos como demônios, como falsos cristãos que causavam pavor as tropas, por rezarem durante a noite e se lutarem ferozmente durante o dia. Apesar de considerar que os conselheiristas estavam defendendo o que era seu, mesmo assim não deixava de demonizá-los. Os soldados, por sua vez, também eram vistos como feras. Homens bestializados e embrutecidos pelo chicote, que não tinham coração.

Alguns comandantes também eram vistos como feras, a exemplo do capitão Chachá, que, mesmo ferido, não parava de lutar. Outros eram vistos como mártires e tomados como verdadeiros santos, como o caso do comandante Sucupira, morto em combate. Para Isidoro, o "velho", como era chamado por seus subordinados, assumia junto ao batalhão as funções de um *"pai bondoso"* (AVMV, p.272), por quem as tropas lutariam e morreriam. O ferimento do comandante teve efeito devastador sobre todos: *"Os que carregava a rede do velho enfermo, carregavam com tanto cuidado e zelo, como se fosse um santo no andar. Os que acompanhavam a rede, iam de cabeça baixa, pesarosos e pensativos, e em silencio."*(AVMV, p.274).

A narrativa de Isidoro Virgínio também fala das divergências entre o general Arthur Oscar e o coronel Carlos Telles. Para Isidoro, o coronel Telles teve uma atitude verdadeiramente heroica, ao libertar seus prisioneiros e impedir que fossem degolados. O que podemos observar é que, embora Isidoro tenha visto os conselheiristas como inimigos, aos seus olhos, a campanha vai se desmoralizando com o passar do tempo. Além da crueldade dos soldados, a degola é um ponto de inflexão. Nesse momento, Isidoro Virgínio repudia e contesta o papel civilizatório da República. Os fuzilamentos em massa de homens, mulheres, idosos e crianças eram *uma "vergonha eterna para a geração que passa, e se diz cristã e civilizada [...] vergonha para a Nação Brasileira."*(AVMV, p.360). Para ele, era um espetáculo macabro que *"fazia doer a alma, dos corações por mais empedernidos que fossem."*

(AVMV, p.360). Aquilo era uma atitude de "*semi-homens ferozes*" (AVMV, p.360), embrutecidos e bestiais.

Embora Isidoro Virgínio tenha escrito os fatos com a intenção de narrar o que realmente aconteceu e sentiu, percebe-se algumas omissões. Por exemplo, na Guerra de Canudos ele não comenta se matou alguém. Na Revolução Federalista acontece a mesma coisa. Talvez, ao transcrever para os cadernos, o velho Isidoro temesse expor essa ferida. Narrou os horrores que os soldados praticaram, mas nunca falou sobre o que fez. Por outro lado, em determinado momento, o soldado comenta que matar na guerra não é pecado. Como dissera, ainda na "Revolução Federalista":

"Triste do filho do velho, que neste mundo só veio para padecer. Pelo rigor da disciplina militar, na estação de Nascente estive para ser fuzilado. Nestes cruéis tempos de guerra, as bandas de música, dos corpos de tropa de linha, há momentos que deixa de ser soldados artistas, para ser brigador. Assim é, que além de todas as formaturas e ensaios. São escalados para piquetes, faxinas e carnações. Que na hora de briga, brigue é natural. Para salvar suas peles e de seus companheiros. Embora não haja perigo, os soldados artistas encostam a lira e pegam no pau de fogo, em vez da lira. Não é justo, possível e razoável, é falta de bom senso. Porque um artista não se faz da noite para o dia, bota tempo."(AVMV, p.151).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A história de Canudos deve ser contada no Rio Grande do Sul da mesma forma que na Bahia. Mas, além de mostrar a trajetória de Antônio Conselheiro e do Belo Monte, os gaúchos devem destacar o envolvimento de Júlio de Castilhos no conflito. Nesse sentido, a narrativa de Isidoro Virgínio caminha nessa direção, pois trata de ambos os temas, já que seu texto é justamente o testemunho de ambas experiências, ligadas pela história de seu batalhão. Desse modo, penso que é importante saber sobre a história da Revolução Federalista, para que possamos compreender melhor as razões da Guerra de Canudos.

Lembrar de Antônio Conselheiro no Rio Grande do Sul é um ato político. Por exemplo, o centenário da Guerra de Canudos quase foi esquecido, ao passo que o centenário de "Os Sertões" contou com vários eventos. Ou seja, o conflito de Canudos ficou esquecido, enquanto a obra de Euclides da Cunha foi bastante comemorada em seu centenário. Cabe ainda salientar que, de 2004 até 2022, nada mais se falou sobre Antônio Conselheiro e muito menos sobre o envolvimento dos gaúchos no conflito.

Da mesma forma, as comemorações em torno do centenário da Revolução Federalista e da Morte de Júlio de Castilhos ignoraram completamente esse tema. Por isso, considero a obra de Isidoro Virgínio importante, já que sua narrativa mostra a interligação entre essas duas histórias.

A partir de seus escritos, podemos ter um legítimo e interessante contraponto à obra “Os Sertões”, de Euclides da Cunha. Isidoro Virgínio leu o “livro vingador”, pouco depois de sua primeira publicação, tomando emprestado de um outro soldado. Segundo disse, a história de Canudos está cercada de verdades e mentiras, como também de ausências. Para ele, Euclides da Cunha não conta tudo.

Enfim, considero que os cadernos de Isidoro Virgínio proporcionam uma releitura de Canudos. Diferente dos demais memorialistas, oficiais do Exército, médicos, jornalistas, políticos, etc, os escritos do soldado apresentam a versão dos de baixo, dos excluídos da República. Como sabemos, a dificuldade em encontrar esse tipo de fonte é bastante comentada, já tendo sido mencionada por muitos historiadores, como Edward Thompson, Carlo Ginzburg, entre outros. Desse modo, a história do soldado Isidoro pode contribuir para ampliar o espectro investigativo da História do Belo Monte e do início da República. Por isso, disponibilizo para o Centro de Estudos Euclides da Cunha os escritos da Revolução Federalista e da Guerra de Canudos, já digitalizados, para que seu depoimento seja efetivamente conhecido e discutido.

## REFERÊNCIAS

CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1997.

GALVÃO, Walnice Nogueira. *No Calor da Hora: a guerra de canudos nos jornais, 4a Expedição*. São Paulo: Ática, 1974.

GOMES, Gínia Maria (org.). *Euclides da Cunha: literatura e história*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

VIRGÍNIO, Isidoro. A Vida Mal Vivida: cadernos de apontamentos. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/u/5/folders/128xYREJMMaMD39rt6jrXz6y9hH1aEIVq>

JOBIM JÚNIOR, Carlos Perrone. *“A Vida Mal Vivida” - Diário de um Maragunço: memórias de um soldado na Revolução Federalista e na Guerra de Canudos (1893-1897)*. Porto Alegre: Dissertação de mestrado/UFRGS, 2002.

JOBIM JÚNIOR, Carlos Perrone. *“A Vida Mal Vivida”*: um estudo sobre o diário do soldado Isidoro Virgínio (1889-1898). Florianópolis: Tese de doutorado/UFSC, 2014.

MACEDO, José Rivair; e MAESTRI, Mário. *Belo Monte: uma história da Guerra de Canudos*. São Paulo: Expressão Popular, 2004.